

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CAMPUS DE MARÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARINÊS AUGUSTA ZANATTA GNOATTO

**A INTERNET E A PRÁTICA DA LEITURA: O USO DA REDE POR
ACADÊMICOS DO SEXTO PERÍODO DO CURSO SUPERIOR DE
TECNOLOGIA EM ALIMENTOS**

DISSERTAÇÃO

MARÍLIA

2015

MARINÊS AUGUSTA ZANATTA GNOATTO

**A INTERNET E A PRÁTICA DA LEITURA: O USO DA REDE POR
ACADÊMICOS DO SEXTO PERÍODO DO CURSO SUPERIOR DE
TECNOLOGIA EM ALIMENTOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Modalidade Minter – UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Câmpus Marília / Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Medianeira, UTFPR/MD.

Área de Concentração: Ensino na Educação Brasileira

Linha de Pesquisa: Abordagens Pedagógicas do Ensino de Linguagens.

Orientadora: Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto

MARÍLIA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

G572i Gnoatto, Marinês Augusta Zanatta.

A internet e a prática da leitura: o uso da rede por acadêmicos do sexto período do curso superior em Tecnologia em Alimentos / Marinês Augusta Zanatta Gnoatto. – 2015.

176 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Programa de Pós-Graduação em Educação. Marília - SP, 2015.

Inclui bibliografias.

1. Educação. 2. Leitura. 3. Internet na educação. 4. Tecnologia educacional. I. Giroto, Cyntia Graziella Guizelim Simões, orient. II. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

CDD (22 ed.): 372.4

Biblioteca Câmpus UTFPR Medianeira

Marci Lucia Nicodem Fischborn 9/1219

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, aos meus pais, filhos e marido, por estarem sempre ao meu lado, principalmente nos momentos de investigação e desenvolvimento desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto, **com quem muito aprendi e a quem dedico um agradecimento muito especial**, pela confiança e parceria firme, pela força afetuosa demonstrada em todos os momentos deste percurso investigativo e, sobretudo, nos mais delicados.

Às pessoas que fazem parte da minha vida, da minha existência, meus queridos pais: Erni Zanatta e Maria Onaide Passarini Zanatta, com respeito e carinho por tudo o que me ensinaram.

Ao meu querido esposo, Estor Gnoatto, pela compreensão de minha ausência mesmo estando presente ao seu lado, nos momentos de produção deste trabalho.

Aos meus filhos Ângelo e Felipe, pela atenção, paciência e incentivo encontrado neste momento importante da minha vida.

A todos os professores, servidores, colegas, e amigos que de alguma forma contribuíram para que este projeto se tornasse realidade.

À Unesp - Marília pela oportunidade de execução do programa Minter com a UTFPR - Câmpus Medianeira.

À UTFPR por proporcionar este programa de mestrado aos servidores do Câmpus Medianeira.

À Fundação ARAUCARIA, pelo apoio, mesmo que indireto, de recursos para tornar viável este programa de mestrado.

“Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter loucura sem ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo.”

Clarice Lispector

MARINÊS AUGUSTA ZANATTA GNOATTO

**A INTERNET E A PRÁTICA DA LEITURA: O USO DA REDE POR
ACADÊMICOS DO SEXTO PERÍODO DO CURSO SUPERIOR DE
TECNOLOGIA EM ALIMENTOS**

Dissertação para obtenção do título de Mestre em Educação

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto
Universidade Estadual Paulista – UNESP – Câmpus Marília
Orientadora

Prof. Dra. Renata Junqueira de Souza
Universidade Estadual Paulista – UNESP – Câmpus Presidente Prudente
Examinadora 1

Prof. Dr. Dagoberto Buim Arena
Universidade Estadual Paulista – UNESP – Câmpus Marília
Examinador 2

MARÍLIA

2015

RESUMO

As informações, atualmente, circulam em diferentes meios de comunicação, inclusive em meios tecnológicos, e o ser humano é o único capaz de, não apenas (re) criar símbolos para comunicar-se, como é dotado, também, de capacidade para adaptar-se às inovações tecnológicas. Nas culturas ocidentais assentadas na lógica da internet, presenciam-se transformações do suporte, assim como da técnica de produção textual em linguagens (verbais e não verbais), contribuindo para uma gradual instauração de novas maneiras de ler. A internet passa a ser vista como a fonte de informação mais presente no dia a dia das pessoas. Pensar, neste meio, é pensar no sujeito navegador como sujeito leitor. Procurei compreender, neste trabalho, como os estudantes do ensino superior de Tecnologia buscam e leem informações encontradas na internet para a produção de trabalhos acadêmicos. Realizei uma pesquisa exploratória, tendo como instrumentos de coleta de dados questionários e entrevistas semiestruturadas. A pesquisa foi ancorada nos estudos de Bakhtin, Marcuschi, Chartier, Santaella, Lévy, Castells, Tamaél, Bajard, Foucambert. O projeto foi desenvolvido com estudantes do sexto período do Curso Superior de Tecnologia em Alimentos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. Os dados analisados revelaram não apenas mudanças ocorridas na maneira de efetuarem as pesquisas acadêmicas, como demonstraram seu comportamento reflexivo com relação aos conteúdos encontrados e extraídos da rede. Como, porém, navegadores possuem capacidades básicas no uso das tecnologias, foi possível notar, nesses estudantes, mudanças positivas em relação à leitura nos meios digitais. Com acesso às informações nesses meios, passaram a ler mais, a diversificar os assuntos lidos e a preocupar-se com a quantidade e com a qualidade do material encontrado na internet, conseguindo assim, de um modo geral, avaliar as fontes de informação. Concluí que é preciso orientar os acadêmicos sobre como procederem às pesquisas nos meios eletrônicos, informando-lhes os sites e os links onde podem encontrar os conteúdos necessários para o desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos, bem como quanto ao cuidado e à atenção que devem ter ao baixarem as informações, alertando-os para os perigos dos conteúdos falsos procedentes de fontes duvidosas. Dessa forma, os estudantes poderão continuar a fazer suas buscas com segurança e confiabilidade.

Palavras-chave: Educação. Ensino superior e tecnologias da informação. Prática de leituras e pesquisa na Internet.

ABSTRACT

Nowadays, the information is present in different means of communication, including technological means, and the human being is the only one capable not only to recreate symbols to communicate, as he is gifted, but also, of capacity to adapt himself to the technological innovations. In the western cultures seat in the internet logic, the support transformations, as well the techniques of text production in languages (verbal and not verbal), contributing to a gradual establishment of new ways to read. The internet passes to be seen as an information source more present in the persons day to day. To think, in this mean, is to think of the navigator subject as the reader subject. I tried to understand, in this research, as the students of the Higher Education in Technology seek and read information found in the internet for the production of academic papers. I performed an exploratory research, having questionnaires and semistructured interviews as tools for data collection. The research was anchored in studies of Bakhtin, Marcuschi, Chartier, Santaella, Lévy, Castells, Tamaél, Bajard, Foucambert. The Project was developed with 6th grade students of the Higher Education of Technology in Feed of the Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. The analyzed data showed that not only the changes occurred in the way of to actualize the academic research, as demonstrated their reflexive behavior with relation to the contents found and extracted from the net. Therefore, as navigators have basic capacities to use the technologies, it was possible to notice, in these students, positive changes in relation to the reading in the digital means. With Access to the information in these means, they started to read more, to diversify the read subjects and to worry about the quantity and with the quality of the found material in the internet, so getting in a general way, to evaluate the information sources. I concluded that it is necessary to guide the academicians how to proceed the researches in the electronics means, informing them the sites and the links where the necessary contents for the development of the academic papers can be found, as well the care and the attention that they need to have when downloading the information, alerting them the risks of the false contents coming from the doubtful. This way, the students will be able to continue their searches with safety and reliability.

Key-words: Education. Higher Education and Technologies of Information. Reading practices and search in the internet.

SIGLAS

ARPA - *Advanced Research Projects Agency*

CBO - Classificação Brasileira de Ocupações

Cedefop - Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional

CEFET/PR - Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná

Cetic.br - Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação

CGI - Comitê Gestor da Internet no Brasil

CST - Alimentos - Curso Superior de Tecnologia em Alimentos

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

OCDE - Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico

ONU - Organizações das Nações Unidas

PCN s - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNAD - Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios

TIC - Tecnologia da Informação e da Comunicação

UIT - União Internacional de Telecomunicações

UNEDs - Unidades de Ensino Descentralizadas

Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
(United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization)

UTFPR/MD - Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Medianeira

VET - Vocational Education and Training

WEB - *World Wide Web* - *www*

TABELAS

Tabela 1 - Aplicativos mais consultados pelos acadêmicos ao acessar a internet, CST -Alimentos, 2014	53
Tabela 2 - Tempo de acesso diário à internet pelos acadêmicos do CST - Alimentos, 2014.	88
Tabela 3 - Aparelhos mais utilizados pelos acadêmicos do CST - Alimentos para conectarem-se a internet.....	89
Tabela 4 - Aplicativos utilizados pelos acadêmicos para interação, CST - Alimentos, 2014	92
Tabela 5 - Habilidades na interação e coordenação de atividades na internet, CST - Alimentos, 2014.....	99
Tabela 6 - Quantitativos dos sites mais utilizados pelos acadêmicos para pesquisar, CST - Alimentos, 2014	102
Tabela 7 - Quantitativo efetuado para ler e salvar informação da internet, CST - Alimentos, 2014.....	114

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Habilidade em compartilhar informações em aplicativos <i>on-line</i>	94
Gráfico 2 - Habilidades no uso de software para trabalhos e atividades acadêmicas	96
Gráfico 3 - Locais utilizados pelos acadêmicos para pesquisar	100
Gráfico 4 - Quantitativo do tipo de busca que utilizam.	111
Gráfico 5 - Quantitativo: habilidades em salvar informações baixadas da internet.	112
Gráfico 6 - Saber organizar as informações baixadas da internet.....	113
Gráfico 7 - Quantitativo para avaliar a confiabilidade do site de busca	124
Gráfico 8 - Utilização do sistema da biblioteca da UTFPR pelos sujeitos pesquisados	136

QUADROS

Quadro 1 - Condutas do acadêmico para verificar a autoria e veracidade da informação, CST - Alimentos, 2014.....	120
Quadro 2 - Dificuldades apresentadas pelos acadêmicos em pesquisar na internet, CST - Alimentos, 2014.	128
Quadro 3 - Estratégias criadas pelos acadêmicos para identificação da confiabilidade do site.....	133
Quadro 4 - O uso da internet para buscar informações diversas	140

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
SIGLAS	10
TABELAS	11
GRÁFICOS	12
QUADROS	13
SUMÁRIO	14
1 INTRODUÇÃO	16
2 O CAMINHO DA PESQUISA: PERCURSO METODOLÓGICO.....	20
2.1 A universidade e o ambiente da pesquisa	22
2.1.1 A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	22
2.1.2 Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Medianeira	22
2.1.3 Curso Superior de Tecnologia em Alimentos	24
2.2 Sujeito da pesquisa.....	25
2.3 Os Interesses da pesquisa	25
2.4 Elaboração dos instrumentos de produção de dados	27
2.4.1 Caracterização do tipo de pesquisa	27
2.4.2 Elaboração do questionário.....	27
2.4.3 Elaboração da entrevista semiestruturada	29
2.5 Realização dos instrumentos de coleta de dados.....	29
2.5.1 Pré-teste do questionário	29
2.5.2 Questionário definitivo	30
2.5.3 Entrevista dos estudantes	31
3 LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E LEITURA	32
3.1 A linguagem como mecanismo de interação humana	32
3.2 A comunicação e as mídias.....	35
3.3 Os gêneros textuais: algumas variantes.....	38
3.3.1 O texto.....	42
3.3.2 Hipertexto	47
3.3.3 O <i>e-mail</i>	52
3.4 Mudança histórica na conduta leitora	54

3.4.1 Olhar histórico sobre a leitura.....	55
3.4.2 Mudanças no suporte alteram a maneira de ler	58
3.4.3 Modo de ser leitor: ato que se aprende	64
4 O SUJEITO DA PESQUISA E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO	74
4.1 A estrutura histórica da internet até os dias de hoje.	76
4.1.1 O espaço digital: termos, definições e entendimentos	79
4.1.2 As habilidades para o uso consciente da internet para pesquisar	81
4.1.3 Habilidades específicas para o uso das tecnologias	82
4.2 Características dos acadêmicos: os usuários das tecnologias.....	87
4.3 Os acadêmicos e as habilidades em utilizar a internet para pesquisar	91
4.4 O acadêmico e as habilidades para avaliar a confiabilidade das informações encontradas na internet.....	116
4.5 O leitor acadêmico e a prática de leitura nos suportes digitais.....	138
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	154
APÊNDICES	159
APÊNDICE (A).....	159
APÊNDICE (B).....	160
APÊNDICE (C).....	162

1 INTRODUÇÃO

O ser humano é o único ser capaz de criar símbolos para comunicar-se, usando sua razão para esse processo. Ao longo da história da humanidade, as invenções do homem sempre foram surpreendentemente criativas e essa criatividade pode ser observada principalmente na área de comunicação. Da fumaça até os meios eletrônicos, pode-se dizer que a mola propulsora da capacidade do ser humano em buscar, (re)criar, descobrir novos meios para comunicar-se está relacionada às necessidades de convivência com o outro, assim como às necessidades de expressão e de registro das informações. Através do contato com o outro, o ser humano foi e é capaz de inovações e assim, por meio da interação, a humanidade constrói sua história.

O homem criou, desenvolveu formas de interagir, de registrar, de guardar informações, para que fossem usadas ou repassadas às gerações futuras. Diferentes suportes foram surgindo e, conseqüentemente, diferentes materiais foram sendo utilizados. A partir dos meios de comunicação criativos e inovadores deixados pelos antepassados, consegue-se desvendar e conhecer os caminhos da história da humanidade ao longo dos séculos e, em função disso, alguns temas como leitura, escrita, leitor e autor são objetos de estudos de muitos historiadores, sociólogos, linguistas, filósofos.

Ao longo dos séculos, e a partir do avanço das tecnologias, novos modos de comunicação surgiram, assim como modos variados de leitura e novos perfis de leitores e produtores de textos. A comunicação entre os seres humanos teve sua contribuição respeitosamente reconhecida na formação do mundo cultural. Este ato passa necessariamente pela aquisição da linguagem, que, por sua vez, é instrumento de interação e está em constante mudança, uma vez que é dinâmica.

A popularização das Tecnologias da Informação e da Comunicação - TIC, em todas as esferas de convivência (econômica, social, cultural, profissional e lazer) é uma realidade que pode ser constatada nos mais diversos lugares, seja nas casas, nos locais de trabalho, nos restaurantes, nos shoppings, nos clubes, e sua incorporação no dia a dia do homem tem ampla visibilidade. Capacidades e habilidades são (re) criadas diariamente, permitindo afirmar que sem o domínio do uso das tecnologias é cada vez mais difícil viver. Qualquer atividade nos dias de

hoje ficará comprometida se o sujeito não dominar de forma consciente os meios tecnológicos.

No meio educacional não é diferente; há exigências com relação ao uso de novas tecnologias para o ensino e para a aprendizagem. O uso constante do computador e de *softwares* exige do professor e do estudante habilidade no manuseio das TICs. Tal prática foi verificada por mim, ao longo dos anos de trabalho desenvolvido na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Medianeira - UTFPR/MD. No meu contato diário com alunos, em rotinas de trabalho, foi possível perceber algumas dificuldades que envolviam o uso do computador e o acesso à internet.

Os estudantes tinham dificuldades em buscar conteúdos de interesse acadêmico, sobre legislações e regulamentos, ou usar recursos e ferramentas disponibilizados pela universidade; não pesquisavam sobre vagas de estágio e de emprego; não buscavam se informar sobre empresas da área do curso e nem liam notícias divulgadas na página do Câmpus. Questionava-me sobre essas dificuldades em buscar informações nas páginas disponibilizadas na rede e, em conversas informais, percebi que a questão não estava na falta de computador, ou de acesso à internet, mas o problema da desinformação persistia. Por quê?

O uso das tecnologias, as múltiplas utilidades do computador e o acesso diário à *web* têm influenciado diretamente os meios educacionais. Nesse sentido, estudar o uso da internet por graduandos é um problema relevante, e a discussão dessas situações do dia a dia me inquietava e proporcionou, em linhas gerais, a formulação da “questão problema”, quando surgiu a oportunidade de fazer mestrado em educação. Nesse momento, a decisão foi entrar no mestrado com um projeto que me ajudasse a compreender o que acontecia e acontece em relação à utilização dos meios de comunicação pelos alunos e, neste caso específico, ao uso da *web* para interação, leitura e busca de informações de nível escolar e profissional.

Percebi que o universo da pesquisa estava pronto, uma vez que, conforme orientação de Gil (2009, p.17), “a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema”. Consideradas a preocupação e a necessidade de se entender por que essas situações vêm acontecendo e o fato de

que eu não tinha as respostas, assim como não compreendia o que acontecia e acontece com os estudantes, nesse momento dos questionamentos decidi pela proposta de trabalho.

Pautada nesse contexto, esta pesquisa foi realizada na UTFPR/MD, com os graduandos do sexto período do Curso Superior de Tecnologia em Alimentos, na cidade de Medianeira, Paraná, e teve como objetivo ***Compreender como os estudantes do ensino superior buscam e leem informações encontradas na rede para a produção de trabalhos acadêmicos.*** Diante deste objetivo geral, houve a necessidade de:

1. constatar as habilidades dos graduandos na utilização da internet para efetuarem pesquisas de trabalhos acadêmicos, como, por exemplo, buscar, encontrar, identificar e salvar a informação desejada;
2. verificar como os estudantes avaliavam a confiabilidade e a qualidade da informação pesquisada/acessada, identificando autor, site, procedência, relevância;
3. analisar se o acesso à internet auxilia e melhora a prática de leitura, proporcionando o desenvolvimento do ato leitor.

Para alcançar os resultados, foram utilizados dois instrumentos de pesquisa, aplicados aos graduandos: um questionário composto por 30 questões estruturadas com alternativas de múltipla escolha e abertas (apêndice A) e uma entrevista semiestruturada (apêndice B), composta por roteiro de 20 questões.

A dissertação está organizada em cinco partes. Na primeira, dedicada à Introdução, descrevo a organização da pesquisa, buscando esclarecer os interesses que me levaram ao estudo aqui apresentado.

Na segunda parte, o primeiro capítulo apresento o percurso metodológico. O universo da pesquisa, o ambiente da realização, composto pelo histórico da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, o Câmpus Medianeira e o Curso Superior de Tecnologia de Alimentos – (CST – Alimentos). Os sujeitos da pesquisa, os caminhos percorridos pelo estudo, a construção e a aplicação dos instrumentos de geração dos dados, assim como o desenrolar das ações de investigação.

Logo em seguida, na terceira parte, segundo capítulo, abordo assuntos referentes à interação entre a linguagem e os gêneros textuais; a comunicação e as mídias; a leitura e as mudanças ocorridas na conduta leitora, com a atenção voltada para os mecanismos responsáveis por essas mudanças em todas as esferas socioculturais. Figuram, nesse capítulo, os caminhos percorridos pela humanidade nas práticas de leitura, as mudanças sofridas no ato de ler; no olhar atento à apropriação de atitude e capacidade leitora dirigida à autonomia do ser humano. Os estudos foram referenciados por pesquisadores como Bakhtin (1997, 2002, 2004), Marcuschi (2013), Hartmann (2010), Teruya (2006, 2009), Chartier (1994, 2002, 2009, 2011), Bajard (2005, 2007), Foucambert (2008) e Zilberman (2001).

O terceiro capítulo, na quarta parte, diz respeito às capacidades e habilidades do sujeito no uso das tecnologias da informação e da comunicação. Estas, por sua vez, estão relacionadas à interação necessária exigida nesse espaço proporcionado pelo digital. Trago os resultados encontrados nas análises dos dados, integrando-os com as discussões anteriores juntamente com as interpretações e as inferências ocorridas ao longo do estudo aqui apresentado. Para tanto, utilizei os referenciais teóricos citados no segundo capítulo, incluindo outros como: Lévy (1999, 2011a, 2001b), Santaella (2004, 2011), Romaní (2009, 2012), Xavier (2002, 2005, 2010, 2012), Cabero e Cejudo (2006, 2010), Tomaél (2001, 2004), que se fizeram necessários na interpretação e finalização das análises.

Por último, nas considerações finais, do trabalho, estão expostas as reflexões, as sugestões e as contribuições evidenciadas na análise dos resultados, como também dos caminhos que percorri na pesquisa.

2 O CAMINHO DA PESQUISA: PERCURSO METODOLÓGICO

O processo de comunicação do acadêmico leitor é uma preocupação inquietante de muitos pesquisadores, estudiosos e professores, como veremos mais detalhadamente nos próximos capítulos. Nos diversos níveis de ensino, da alfabetização ao ensino superior, estudiosos têm se dedicado a compreender como ocorre o processamento da leitura. Na atual conjuntura, frente aos suportes tecnológicos, os estudantes estão em contato com uma infinidade de meios comunicacionais, computadores, *notebooks*, *tabletes*, *smarthphones*, celulares, todos com a possibilidade de conectar-se à internet. As tecnologias estão presentes no dia a dia de praticamente todas as pessoas em diferentes segmentos, tais como: econômico, educacional, social, lazer, entre outras aplicações indispensáveis no cotidiano contemporâneo. Uma das principais fontes de informação é a *web*, que faz com que se possa dizer que hoje é quase inconcebível imaginar a vida, as atividades, sem o uso da rede mundial de computadores.

Nos últimos dez anos venho exercendo atividades no Departamento de Estágio da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Medianeira. Percebo que o uso do computador e o acesso à internet são ferramentas de comunicação indispensáveis para muitas atividades diárias de trabalho. O Departamento é caracterizado principalmente pelas atividades relacionadas à divulgação de vagas de estágio e empregos; ao agendamento de visitas técnicas às empresas; à emissão de documentação para estágio; a palestras para os calouros, bem como atendimento presencial ao acadêmico nas questões que envolvem estágio. Nessas rotinas diárias de trabalho, no contato com estudantes, foi possível perceber algumas dificuldades que envolviam o uso do computador, o acesso à rede, pelos graduandos, para buscar informações pertinentes aos temas expostos.

Na UTFPR – Câmpus Medianeira, o estudante tem à sua disposição, inúmeros programas, tais como: Sistema Acadêmico; Sistema da Biblioteca; Sistema Integrado de Estágio; acessos a sites de pesquisa e periódicos. No *site* do câmpus, o aluno tem acesso a serviços, informações, leis, regulamentos, consultas a dados pessoais, página de professores, entre outros.

Para os estudantes, especificamente, encontram-se à disposição: internet 24 horas por dia, para qualquer dispositivo eletrônico; vários laboratórios de Informática,

para uso de atividades que contribuam para o desenvolvimento social e profissional dos graduandos, sala de estudo 24 horas, com computadores e acesso à *web*; biblioteca com computadores para uso e acesso a qualquer tipo de *link* de pesquisa. Logo, são muitas as possibilidades disponibilizadas aos alunos, o que permite afirmar que atualmente se vive a cultura de que “todos têm acesso à internet”: em casa, no trabalho, na instituição de ensino.

No entanto, a inquietação sobre várias questões permanecia: por que os acadêmicos não estão pesquisando assuntos relevantes ao curso, a emprego e a estágio, assim como ao conhecimento sobre empresas, ou área de trabalho? Por que têm dificuldade para pesquisarem legislações e normativas acadêmicas? Por que têm dificuldade de localizar no portal do Câmpus os horários, e-mail dos professores, por que eles encontram dificuldades em ler as informações e fazerem uso delas para o desenvolvimento acadêmico profissional? Em conversas com alguns estudantes sondei o porquê dessas dificuldades e percebi a hesitação que os dominava, talvez pelo próprio desconhecimento de tais utilidades, programas e ferramentas a sua disposição. Nas palestras aos ingressantes dos cursos, por exemplo, questionava-os se, alguma vez, tinham procurado por *sites* de empresas em que gostariam de trabalhar, estagiar, se já haviam buscado informações relacionadas a áreas de formação, ou relacionadas ao curso em que estavam frequentando. Nessas palestras percebia-se no rosto dos estudantes a expressão de espanto, muitos nunca tinham acessado nenhuma das sugestões citadas acima, o que se revelou no mínimo curioso e preocupante.

O interesse pela pesquisa surgiu dessas situações percebidas acima. Se os acadêmicos têm computador, têm acesso à internet o dia todo, o que eles estão fazendo nesse tempo em que estão conectados? Que tipo de conteúdo leem, buscam, procuram, pesquisam? Por que não acessam páginas de interesse acadêmico? Por que têm dificuldade em preencher um simples formulário *on-line*? Por que não enviam o currículo para uma vaga de estágio ou emprego? Por que não leem informações pertinentes ao meio acadêmico e profissional? A questão problema estava levantada. Os estudantes têm dificuldade no uso das TICs, principalmente no que se refere ao uso da *web*.

O universo da pesquisa estava formado, conforme o exposto nos parágrafos anteriores, visto que, reafirmando Gil (2009, p.17), “a pesquisa é requerida quando

não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema”.

A seguir, apresento os pontos integrantes da pesquisa. Inicialmente um histórico da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e, na sequência, o Câmpus Medianeira, onde foi caracterizado o ambiente do presente estudo. Nos itens seguintes, discorri sobre os sujeitos, os objetivos, o percurso e o caminho percorrido, até a obtenção dos dados que estão analisados no terceiro capítulo deste trabalho.

2.1 A universidade e o ambiente da pesquisa

2.1.1 A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

Essa Instituição, fundada no ano de 1909, foi a primeira de Ensino Técnico que se elevou à Universidade Tecnológica, assim denominada no Brasil. Ela nasceu como Escola de Aprendizes Artífices, sendo que *“o ensino era destinado a garotos de camadas menos favorecidas da sociedade, chamados de ‘desprovidos da sorte’*. A escola tinha como objetivo fomentar a mão de obra à indústria, que em contrapartida resolveria uma questão social, pois os meninos daquela época estavam expostos à marginalidade. A UTFPR herdou uma longa e expressiva trajetória na educação profissional. Atualmente a instituição tem como principal foco a graduação, a pós-graduação e a extensão, oferecendo, nos níveis superiores, as engenharias, as tecnologias, os bacharelados e as licenciaturas, mas também atende à necessidade de pessoas que desejam qualificação profissional de nível médio, ofertando cursos técnicos em diversas áreas do mercado: técnicos de nível médio integrado e técnicos de nível médio subsequentes, na modalidade à distância; estes últimos distribuídos entre os estados do Paraná e de São Paulo. Cada câmpus oferta cursos planejados de acordo com a necessidade de cada região em que se localiza. (LEITE-UTFPR-PR, 2010)

2.1.2 Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Medianeira

A unidade de Medianeira surgiu em decorrência da solicitação feita ao Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná CEFET-PR pelo Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico à Educação – CEDATE, órgão vinculado ao

Ministério da Educação - MEC. Este órgão enviou uma solicitação ao CEFET-PR para que este projetasse e construísse unidades de ensino descentralizadas nas cidades de Medianeira e Cornélio Procopio. Estas unidades vieram suprir a escassez de Escolas Técnicas e Industriais de 2º grau no País, conforme estudos do Ministério da Educação e Cultura, decorrentes da expansão industrial no território Nacional. Na Região Oeste do Paraná estavam surgindo parques industriais que se tornavam polos de desenvolvimento; portanto, faltava pessoal qualificado para atender às necessidades das indústrias. Dessa maneira surgiram as Unidades de Ensino Descentralizadas – UNED's, que se integrariam à rede Federal de Educação Tecnológica. Em 1990, o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico fez com que a instituição implantasse os cursos profissionalizantes.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN), de 1996, que não permitia mais a oferta dos cursos técnicos integrados, a Instituição, tradicional na oferta desses cursos, decidiu implantar o Ensino Médio e cursos de Tecnologia. Com essa lei abriu-se a possibilidade dos cursos de Tecnologia no antigo CEFET-PR.

A implantação da Universidade e dos cursos no Oeste do Paraná deu-se em razão de outras necessidades como a produção agrícola e a pecuária. Observou-se também o crescimento dos setores econômicos nas áreas de agricultura (soja) e de pecuária (carne); porém, os setores indicados como predominantes da economia do Estado do Paraná, para investimento e desenvolvimento de indústrias na Região Oeste, foram de ordem predominantemente agroalimentícia. Essas informações, aliadas a outras variáveis relevantes, como a necessidade de profissionais em áreas específicas de alimentos, fundamentaram a necessidade de se criar um curso com perfil na área de alimentos. O Câmpus foi estrategicamente posicionado no oeste do Paraná, uma vez que essa região ostenta expressiva importância na economia paranaense. O desenvolvimento regional pode ser retratado pela articulação entre os complexos: soja, carnes, rações e milho. (PROJETO DE ABERTURA DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM ALIMENTOS, 2006, p. 9). No Câmpus Medianeira, os primeiros cursos implantados foram nas áreas de alimentos e eletromecânica.

2.1.3 Curso Superior de Tecnologia em Alimentos

A proposta de abertura do Curso Superior de Tecnologia em Alimentos passou por este viés de análise, especialmente de forma a identificar as possibilidades de crescimento industrial e potencialmente de produção. “O Curso de Tecnologia em Alimentos unifica as áreas de carnes, laticínios, vegetais, grãos e bebidas, de modo a ampliar os conhecimentos dos acadêmicos, possibilitando o acesso ao mundo do trabalho na grande área de alimentos”. (PROJETO..., 2006, p. 5). O Curso nasce com objetivos definidos para atender ao seguimento produtivo da região oeste do Paraná.

Nos objetivos da implantação do curso encontra-se a finalidade relacionada diretamente com a demanda criada pelo mercado profissional, visando à formação dos profissionais da área de alimentos para:

Disponibilizar ao mercado de trabalho profissional de nível superior com competências em tecnologia de alimentos, adequado à realidade do desenvolvimento tecnológico. Inserido no contexto social e humano, atendendo às exigências da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - Lei nº. 9.394/96, o Decreto 5.154, o Parecer nº. 436/01, e as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional de Nível Tecnológico - DCN, de 03/12/02. (PROJETO..., 2006, p.8)

Nos objetivos específicos do curso a prioridade é a competência e a habilidade para o exercício da profissão, conforme as ações previstas na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO. Várias são as atribuições necessárias para os profissionais atuarem no mercado em constante transformação, tais como: planejar serviços, programar atividades, administrar, gerenciar recursos, promover mudanças tecnológicas e aprimorar condições de segurança, qualidade, saúde e meio ambiente, distribuídas nas funções, até o controle de qualidade do produto acabado; atuação na pesquisa e desenvolvimento de novos produtos, processos e metodologias analíticas na área de alimentos. Com objetivo constante de efetuar adaptações curriculares, a instituição de ensino preocupa-se com empregabilidade, flexibilidade às novas exigências de mercado e a competitividade do trabalho, pois o objetivo central é formar e empregar estes profissionais. (PROJETO..., 2006).

A escolha do Curso Superior de Tecnologia em Alimentos para a pesquisa não foi acidental, porque partiu de um interesse maduro e consciente. Foi um dos primeiros cursos a serem implantados no Câmpus. O quadro de professores está bem estruturado: doutores e mestres na área de alimentos. A área de alimentos tem

uma história de aproximadamente 20 anos no Câmpus, o que garante um amadurecimento, efetivamente consolidado. Do ponto de vista do pesquisador, essa maturidade proporciona segurança no aspecto de credibilidade.

Trazer os aspectos do curso e as características que o tornaram realidade no oeste do Paraná é interessante para situar o leitor nas inúmeras interferências que trazem e que levam o pesquisador ao encontro do objeto de estudo. A proposta não partiu de uma ideia vaga ou especulativa, mas teve suas razões, conforme esclarecimentos anteriores, e os dados estão amparados em situações reais e sólidas, partindo de pontos relevantes como a história, o contexto social, cultural, as necessidades profissionais e acadêmicas, uma vez que a implantação de um curso, bem como a formação de um profissional, passa por reflexões desta natureza. Contudo, no momento da pesquisa os sujeitos são únicos e as respostas não se repetem, o que leva a considerar que o que se concluiu neste trabalho pode variar em outro momento com outro grupo.

2.2 Sujeito da pesquisa

Para determinação dos sujeitos, optei pela amostra intencional de 27 estudantes do sexto período do Curso Superior de Tecnologia em Alimentos. A escolha destes graduandos ocorreu considerando alguns critérios a seguir:

- a heterogeneidade, em relação à idade, ao gênero, à cultura;
- o fato desses alunos estarem no penúltimo período de disciplinas presenciais, o que facilitaria o contato com o sujeitos;
- terem concluídos três anos de curso, atingindo maturidade acadêmico-profissional;
- serem estudantes do ensino superior e de instituição pública;
- serem graduandos do período noturno.

2.3 Os Interesses da pesquisa

Definir um projeto de estudo requer esforço antes, durante e depois de defini-lo. Em reuniões com a orientadora, percebemos que precisávamos definir objetivos possíveis de verificação, tendo em vista as inquietações e os

questionamentos levantados no decorrer das conversas por e-mail, neste vai e vem de ideias, até o amadurecimento do projeto, que foi ocorrendo no decorrer dos meses. As leituras foram se aprofundando, surgiram novos questionamentos e as incertezas foram companheiras frequentes ao longo dos estudos. A sensação de dúvida, de imaturidade acadêmica que me acometeu foi à mesma externada por outros estudiosos. Para o pesquisador e professor Arena (1996) apud Ghaziri (2008, p.17)

Selecionar o objeto de pesquisa significa, portanto, botar o olhar no aparentemente óbvio para, a partir desse olhar sensível, esboçar perguntas que se reformularão continuamente durante todo o processo de investigação. Alcançarão a maturidade quando estiverem se submetendo às análises dos dados durante o processo de exposição (ARENA, 1996, p. 13)

Paralelamente, cursando as disciplinas presenciais e efetuando os primeiros contatos de reconhecimento do assunto, iniciei o processo de desenvolvimento da pesquisa. À medida que os conceitos foram sendo internalizados ocorreu a interação com o tema, a reflexão e a apropriação de conceitos, causados pela dedicação. Impulsionada por esses fatores um novo entendimento do ato de ler começou a surgir, uma vez que, conforme as palavras de Bajard “as leituras não podem operar sem um mínimo de concentração e meditação.” (BAJARD, 2005, p. 110). Assim, se por um lado, a complexidade dos estudos aumentava, por outro, passei a compreender melhor os detalhes dos objetivos incluídos na proposta de estudo.

Em muitos momentos da pesquisa o sentimento de solidão pairava no ar, sentia o que muitos pesquisadores já relataram. O caminho, aparentemente rodeado de informação, de pessoas, ou mesmo incluso em determinado meio, é, sem dúvida, isolado, e solitário e só pertence ao indivíduo. Nas palavras do estudioso Foucambert esse momento da aprendizagem se caracteriza como a “interação do indivíduo na sua totalidade com o ambiente, está diante da construção contínua do sujeito por ele mesmo”. (FOUCAMBERT, 2008, p. 48). Percebi definitivamente que a aprendizagem, própria do indivíduo, acontece em qualquer idade. A convivência com o conteúdo, o aprofundamento das leituras levou-me ao entendimento e à compreensão do que Foucambert diz em relação à aprendizagem, ao afirmar que ela é individual e só pertence ao sujeito.

O processo de pesquisa é complexo, envolve várias vertentes teóricas, que parecem confundir o pesquisador ao ponto de descobrir que quanto mais se

conhece do assunto mais se faz necessário conhecer. Novas reuniões de orientação seriam oportunas para ampliar as discussões. Contudo, em concordância com a orientadora, as sugestões foram sendo acatadas e a proposta final do projeto estava pronta depois de um período curto de aproximadamente 18 meses.

Para alcançar os objetivos apresentados na introdução deste trabalho foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados, aplicados aos estudantes. O primeiro foi o questionário aplicado aos acadêmicos, chamado de “Questionário *on-line*”, e o outro instrumento foi a entrevista semiestruturada. No próximo item apresento detalhadamente a elaboração dos instrumentos.

2.4 Elaboração dos instrumentos de produção de dados

2.4.1 Caracterização do tipo de pesquisa

O presente estudo tem caráter exploratório. Gil (2009, p. 41) define a pesquisa exploratória como o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. O planejamento pode ser bastante flexível, porém assume o caráter bibliográfico ou o estudo de caso, sendo possível elaborar considerações dos mais variados aspectos relativos ao objeto de estudo proposto.

Na pesquisa exploratória optei pelo estudo de um grupo de acadêmicos que se enquadrou no estudo de caso. Para Gil (2009), nesta metodologia utilizam-se estudos exploratórios e descritivos, para as pesquisas que buscam respostas relativas a causas de um determinado fenômeno. Assim, pode aplicar variados instrumentos de coleta de dados, defini pelo questionário, e pela entrevista semiestruturada. Ambos foram aplicados aos estudantes do sexto período do Curso Superior de Tecnologia em Alimentos.

2.4.2 Elaboração do questionário

O questionário é bastante recomendado como instrumento de coleta de dados na pesquisa exploratória, pois possibilita ao pesquisador formular as questões para atender diretamente às propostas do trabalho. Segundo Gil (2009, p. 116), o questionário atenderia basicamente à tradução dos objetivos específicos da investigação, em itens bem redigidos para a contemplação dos resultados pretendidos. A elaboração do questionário foi cuidadosamente pensada, levando em consideração diversos critérios propostos por Gil:

- foram elaboradas questões fechadas e discursivas, com objetivos de atender às várias possibilidades de respostas, embora pretendendo uma resposta específica;
- as perguntas foram elaboradas em linguagem clara e precisa;
- preoquei-me em elaborar questões, considerando a realidade do estudante, bem como o nível de sua informação;
- iniciei o questionário com questões mais simples, até as de maior complexidade;
- cuidei da apresentação gráfica do questionário, tendo em vista o preenchimento mais fácil;
- elaborou-se uma pequena introdução com os dados sobre a importância da pesquisa;

Na construção do questionário foram feitas inúmeras tentativas até se chegar à sua versão definitiva, e os itens acima foram efetivamente considerados para atender aos objetivos do trabalho.

A versão final do questionário, aplicada aos acadêmicos, tinha 30 questões, que versavam sobre os objetivos específicos apontados na introdução desta dissertação; e as características do leitor usuário da rede, a seguir a categorização dos quatro eixos temáticos:

1. Características dos sujeitos da pesquisa, usuários das tecnologias;
2. Os acadêmicos e as habilidades em utilizar a internet para pesquisar;
3. Os acadêmicos e as habilidades para avaliar a confiabilidade das informações encontradas na internet;
4. O leitor acadêmico e a interação com os suportes digitais.

O questionário estava pronto. Em conversa com a orientadora, decidimos utilizar o *Google docs*¹. A opção por esta ferramenta se deu pela escassez de tempo, e pelas vantagens decorrentes do uso deste aplicativo.

¹ Ferramenta disponível no *gmail*, em *Google Drive*, que possui várias opções de uso, e é disponibilizada gratuitamente, desde que se tenha uma conta *gmail*.

A utilização do questionário *on-line* poupou-me serviço. Para auxiliar-me no uso da ferramenta do *Google docs*, contei com a ajuda do professor Marlos Wander Grigoletto que se disponibilizou a digitalizar as questões na plataforma *Google drive*. A ajuda do professor poupou serviços operacionais de digitalização e da coleta de dados, possibilitando o acompanhamento diário da pesquisa pelo aplicativo. Conforme os alunos respondiam o questionário *on-line*, os dados eram armazenados em Planilhas do Excel. Estes dados ficaram disponíveis para consulta e acompanhamento do preenchimento e dos resultados em tempo real, através de gráficos que o aplicativo disponibiliza ao usuário.

Todo processo de elaboração do questionário iniciou-se em fevereiro de 2014 e percorreu um longo caminho até a coleta final dos dados. A aplicação do questionário ocorreu no período de 30/05/2014 a 15/06/2014. Nesses quinze dias a minha dedicação foi exclusiva e exaustivamente à sensibilização e ao contato direto com os acadêmicos para que respondessem ao questionário.

2.4.3 Elaboração da entrevista semiestruturada

A elaboração do roteiro para a entrevista semiestruturada foi construído a partir da primeira análise dos dados obtidos com a aplicação do questionário. Foram primeiramente elaboradas 15 questões que serviriam de roteiro para a entrevista. O teste para avaliar e validar o roteiro das entrevistas semiestruturadas foi realizado com dois estudantes do quinto período do curso de Tecnologia em Alimentos. Após a aplicação do teste, algumas questões foram alteradas e o roteiro final ficou composto por 20 questões.

2.5 Realização dos instrumentos de coleta de dados

2.5.1 Pré-teste do questionário

A implementação do pré-teste do questionário é tarefa necessária, tendo o objetivo, segundo Gil (2009), de avaliar e garantir que meçam exatamente o que se pretende medir na pesquisa. Apliquei o teste a quatro alunos do quinto período do Curso Superior de Tecnologia em Alimentos. A escolha destes estudantes ocorreu por fazerem o mesmo curso, pela maturidade acadêmica, por terem cursado mais de 60% do curso e pelo fato de muitos de seus professores serem os mesmos do sexto

período, concluindo-se, portanto, que a metodologia utilizada pelos professores seja semelhante nos dois períodos.

O pré-teste do questionário foi entregue em sala de aula após sensibilização e explicação do objetivo. A opção pelo pré-teste impresso facilitou o contato com os acadêmicos para esclarecer as dúvidas no momento do preenchimento, tanto as relacionadas ao preenchimento das alternativas, quanto as referentes à interpretação e à compreensão da questão, como também me auxiliou na elaboração do roteiro definitivo. Com as correções feitas pude aplicar o questionário aos estudantes sujeitos da pesquisa.

2.5.2 Questionário definitivo

A realização definitiva do questionário percorreu um longo caminho. Foram feitas várias reuniões com a Coordenadora do curso de Tecnologia em Alimentos, professora Cristiane Canan, que sempre se mostrou receptiva ao desenvolvimento do trabalho, repassando-me a lista de professores, os mapas das aulas e os mapas das disciplinas com os nomes dos alunos matriculados. A professora colaborou também no envio de *e-mails* aos professores e alunos, avisando-os da pesquisa, proporcionando o primeiro contato de sensibilização e, com isso, criando um ambiente receptivo e favorável à pesquisa.

Num segundo momento de sensibilização visitei os acadêmicos em sala de aula. Iniciei com as disciplinas com maior número de matriculados. O primeiro problema encontrado foi a quantidade de alunos em sala de aula. Na primeira disciplina visitada, dos 22 matriculados, apenas 12 estudantes estavam em sala.

Procedi à sensibilização, junto aos graduandos encontrados nas salas de aula visitadas, apresentei o projeto, os objetivos, conversamos sobre o interesse do estudo, e convidei-os para participarem. Os acadêmicos presentes foram unânimes em aceitar a participação na pesquisa. Aproveitei esse momento de contato pessoal para colher as assinaturas no Termo de Consentimento. Expliquei como seria a aplicação do questionário e após essa reunião em sala, passei os questionários via *e-mail*, pelo aplicativo do próprio *Google docs*.

Com a dificuldade de encontrar todos os acadêmicos em sala de aula, precisei alterar a metodologia para abordá-los, tendo de entrar em contato via *e-mail* com os estudantes faltantes, em número de 15, aproximadamente. No *e-mail* falei

dos objetivos, procurei sensibilizá-los sobre a importância e participação, enviei via *e-mail* os questionários, porém percebi que os questionários não estavam sendo respondidos.

Face à necessidade de alterar a metodologia de contato com os estudantes, ocorreu-me utilizar um aplicativo que atualmente vejo como uma “febre” entre os adolescentes, o uso do *facebook*, e adicionei os 15 acadêmicos faltantes, como amigos. Para minha surpresa, este meio de comunicação se apresentou eficiente. Percebi a rapidez com que me adicionaram e conseqüentemente comecei a conversar com eles via *inbox*².

Nos primeiros contatos indaguei se tinham recebido o *e-mail* com o *link* da pesquisa. Todos tinham recebido, questionei por que não tinham respondido ao questionário e convidei-os a responder novamente. Os contatos pelo *facebook* ficaram mais pessoais e foi possível perceber a confiança dos estudantes, revelada nas respostas que foram aparecendo nas estatísticas do aplicativo. À medida que as conversas aconteciam informais, os acadêmicos mostravam-se receptivos aos objetivos, propondo-se a participar efetivamente. O preenchimento *on-line* do questionário ocorreu no período de 28/05/2014 a 16/06/2014.

2.5.3 Entrevista dos estudantes

As entrevistas semiestruturadas aconteceram no período de 14 a 18 de julho, nos períodos da tarde e da noite, e foram entrevistados seis acadêmicos do sexto período do CST – Alimentos, contactados por *e-mail* e pelo *inbox do facebook*. Marquei com os alunos o dia e o local das entrevistas, que ocorreram na sala de reunião do Núcleo de Alimentos, em função da proximidade desse espaço com as salas de aula, facilitando assim o acesso.

No próximo capítulo abordo as considerações teóricas sobre os conceitos de linguagem na busca pela compreensão de como o homem a utiliza para comunicar-se.

² Caixa de diálogo disponibilizada no *facebook* para oportunizar conversas individuais com outros usuários em tempo real.

3 LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E LEITURA

Para que a linguagem se efetive de forma eficiente ela necessita de suportes e de meios para ocorrer e é o que aconteceu ao longo do tempo, em que as informações circularam em diferentes meios, com o objetivo principal de ser instrumento de interação entre as pessoas, na sociedade. Ao se converter a realidade em signos na forma oral, escrita, iconográfica, imagética ou simbólica, tem-se manifestações da linguagem, adaptadas às necessidades de cada época, e certamente organizando o mundo à sua volta. A linguagem está presente em todas as formas de comunicação que conhecemos, resultado de atividades profundamente determinadas pela vida social, que torna possível a aquisição e o emprego de uma determinada língua para fins comunicativos.

3.1 A linguagem como mecanismo de interação humana

Falar de linguagem exige clareza teórico-conceitual, já que este fenômeno é considerado absolutamente central na existência humana, tanto na vida pessoal, como na convivência social. Neste capítulo abordo o conceito de linguagem na busca pela compreensão de como o homem em diversas esferas da vida a utiliza para comunicar-se, usando sua consciência e fazendo-se humano. Neste sentido busco respaldo nos estudos de Bakhtin.

Para a teoria da enunciação de Bakhtin (1997, 2002, 2004), a linguagem está amparada na filosofia do movimento e ao falar, ao comunicar-se diariamente, o indivíduo altera, modifica, transforma os significados da língua. Consequentemente, o que importa para Bakhtin é o enunciado; assim, para existir, a linguagem precisa de um enunciador e de um destinatário. A linguagem é um ato que se desenvolve na expressão verbal ou escrita entre os participantes.

Um enunciado não é meramente um fato gramatical formal, mas um acontecimento que comanda uma situação histórica discursiva definida, com sujeitos sociais plenamente identificados no processo interacional da interlocução. O enunciado é aqui entendido como toda forma de discurso, de texto, de hipertexto, toda forma de manifestação, de expressão comunicativa. Nesse sentido, o compartilhar de uma mesma cultura direciona ao estabelecimento necessário de um

diálogo. As manifestações necessitam de outro enunciado que as responda, que as leia, que as interprete, que as conheça, mesmo que não tenham expressões exteriorizadas.

A comunicação expressa torna-se responsável pela informação enviada e, conseqüentemente, provoca no outro, interiormente, inquietações, tornando-se, dessa forma, um diálogo sem fim. Na perspectiva da teoria da enunciação de Bakhtin compreende-se que toda linguagem passa a existir num complexíssimo sistema de diálogos, que nunca se interrompe e se constitui num constante reinventar de expressões.

Segundo Bakhtin (2004), a linguagem é vista primordialmente como dialógica. Suas ideias sobre o homem e a vida são marcadas pelo princípio dialógico; nesse sentido, pela interação entre os indivíduos ocorre ação relevante, tanto do uso da linguagem como da consciência, atribuída à interpretação dos signos e dos enunciados por seus interlocutores, que se mostram empenhados em um entendimento simultâneo.

Conforme afirma Bakhtin (2004, p.36), o aspecto semiótico do papel contínuo da “comunicação social” é fator condicionante, que aparece de maneira bastante clara na linguagem. Nesse sentido, a palavra é considerada como fenômeno ideológico por excelência; e toda palavra é absorvida por sua função de signo, sendo o modo mais genuíno e sensível das relações sociais, estabelecido pela linguagem.

Para o pesquisador russo, a linguagem acontece em um tempo determinado, produzida por um sujeito histórico e entendida por outro, por meio do enunciado. Bakhtin refere-se a um ‘mundo em movimento’ e em perene transformação; seu objeto está sempre em processo e não se submete a uma forma fixa e imutável. Os diálogos sofrem mudanças constantemente: não terminam, nem se esgotam os seus significados; toda expressão, toda fala, todo gesto expressa-se por si e com a interação e interpretação do outro, de forma que o movimento se torna contínuo e ininterrupto. Como reforça Bakhtin:

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É,

portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN, 2004, p. 41).

Para Bakhtin (2004 p. 42), “as formas de interação verbal acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social”. Flutuam conforme o interesse de quem as produz e de quem as recebe. As causas, as consequências desses interesses podem variar e alterar-se conforme o diálogo progride ou, retrocede:

...cada época e cada grupo social tem seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de forma pertencente ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde a um grupo de temas. Entre as formas de comunicação (por exemplo, relações entre colaboradores, num contexto puramente técnico), a forma de enunciação (“respostas curtas” na “linguagem de negócios”) enfim, o tema, existe uma unidade orgânica que nada poderia destruir. (BAKHTIN, 2004. P.43).

Dialogando com as teorias de Bakhtin, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) trazem em suas diretrizes atribuições relacionadas às habilidades e capacidades que o estudante deve atingir ao longo de seus estudos, visando a que seja capaz de participar de diferentes contextos sociais, calcados no aprofundamento e desenvolvimento intelectual, com pensamento crítico e flexível ao mundo novo que se apresenta. Neste sentido, compreenderia as condições de comunicação que possibilitam ao indivíduo interagir no meio social hierarquizado, sabendo impor-se, apropriando-se da linguagem como fonte transformadora do contexto social.

A linguagem torna-se alvo de estudo de muitos pesquisadores. Para Proença Filho (1997, p.16 e 17), “a linguagem é uma das formas de apreensão do real. A troca de conhecimentos entre os indivíduos contribuiu para o dinamismo da linguagem, favorecendo a interação social.” Certamente, ao utilizar-se da linguagem para comunicar-se, compreendendo todo o aparato hierárquico e o poder que as palavras carregam, o indivíduo torna-se mais independente, mais consciente, sendo capaz de progredir no meio em que se encontra.

Pela Lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, as escolas de ensino médio devem preparar os educandos para o mundo

contemporâneo. As finalidades devem visar a um saber linguístico amplo, tendo a comunicação como base das ações. (PCN, 1999).

A comunicação é entendida nos PCN como

(...) um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a linguagem como instrumento que o define como pessoa entre pessoas, a língua compreendida como linguagem que constrói e desconstrói significados sociais. (PCN, 1999 p. 35).

No artigo 22 da Lei nº 9394/96 – LDBEN -, encontram-se as habilidades que o estudante deve atingir ao longo de seus estudos. Segundo a Lei, as instituições de ensino devem formar o indivíduo com conhecimentos básicos da linguagem para que este possa desenvolver a cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e nos estudos superiores.

Destaca-se nos PCN o caráter sociointeracionista da linguagem, voltado às concepções e teorias de Vygotski e Bakhtin, que apontam para um saber linguístico sistematizado e interiorizado pelo estudante, que utiliza a linguagem nas diferentes esferas sociais. Os textos só existem na sociedade e tornam-se produto de uma história social e cultural em espaço de tempo definido, único em cada contexto, marcando o diálogo entre os interlocutores que o produzem, e entre os outros textos e contextos. “O texto é único como enunciado, mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados, devendo, portanto, ser objeto também de análise”. (PCN, p. 39)

Os pesquisadores Hartmann e Santarosa (2010, p. 20) entendem linguagem como forma de interação e reconhecem seu caráter sócio-histórico. Apontam que é em sociedade que a linguagem se constrói e é apreendida por seus usuários e consequentemente por eles modificada. Resumindo, somente por meio da convivência social se pode construir a linguagem, reafirmam as teorias de Vygotski (2001) e Bakhtin (2004).

3.2 A comunicação e as mídias

Os novos desafios propostos pelo acesso e pela utilização das mídias, em diferentes segmentos socioeconômicos criam exigências sociais que levam as

Instituições de ensino a se preocupar em formar o estudante para o uso da língua de maneira a contribuir para o ato de comunicação.

Desta forma, o uso da linguagem depende primeiramente de se ter conhecimento sobre o dito e o escrito. A sociedade (re) cria, a cada instante, novas necessidades nas relações e, com isso, o indivíduo necessariamente precisa atualizar-se constantemente. Nos espaços educacionais, o estudante é instigado a buscar novos meios de adquirir o conhecimento, assim como no espaço social o sujeito tem esses mesmos desafios e necessidades. Neste contexto, o sujeito da ação necessita de conhecimento específico que o leve a interagir no ambiente social, utilizando-se de diferentes meios de interação, de diferentes mídias tecnológicas.

As mídias, como instrumentos de comunicação tornam-se cada vez mais invasivas, encontram-se em todos os espaços, em todos os setores imagináveis da sociedade. Estudar como as mídias estão alterando a convivência entre as pessoas leva a compreender como a interação incorporou e incorpora essas mudanças.

A comunicação compreende-se ainda em sentido restrito, a troca de mensagens ou informações entre seres humanos [...] como a faculdade que o homem tem de tornar comum a outrem seus pensamentos, sentimentos e desejos e as coisas do mundo que o cercam. Em sentido amplo, envolvem também a realidade técnica da relação entre o homem e as máquinas (por exemplo, os computadores) e das máquinas entre si [...] (PROENÇA FILHO 1997 p. 18).

A agilidade e a rapidez proporcionadas pela internet, na busca de informações, vêm revolucionando os atos comunicativos. O ciberespaço, para Lévy (1998), combina as vantagens à reciprocidade da comunicação e a partilha de um contexto. “Trata-se da comunicação de todos para todos”. (LÉVY, 1998, p.44). Sob esta perspectiva os interlocutores podem enviar mensagens uns para os outros, e nessa troca de mensagens entre o grupo de discussão, emerge a interação de seus participantes. Outros meios diferem no que se refere à emissão e recepção:

Podemos citar algumas mídias que se diferem no quesito de todos para todos. A imprensa, a edição, o rádio, e a televisão funcionam segundo um esquema em estrela, ou um para todos. Um centro emissor envia mensagem na direção de receptores passivos e sobretudo isolados uns dos outros. Certo, o dispositivo de mídia cria comunidade, pois um grande número de pessoas recebe as mesmas mensagens e partilha, em consequência, certo contexto. Mas não há reciprocidade nem interação (ao menos no interior do dispositivo) e o contexto é imposto pelos centros emissores. (LÉVY, 1998 p.46).

A convivência tem oferecido aos sujeitos inúmeras possibilidades de interação, e a internet surge com potencial incalculável. Este meio pode ser acessado em diferentes dispositivos eletrônicos, de onde se tem acesso a qualquer tipo de informação que se deseja em tempo real, o que traz consigo vantagens e desvantagens. Estas mudanças afetam muitos setores, inclusive a educação, que está passando por transformações que se refletem diretamente no ensino e na aprendizagem.

Nas palavras de Teruya (2006), a mediação da mídia influencia a sociedade e tem o poder de reforçar o universo simbólico (simbólico visto com o conceito descrito por Bourdieu (1989)), tanto em nível local como global, não para a construção crítica capaz de desvelar as armadilhas da democracia, mas ao contrário, para uma cidadania limitada aos parâmetros do capital.

Segundo Teruya (2006 p. 53), “a sociedade da mídia é a sociedade do espetáculo, na qual se materializam as ilusões nas novelas, nos telejornais, nos shows, nos cinemas, nos vídeos, nos sites da internet, nas músicas e nos diferentes softwares de entretenimento”. A autora segue pontuando que, para “analisar a relação mídia-educação é preciso pensar a comunicação dentro da complexidade cultural e das relações de poder que permeiam os meios digitais em nosso contexto histórico, político e econômico” (TERUYA 2006 p. 53). Sem perder de vista o poder por trás das facilidades do acesso e uso da rede, convém destacar que a *web* facilita o acesso à informação, porém esse acesso fica muitas vezes reduzido aos sites de entretenimento.

Teruya (2009) considera ainda que a comunicação estabelece a relação com o outro, tanto no processo de interação e socialização do conhecimento como no jogo de interesse. Pelo fato da comunicação expressar um padrão cultural ou uma identidade cultural, ela é o elemento central da cultura e representa também uma ferramenta simbólica para organizar a nossa relação com o outro, que se torna mais manipulável com a ajuda da mídia.

É recorrente a visão de que o acesso à mídia tecnológica é capaz por si só de promover a busca pela informação e provocar a interação, a comunicação e, em consequência, construir novos conhecimentos, quebrar barreiras geográficas e temporais entre as pessoas que se conectam na rede. Entretanto, os modos de interação que serão estabelecidos entre essas pessoas, bem como o que elas vão

fazer com essa possibilidade de contato não são tão óbvios e não são pré-determinados ou controláveis; vão depender de quem está nos “nós” da rede que será tecida entre elas. (NEVES e DUARTE, 2008)

Desse modo, é ingênuo olhar a comunicação, a linguagem, os diferentes suportes tecnológicos que proporcionam infinitas possibilidades de interação, de acesso à informação, com uma visão romântica, sem desconfiar das armadilhas que tanta facilidade carrega. Cada movimento de comunicação, exercido tanto pelo enunciador quanto pelo destinatário, possui em seu íntimo um significado, uma intenção que só pertence àquele momento. Qualquer comunicado tem um responsável, um objetivo, por mais sutil que possa parecer. Sendo assim, considero que falar de comunicação envolve outros assuntos relevantes. Cabe aqui atenção especial para os gêneros textuais.

3.3 Os gêneros textuais: algumas variantes

Estudar a natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros de enunciados, nas diferentes esferas da atividade humana, tem relevância para muitas áreas, e aqui, especificamente, me importa estudar as atividades humanas relacionadas à convivência, às maneiras pelas quais a comunicação é representada, enviada, emitida, exposta. Gêneros do discurso referentes às comunicações expressas por cartas, crônicas, contratos, textos legislativos, documentos oficiais, diálogos cotidianos, em toda diversidade formal, constituem objeto de estudo indispensável para pesquisadores que se preocupam com a função desses textos.

Segundo Marcuschi (2013, p. 150-151), cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação. Os gêneros têm uma forma e sua função, bem como um estilo e um conteúdo, mas a determinação adequada se dá pela sua função e nunca pela sua forma. Alguns exemplos de gêneros textuais: uma monografia produzida para obter uma nota, uma receita culinária produzida para ajudar no preparo da comida, um contrato, uma promissória, uma notícia, um resumo, qualquer que seja a forma do gênero, ele terá um lugar específico para circular. Os gêneros não são concebidos como estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de uma ação social, que está permeada de efeitos ideológicos.

Bakhtin (1997, p. 279) enaltece a utilização da língua nas formas de enunciados que podem ser escritos e orais. Eles são compostos por três elementos essenciais, a saber: conteúdo temático, estilo e construção composicional, que se fundem no enunciado como um todo. E os gêneros do discurso só se concretizam e ocorrem pela necessidade da sociedade. Acontecem em uma variedade infinita, pois as atividades humanas são inesgotáveis e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que se vai diferenciando e ampliando à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

No entendimento de Marcuschi (2013, p. 154), quando dominamos um gênero textual, estamos apenas dominando uma expressão linguística com objetivos específicos em situações sociais particulares. O domínio de alguns gêneros textuais, que são inúmeros, mas não infinitos, são mecanismos fundamentais de socialização e estão presentes em qualquer atividade humana de comunicação. Ou seja, não se pode tratar um gênero do discurso independente de uma realidade social e de sua atividade humana.

Os gêneros textuais, como caracteriza Marcuschi (2013, p. 156), estão relacionados ao funcionamento da língua para as atividades culturais e sociais. São ações cognitivas, corporificadas de modo particular na linguagem, que se apresentam como entidades dinâmicas. Porém os gêneros têm identidade e são entidades poderosas que, na produção textual, condicionam as escolhas, que não podem ser totalmente livres, nem aleatórias, uma vez que é preciso respeitar o grau de formalidade ou a natureza do tema. Sendo assim, os gêneros limitam as ações na escrita, impondo, por um lado, restrições e, por outro, abrindo as possibilidades de opção por estilos, criatividade e variação, na produção do gênero textual selecionado.

Na internet são encontrados diferentes gêneros do discurso. Reconhecer sua forma, buscando a compreensão de seu significado, ajuda a selecionar a informação achada, facilitando a verificação de sua confiabilidade e veracidade. Saber distinguir entre uma reportagem sensacionalista, um artigo científico, um relatório econômico, conseguindo entender em qual esfera esse gênero circula possibilita uma melhor interpretação das informações. O enunciado, por sua vez, reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, pelos

elementos de seleção operada nos recursos da língua. Consequentemente todos são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação.

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a veracidade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e a abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. O enunciado situa-se no cruzamento excepcionalmente importante de uma problemática. (BAKHTIN, 1997, P. 282).

Bakhtin (1997), para explicar a interconexão dos gêneros do discurso, sua extrema heterogeneidade e, consequentemente, a dificuldade de se entender o caráter do enunciado, propõe uma diferenciação entre os enunciados primários e os enunciados secundários, que, em muitos casos, se entrelaçam. Os enunciados primários seriam de natureza simples como os diálogos do cotidiano, as criações verbais espontâneas, as cartas, enquanto que os enunciados secundários, de natureza mais complexa, seriam o romance, o teatro, o discurso científico, estudos científicos, discursos ideológicos relativamente mais evoluídos e, principalmente, de escrita artística, científica e sociológica. Os gêneros primários, ao serem incorporados aos secundários, perdem sua natureza. A conexão dos dois gêneros pode ser vista quanto o romance incorpora em suas páginas o discurso cotidiano. O romance no todo é um enunciado, como também o discurso cotidiano é um enunciado, o primeiro de natureza secundária, e o segundo de natureza primária.

Todo enunciado, tanto escrito como oral, tem em seu íntimo a intenção de entrar em contato com o outro, tem a intenção de obter uma resposta, um sinal visual. O homem tem necessidades de expressar-se, de exteriorizar-se e para isso ele usa a linguagem e envia sua mensagem, utilizando-se da língua ou de gestos ou de outras formas de expressão. No momento da criação de um enunciado, o sujeito pode considerar-se sozinho, mas a intenção que ele aposta em sua criação está repleta de interlocuções advindas de palavras carregadas de um conteúdo ou sentido ideológico. É a compreensão que o outro faz deste enunciado, reconhecendo as ressonâncias ideológicas e seus significados de produção que torna o enunciado visível à sociedade, pois este reflete as crenças sociais.

Em relação aos estudos de Bakhtin (2002), todo discurso concreto encontra o objeto para o qual ele está voltado, porém já desacreditado, contestado, avaliado,

envolto por uma nuvem escura, ou pelo contrário, envolto por uma luz dos discursos de outros, que já falaram sobre o assunto. Percebe-se que o objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista já existentes. Neste contexto, o discurso penetra nesse meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outros, de julgamentos e de entonações, entrelaçando-se em inter-relações complexas, fundindo-se com uns e isolando-se de outros, cruzando com terceiros.

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN, 2002, p.86)

Podemos dizer resumidamente que um enunciado ou um discurso é permeado por discursos ou enunciados que o antecederam. E como consequência, em alguma instância, os reproduz, sendo que esses discursos ou enunciados antecedentes não pertenciam exatamente a uma pessoa, mas ao meio social a que esse indivíduo pertencia. Assim, quem se pronuncia, pronuncia a voz de uma sociedade, que, às vezes, longínqua está no tempo e no espaço.

Nas observações de Bakhtin (2002, p. 86), em relação aos enunciados e ao discurso, percebe-se a relação do enunciado diretamente ligado ao meio social, às redes interligadas de diálogos pré-existentes, já pronunciados, de uns sob os outros, de um ir e vir constante. Obscurecido pelas opiniões sociais multidiscursivas, nesse emaranhado de múltiplas facetas semânticas e estilísticas, sofre o jogo dialógico de intenções verbais que se encontram e se encadeiam nele. O discurso, quando organizado pela representação literária, pode ativar e organizar estas intenções verbais de acordo com a atmosfera social.

Assim, diante de um enunciado encontram-se em permanente dialética as significações já cristalizadas. Na verdade há uma luta constante entre o velho e o novo em todo enunciado que se pronuncia; o velho, representado pelas significações que se aprendem ao longo da vida social, e o novo, com aquilo que cada situação apresenta de diferente, de desconhecido e de ato histórico original ainda desconhecido. Por isso, podemos dizer que é muito difícil que se leia o mesmo livro, o mesmo texto pela segunda vez com a mesma interpretação de uma leitura anterior, uma vez que, ao longo do tempo, o leitor adquire outros conhecimentos, outros entendimentos, agrega outras experiências e, assim, praticará um ato novo

com relação ao mesmo material, com um olhar, um conhecimento, uma experiência diferente da anterior. Este leitor já não é o mesmo, está mudado, mais maduro, mais convicto de suas ideias.

Após esses esclarecimentos sobre o enunciado e o discurso, cabe lembrar que o interesse em trazer à discussão os gêneros textuais, em especial a construção mais elaborada desses gêneros, encontrada em escritas científicas, aí consideradas as teses, dissertações e artigos, deve-se ao fato de que esses são gêneros que o estudante, ao embrenhar-se na produção de um trabalho acadêmico, irá encontrar na internet, nos livros, ou em outros suportes. Com consultas aos enunciados de outros, o estudante poderá então produzir o seu próprio enunciado na forma de um texto, que será o seu trabalho acadêmico, nos diferentes gêneros.

3.3.1 O texto

A inter-relação de um enunciado, de um discurso gera a produção de um texto, que vem amarrado a um momento histórico e ideológico. Com o passar do tempo e com as releituras, o texto amadurece, incorpora outras significações, amplia o leque de possibilidades interpretativas. Quando estudamos enunciado e discurso, necessariamente precisamos levar em conta as possibilidades interpretativas que o texto expressa. Conforme discurremos acima, um enunciado leva a outros enunciados, e nessa interconexão se completam. Para isso utilizaremos ainda os estudos de Bakhtin (1997) e incluiremos Lévy (2011a, 2011b), por considerar este segundo autor um profundo estudioso dos assuntos do Ciberespaço³ e *Cibercultura*⁴, espaços de concentração do presente estudo. Lévy procura esclarecer os aspectos, as mudanças decorrentes das inovações tecnológicas que o homem vem incorporando na maneira de relacionar-se com o outro.

Compreender o papel do texto no contexto sócio-histórico de um enunciado pronunciado ajudará no entendimento de texto e, aqui, sigo ancorada nas pesquisas e teorias de Bakhtin (1997) e Lévy (2011a, 2011b), por compreender que estes dois autores, em seus estudos, abordaram, de forma muito clara, as definições de texto. Este é visto com significação, a partir de aspectos concretos, no momento histórico

³ termo criado em 1984, pelo escritor William Gibson no livro de ficção científica *Neuromance*, passou a ser empregado em larga escala pelos criadores e usuários das redes digitais. O termo designa todo o conjunto de rede de computadores nas quais circulam todo tipo de informação.

⁴ é a cultura que surgiu, ou surge, no uso da rede, ocorre pela comunicação através de computadores conectados à internet.

de sua enunciação, atribuindo-se a ele o sentido potencial do significado do signo e observando suas características específicas e ideológicas; conseqüentemente o contexto social do ato da enunciação tem aí um papel decisivo. A conversa entre os dois autores dará o suporte teórico necessário para preencher as lacunas trazidas pelo tema: texto. A produção de texto passa por interferências estruturais que podem comprometer a apropriação e recepção de significados por ele proposto.

Para Bakhtin (1997), a definição de texto é abrangente, leva em consideração o contexto social, as peculiaridades de cada ato comunicativo, observando cada texto construído com uma determinada finalidade, com as responsabilidades de cada autor. Resumidamente, acredita que qualquer enunciado, seja ele uma frase, uma palavra, qualquer que seja a forma de expressão utilizada para representar é um ato enunciativo e conseqüentemente um texto. Leva consigo toda uma ideologia e um contexto social e histórico, resultante de uma época específica. Ou seja, “o texto representa uma realidade imediata (do pensamento, e da emoção), a única capaz de gerar essas disciplinas e esse pensamento onde não há texto também não há objeto de estudo e de pensamento” (BAKHTIN, 1997, p. 329).

Com essas palavras Bakhtin torna a afirmar que, com o tempo, o texto adquire uma autonomia em relação a sua origem, e que tal autonomia não deve ser vista como perda do significado original, mas como enriquecimento de significado e sentido. As gerações futuras, com suas repetidas leituras da mesma obra e das reflexões que vão para vários sentidos diferentes, têm uma compreensão mais apurada e ampliada. Até mesmo o autor é surpreendido ao ver seu escrito atingir compreensões tão inesperadas. À medida que o texto é lido, relido, passa a fazer parte da memória do sujeito, agrega novos sentidos, que, por sua vez, se incorporam a outros contextos.

Para Bakhtin (1997, p. 330), o fato que o leva a estudar o texto é, na realidade, a história do pensamento humano, o sentido, o significado do outro, que se manifesta e se expressa ao pesquisador na forma escrita. Para Bakhtin, qualquer estudo só se inicia a partir do momento em que se identifica a obra; em sua época de estudo o que lhe interessava era o texto verbal, pois todo escrito tem “um sujeito, um autor (que fala, escreve)”.

Dois fatores determinam um texto e o tornam um enunciado: seu projeto (a intenção) e a execução desse projeto. Inter-relação dinâmica desses dois fatores, a luta entre eles que imprime o caráter no texto. Uma divergência entre os dois fatores pode ser muito significativa. (BAKHTIN, 1997, P. 330).

Para Bakhtin (1997, p. 333), “o texto não é um objeto, sendo por esta razão impossível eliminar ou neutralizar nele a segunda consciência, a consciência de quem toma conhecimento dele.” Entre a obra e o contexto que a elabora, que a envolve, através da qual se realiza o pensamento do sujeito, a prática de cognição e de juízo, há o encontro de dois textos: o de quem o elabora, cria e o de quem com ele interage, de quem atribuir sentido a ele. Um texto em sua criação é autenticamente livre, não emana de uma descoberta predeterminada por uma necessidade empírica individual. Por isso o escrito, em sua liberdade de criação, não admite nem explicação causal nem predicação científica.

Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência: a consciência do outro e o seu universo, isto é, outro sujeito. A explicação implica uma única consciência, um único sujeito; a compreensão implica duas consciências, dois sujeitos. O objeto não suscita relação dialógica, por isso a explicação carece de modalidades dialógicas (outras que não puramente retóricas). A compreensão sempre é em certa medida dialógica. (BAKHTIN, 1997, p. 338).

Em relação à compreensão de um texto, de um enunciado, de um discurso, Bakhtin (1997) diz que a diversidade de formas e de aspectos da compreensão é entendida como o domínio da linguagem dos signos, ou seja, de uma língua já conhecida. A compreensão de uma obra, de um texto qualquer numa língua qualquer enriquece a compreensão da língua como sistema, ou seja, no momento em que se lê, se entende o dito, o falado. O leitor está de certa forma enriquecendo seu repertório vocabular, está melhorando seus conhecimentos em relação ao tema e em relação ao texto e ao contexto.

O texto como reflexo subjetivo de um mundo objetivo. O texto é a expressão de uma consciência que reflete algo. Quando o texto se torna objeto de cognição, podemos falar do reflexo de um reflexo. A compreensão de um texto é precisamente o reflexo exato do reflexo, através do reflexo do outro chega-se ao objeto refletido. (BAKHTIN, 1997, p.340).

Para Bakhtin (1997), o texto compõe dados da realidade, é o ponto de início de todos os estudos propostos nas ciências humanas. No texto encontra-se um conglomerado de conhecimento e de métodos. Partindo-se de um texto, pode-se ir para diversas direções recolhendo fragmentos da história, da vida social, da

natureza, do psiquismo que serão unidos numa relação ora de causalidade, ora de sentido, confundindo-se a constatações e valores. O objeto real é o homem social, que fala, que se expressa por vários meios.

Neste contexto, a construção de informações pelo enunciador parte de ideias concebidas anteriormente, alojadas em sua memória. A compreensão, no receptor, por sua vez, busca na memória os conteúdos concebidos em eventos sociais vivenciados. De posse de um texto o leitor aciona suas memórias, subsidiadas por inúmeros significados construídos em suas experiências sociais e culturais.

Segundo Lévy (2011a, p.35), o texto é algo em constante transformação, acredita que o escrito chega ao sujeito “esburacado, riscado, semeado de brancos”. Nos fragmentos, nas lacunas em que não se consegue chegar ao significado, encontra-se a necessidade de buscar e relacionar estes textos a outros encontrados na memória para então produzir significado e compreensão e preencher os buracos e os espaços em branco. Lévy considera o texto um sistema complexo que requer outros escritos, outros enunciados, para se completar, para que se possa atribuir-lhe significado.

Para os dois autores, o texto é um ato em constante movimento. O texto é uma parte da comunicação indispensável, sem o qual não pode haver comunicação. Para Pierre Lévy, a concepção de texto é abrangente e se apresenta como algo virtual, algo que se atualiza no decorrer da leitura, e sem ela não se chega à atualização do texto.

Lévy (2011a) estuda o texto numa determinada perspectiva. Analisa o texto no momento atual e faz uma retrospectiva às origens do escrito, falando do texto na Mesopotâmia. Para este autor, porém, o que interessa é ver a obra como um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico; uma entidade virtual que se atualiza em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares e cópias. Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações.

O texto, na concepção de Lévy (2011a, p. 35), tem características virtuais, consequência das constantes mudanças e atualizações sofridas ao longo do tempo. Atualmente têm-se os textos no formato virtual, encontrados nos suportes digitais. O

texto escrito, por exemplo, necessita de um suporte para existir, seja ele um jornal, um livro, uma revista. Ao longo da história, o texto, passou por grandes mudanças, teve seu momento de oralidade na antiguidade, por exemplo, quando as pessoas se comunicavam através da expressão oral, repassando aos seus filhos ensinamentos culturais e religiosos. Teve sua apresentação nos manuscritos onde eram reproduzidos manualmente para que mais pessoas pudessem ter contato. Com o surgimento da imprensa o texto tomou corpo e se propagou no impresso. E agora vive uma nova era, da digitalização, do virtual.

Para Lévy (2011b, p. 7), nessa nova era estão ocorrendo novas maneiras de pensar e de conviver no espaço das telecomunicações e da informática. A relação entre as pessoas, o trabalho e a própria inteligência estão dependendo da metamorfose incessante de dispositivos informacionais, tornando os dias de hoje impossíveis de serem concebidos sem a presença da informatização. A incidência cada vez maior das realidades tecnoeconômicas sobre muitos aspectos da vida social assim a tem exigido.

O autor (2011b, p. 24) leva-nos a compreender melhor o contexto de uma informação, ao designar a configuração de uma vasta rede semântica em um determinado momento, no processo de comunicação. Podemos dizer que o seu olhar está voltado para uma abordagem macroscópica da comunicação, o contexto vem para determinar o sentido de uma palavra utilizada no discurso determinado pelo sujeito da ação; é ainda mais interessante pensar que cada palavra contribui para a produção do contexto, ao mesmo tempo em que tem seu sentido determinado por ele, uma configuração semântica reticular composta de imagens, de modelos, de lembrança, de sensações, de conceitos e de pedaços de discurso.

Nos estudos de Lévy, o mundo virtual, as implicações para a sociedade em esfera global, o texto é percebido como um objeto que vem sofrendo constantes modificações de suporte. Mas permanece com a característica de interação com o leitor para propor reflexões, conhecimento de algo novo, algo ainda a ser aprendido, estudado, ouvido, lido. Na essência deste pensamento entendemos que o texto, para Lévy, representa um fragmento de algo expresso em algum tipo de suporte, seja a tela do computador, o livro, o jornal. O texto tem a necessidade de ser lido, compreendido, apreendido pelo leitor para passar a existir.

Os apontamentos anteriores levam-nos a conceber a comunicação interligada em contextos extremamente complexos: a produção do texto, a compreensão do oral, do escrito, compostos por diferentes gêneros do discurso. A cada leitura, assuntos se interconectam com o passado e fazem inferências ao novo, deslizam sobre saberes existentes e criam no sujeito o desejo de novas descobertas. O processo de construção do conhecimento passa necessariamente pelo dialogismo⁵. O texto, o enunciado, o discurso e, na sequência, o hipertexto caracterizam o movimento de circulação da informação.

Através destes mecanismos a comunicação circula e se desenvolve. No próximo item é discutido o hipertexto, considerando a relevância que ele desempenha nos suportes digitais. São trazidas algumas inferências sobre o hipertexto, baseadas nas contribuições de pesquisadores do assunto. Além do trabalho de Lévy, foi incorporado ao estudo Xavier (2005) e Santaella (2011). Sob o olhar desses autores, explorarei os conceitos de hipertexto.

3.3.2 Hipertexto

A ideia de hipertexto surgiu muito antes de se pensar que ela teria a importância que tem nos dias atuais. “A ideia de hipertexto foi enunciada pela primeira vez por Vannevar Bush em 1945”. Este matemático teve importante contribuição em tornar conhecido, pela primeira vez, no artigo científico “*As We May Think*”, o tema do hipertexto,

para Bush, a maior parte dos sistemas de indexação e organização de informações em uso na comunidade científica são artificiais. Cada item é classificado apenas sob uma única rubrica, e a ordenação é puramente hierárquica (classes e subclasses etc.) [...] a mente humana não funciona desta forma, mas sim através de associações. Ela pula de uma representação para outra ao longo de uma rede intrincada, desenha trilhas que se bifurcam, tece uma trama infinitamente mais complicada do que os bancos de dados de hoje ou os sistemas de informação de fichas perfuradas existentes em 1945. (LÉVY, 2011b, p. 28)

Para esse matemático, nas palavras de Lévy (2011b, p. 29), o usuário de um dispositivo imaginário traça trilhas transversais e pessoais no imenso emaranhado continente do saber. Naquele momento estas conexões não se chamavam ainda hipertextos, entendia-se que a memória do cientista era parte importante do

⁵ Entender dialogismo na perspectiva de Mikhail Bakhtin, como o processo de interação entre textos; tanto na escrita como na leitura, o texto não é visto isoladamente, mas sim correlacionado com outros discursos similares e/ou próximos.

processo de pesquisa e de elaboração de novos conhecimentos, considerando o teor cumulativo das informações memorizadas, e que as experiências anteriores do cientista contribuíam para a complementação das novas descobertas.

Segundo Lévy (2011b, p. 29) e (SANTAELLA 2011, p.304; 305) a ideia de hipertexto surgiu, num primeiro momento, para alimentar os sistemas militares de teleinformática. Décadas depois, em 1963, Engelbart, do Instituto de Pesquisa Stanford foi o primeiro a tentar implementar computacionalmente as ideias de Bush. Para Engelbart o computador é capaz de amplificar o repertório humano de habilidades, linguagem, metodologia e treinamento (SANTAELLA 2011, p. 305).

Aproximadamente 10 anos mais tarde, em 1974 “Theodore Nelson inventou o termo hipertexto para exprimir a ideia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática” (LEVY 2011, p. 29). Com isso, nasce um sonho de uma grande rede acessível em tempo real chamada de Projeto Xanadu⁶, contendo todos os textos literários, científicos e de informações diversas do mundo, uma espécie de Biblioteca de Alexandria de nossos dias. Na interação com o projeto Xanadu, as pessoas poderiam acessar e postar seus comentários, escrever, ler, interagir, conectar com textos, filmes e gravações sonoras, realidade sonhada naquela época e visualizada e vivenciada nos dias de hoje. “Xanadu, enquanto horizonte ideal ou absoluto do hipertexto seria uma espécie de materialização do diálogo incessante e múltiplo que a humanidade mantém consigo mesmo e com o seu passado”. (LÉVY, 2011b, p. 29)

Lévy (2011b, p 33) atribui ao hipertexto a possibilidade de pesquisa para a aquisição de novos conhecimentos, proporcionando uma comunicação mais organizada dos dados que circulam na rede web⁷. O hipertexto facilita a busca por conteúdos, agiliza o processo de busca, a interface entre texto fica visível e disponível aos usuários da rede e, como diz Vannever Bush, este emaranhado se assemelha às ligações efetuadas pela mente humana, que funcionam pela associação de informações buscadas na memória, pulando de uma representação a outra, ao longo de uma rede intrincada, desenhando trilhas que se encontram e tecem tramas infinitas e complexas, e sem dúvida compõem o emaranhado entre as ideias velhas e novas. Os hipertextos são encontrados na internet em diferentes formatos e interfaces. Lévy os caracteriza como “nós”.

⁶ Foi o primeiro projeto para o desenvolvimento do hipertexto, fundado em 1960, Ted Nelson

⁷ Word Wide Web conhecida usualmente como a rede mundial de computadores.

Tecnicamente um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrelas de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez conter uma rede inteira. (LÉVY, 2011b, p. 33).

O hipertexto, segundo Lévy (2011b, p. 37), foi emprestado de várias outras mídias por possuir um aspecto dinâmico e por possuir a facilidade multimídia. Por estes aspectos cria-se com o hipertexto interfaces amigáveis, que facilitam a pesquisa por palavras-chave que remetem aos bancos de dados já existentes armazenados nos meios midiáticos. O suporte cria, a seu favor, dispositivos próprios do meio de impressão, por exemplo: índices, referências cruzadas, sumários, legendas, mapas e esquemas detalhados, proporcionando um agenciamento complexo para uma leitura não linear. O exemplo pode ser visto no texto impresso, que possui notas de rodapé ou a remissão do glossário por um asterisco, recursos que também levam à leitura não linear, por quebrar a sequência do texto.

Pode-se dizer que o que torna o hipertexto diferente de qualquer outro meio de consulta é a velocidade com que tudo acontece no meio digital. A velocidade é o grande diferencial nas buscas por informações nos meios tecnológicos, em consequência dos acessos via hipertextos.

A reação ao clique sobre um botão (lugar da tela de onde é possível chamar outro nó) leva menos de um segundo. A quase instantaneidade da passagem de um nó a outro permite generalizar e utilizar em toda sua extensão o princípio da não linearidade. Isto se torna a norma, um novo sistema de escrita, uma metamorfose da leitura, batizada de navegação. (LÉVY, 2011b, p. 37).

Para Lévy (2011b), ao comparar-se um leitor deslocando-se na internet de um texto a outro, através do hipertexto, e imaginar um leitor em uma enciclopédia, constata-se uma enorme diferença, visto que este deve traçar fisicamente seu caminho nela, manipulando volumes, físicos, virando páginas, percorrendo com seus olhos as colunas tendo em mente a ordem alfabética. Na rede, as leituras através das interfaces criam caminhos imaginários, direcionados pelos hipertextos.

O hipertexto, na concepção de Lévy (2011b), é dinâmico, em constante movimento. Com alguns cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor sua face, depois outras, certo detalhe ampliado, direcionando a

estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda o formato, se corta e se cola outra vez de outra forma. Apresenta-se um movimento entre os microtextos e o grande metatexto⁸, entre palavras que se desdobram em parágrafos, parágrafos que se desdobram em vários capítulos, virtualmente, sem encontrar um fim definido, dando a impressão de que se tem uma gaveta sem fundo ou com fundo falso.

A memória humana é estruturada de tal forma que nós compreendemos e retemos bem melhor tudo aquilo que esteja organizado de acordo com relações espaciais. Lembremos que o domínio de uma área qualquer do saber implica, quase sempre, a posse de uma rica representação esquemática. Os hipertextos podem propor vias de acesso e instrumentos de orientação em um domínio do conhecimento sob a forma de diagramas, de redes ou de mapas conceituais manipuláveis e dinâmicos. (LÉVY, 2011b, p. 40).

O hipertexto apresenta-se complexo, não se consegue imaginar em qual nó se inicia ou se amarra, e não podemos imaginar por quais outros nós o leitor navegador será conduzido durante a navegação. Com suas interfaces, proporciona a navegação pelas redes digitais, e quando são interfaces amigáveis facilitam a busca por informações; o texto encontrado na tela do suporte digital leva a outros textos, que os levam a outros infinitamente. Nos estudos de Xavier encontram-se subsídios fundamentais para expressar o processo da busca por conteúdos, percorrendo os labirintos da internet.

Nas pesquisas de Xavier (2005), a interatividade e multimodalidade são características do hipertexto que afetam diretamente a organização do texto na tela, mas que, em contrapartida, exigem do sujeito a aquisição do conhecimento digital, que implica necessariamente em mais autonomia no processamento da leitura e aprendizagem em ambientes virtuais. Percorrer os caminhos virtuais de uma pesquisa na rede requer do usuário habilidades e competências específicas.

A leitura proficiente de um texto impresso leva o leitor a buscar seus conhecimentos prévios e enciclopédicos. O ato de ler desempenhado pelo sujeito no contato com o hipertexto exige do usuário muito mais que mera decodificação das palavras que se apresentam da realidade imediata, “toda leitura cobra do leitor um intenso esforço de atos inferenciais, preenchimentos de lacunas e interstícios deixados pelo autor”. (XAVIER, 2010, p. 209),

⁸ Entender metatexto como algo inacabado, porque obriga a uma interatividade com o conhecimento adquirido pelo seu leitor criando novas lexias ou criando novos significados.

Segundo Santaella (2011, p. 300), o hipertexto passou, nos últimos anos, a coabitar os meios midiáticos, misturado aos sons, imagens, ruídos, textos de todos os tipos, configurando-se nos ambientes hipermídias. A autora complementa ressaltando a importância de se analisarem as características, as mudanças nos processos interativos de leitura e de cognição, em decorrência do novo formato de construção informacional. Neste caso, o hipertexto cria vínculos não lineares entre fragmentos textuais associativos, interligados por conexões conceituais, ou por metáforas visuais, que remetem, ao clicar de um botão, de um percurso de leitura a outro, em qualquer ponto do conteúdo.

A professora e pesquisadora Santaella (2011, p. 306) indica alguns definidores do hipertexto, enfatizando dois deles: a alinearidade e a interatividade que os dois apresentam. O fluxo do texto não linear é caracterizado pela quebra da linearidade em unidade ou módulos de informação que caracterizam o hipertexto. O fluxo do conteúdo a ser lido passa a ser decidido pelo leitor e não mais pelo autor.

Constata Santaella (2011, p. 308) que o hipertexto não foi feito para ser lido do começo ao fim, mas para buscas, descobertas e escolhas. Porém este percurso de descoberta não é algo simples; para que o leitor possa ter acesso a ele, o hipertexto deve estar suportado por uma estrutura que desenhe um sistema multidimensional de conexões, com caminhos múltiplos, que vão de nó em nó.

A interatividade, na perspectiva de Santaella (2011, p. 310), acontece quando o leitor, usuário, ao chegar ao fim de uma página, tem a liberdade de escolher para onde quer ir, ou qual conteúdo deseja acessar. Quanto maior for a interação, mais profunda será a experiência de imersão do leitor, que se expressa na concentração, na atenção e na compreensão, estando diretamente ligada às possibilidades que o hipertexto oferece ao navegador. Neste viés entende-se que a interatividade está voltada para a capacidade do programa de hipermídia reagir aos comandos do usuário, ou seja, a capacidade semiótica intrínseca às tecnologias que operacionalizam os mecanismos de navegação para a busca e atualização de informações em um campo de referências multidirecionadas.

Ao trazer a discussão e o entendimento de hipertexto, revelo acreditar que o sujeito leitor precisa adquirir conhecimentos de como os textos são apresentados e distribuídos nas mídias digitais. A partir do momento que as habilidades de navegação começam a interagir pelas interfaces do hipertexto, o sujeito inicia sua

participação como leitor dos conteúdos disponibilizados na rede e, conseqüentemente, inicia sua navegação em busca do novo, deparando-se com uma quantidade enorme de informações e encontrando dificuldade em identificar a veracidade do assunto que está lendo.

Isso pode ser atribuído a várias razões, desde a maneira tradicional da alfabetização do indivíduo, por exemplo, ao fato de não ter aprendido a ler o mundo com um olhar mais amplo, com poder de atribuir sentido ao que encontra, avaliar o que é mais importante em um texto, indagar se o que está lendo é relevante para seu desenvolvimento como pessoa, como ser social de uma coletividade.

Em relação à educação, encontram-se em Lévy (2011b) as vantagens do hipertexto ou da multimídia interativa como suporte ao meio educacional. Ele considera que os hipertextos e as multimídias se adéquam particularmente aos usos educativos. É bem conhecido o papel fundamental do envolvimento pessoal do estudante no processo de aprendizagem e do professor no processo de ensino, de maneira que, quanto mais ativamente o aluno participar da aquisição de um conhecimento, mais dele irá apropriar-se, retendo as informações que aprender.

Ora, a multimídia interativa, graças à sua dimensão reticular ou não linear, favorece uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, face ao material a ser assimilado. É, portanto, um instrumento bem adequado a uma pedagogia ativa. (LÉVY, 2011b, p. 40)

O leitor encontra na rede a oportunidade de explorar diversos tipos de dados. Contudo o sujeito precisa ter consciência de que os caminhos e trajetos percorridos através das inúmeras possibilidades que a rede mundial de computadores oferece são como labirintos, espaços também estranhos e desconhecidos, perigosos, que devem ser cuidadosamente explorados com um olhar crítico, para além do significado das palavras. No próximo item trago as discussões sobre o gênero textual *e-mail*.

3.3.3 O *e-mail*

Nesta pesquisa, conforme a análise dos dados e a explicação de alguns estudiosos, o *e-mail* apresenta-se como o gênero textual mais utilizado pelos acadêmicos. A seguir, com base nos estudos de Paiva (2010) e Xavier (2010) e com a análise dos resultados obtidos no questionário, mostro como pude compreender porque o *e-mail* tornou-se “febre” entre os internautas.

O *e-mail* tem sido a forma de comunicação mais utilizada entre os estudantes sujeitos da pesquisa. Neste contexto, foi possível confirmar os estudos dos pesquisadores acima, que o consideram como o gênero comunicacional mais utilizado entre os usuários da rede. Incorporado às atividades informacionais e às atitudes sociais, Xavier e Paiva atribuem este fenômeno às facilidades provocadas pela rapidez e agilidade que os usuários encontram neste recente gênero textual.

No questionamento sobre o que os acadêmicos mais acessam ao conectarem-se à rede, a resposta predominante foi a verificação da caixa de entrada dos *e-mails*. Percebi que o percentual chegou a 95%, entre os que “sempre acessam” e “quase sempre acessam”, executando ações como: responder e enviar mensagens, considerado por muitos pesquisadores como meio seguro de manter e interagir com outros usuários da internet, caracterizando um comportamento dos novos usuários dos meios virtuais de comunicação.

Em segundo lugar, destacam-se os portais de busca⁹, com 85% e o site da UTFPR, com 82%, (valores referentes aos percentuais de “quase sempre acessam” e “sempre acessam”), conforme tabela 3. Percebi que poucos graduandos costumam buscar portais de notícias, como ação para informarem-se do que está acontecendo na sua cidade, no seu estado, país, ou no mundo. Ler notícias ou acessar jornais *on-line* não é um hábito praticado entre os estudantes pesquisados, posso dizer que a leitura em formatos digitais não é visto para fins informativos.

Tabela 1 - Aplicativos mais consultados pelos acadêmicos ao acessar a internet, CST - Alimentos, 2014

	Respostas	Sempre acesso		Quase sempre acesso		Acesso algumas vezes		Nunca acesso	
Redes sociais	22	10	42%	6	25%	6	25%	2	8%
e-mail	22	15	68%	6	27%	1	5%	0	0%
Portais de Busca	20	11	55%	6	30%	2	10%	1	5%
Site da UTFPR	22	6	27%	10	45%	6	28%	0	0%
Portais de Notícia	21	8	38%	3	14%	9	43%	1	5%
Outros	15	3	20%	0	%	3	20%	9	60%

⁹ Portais de busca, entendido como qualquer buscador que possibilite uma pesquisa por informação, como por exemplos: *Google*, *Yahoo*, *Terra*, *Uol*.

Para muitos estudiosos, como Xavier (2010), o *e-mail* tornou-se, sem dúvida alguma, o meio de comunicação mais utilizado, atualmente, no mundo, consolidando as relações comunicativas de maneira simples, prática e econômica. O *e-mail* já é considerado um novo gênero textual. Este gênero facilita os contatos dos estudantes com professores, amigos, familiares, é rápido e eficiente para enviar mensagens, recados, cartas, relatórios, tirar dúvidas; é muito ágil e difundiu-se exponencialmente por todos os usuários da rede.

Conforme Paiva (2010), o *e-mail* é um ato comunicativo e, prioritariamente, de um indivíduo para outro. Com o passar dos últimos anos tornou-se indispensável às comunicações, criando nos seus usuários a necessidade de um *feedback*, gerando neles ansiedade, quando há uma ausência de resposta. Com isso, o usuário tem a necessidade de estar sempre que possível checando a caixa de entrada do *e-mail*, para verificação de respostas esperadas, como também informações e notícias recém-chegadas. A autora complementa dizendo que as mensagens eletrônicas são hoje, possivelmente, o tipo de texto mais produzido nas sociedades.

Tanto Paiva (2010) como Xavier (2010) admitem que este meio de comunicação já se tornou um evento social incorporado na sociedade. Xavier refere-se ao *e-mail* como um gênero textual/digital que se transformou em prática social; uma prática social pode se tornar um gênero, neste caso o *e-mail* é claramente um gênero textual/digital, consolidado entre as práticas sociais.

3.4 Mudança histórica na conduta leitora

Para compreender como as inserções das tecnologias têm alterado a conduta leitora dos sujeitos ao longo da história da humanidade, é necessário olhar para a história da leitura, bem como para a construção do comportamento do leitor. Neste capítulo, apresento a leitura interconectada com a história da humanidade, no que diz respeito à produção textual, e o ato leitor. Para isso, busco a compreensão do desenvolvimento da aprendizagem e do ensino do ato leitor, com especial atenção às características que o sujeito leitor deve desenvolver ao longo de sua formação escolar e cultural, para enfrentar os novos desafios impostos pelas TIC, ancorada nos pressupostos teóricos dos pesquisadores Elie Bajard (2005, 2007),

Jean Foucambert (2008), Roger Chartier (1994, 2002, 2009) e Regina Zilberman (2001).

3.4.1 Olhar histórico sobre a leitura

As sociedades humanas, ao longo da história, foram criando e desenvolvendo maneiras de se comunicar; surgiram novos mecanismos, novos suportes, para que a comunicação pudesse circular. Da fumaça ao aparecimento da escrita, os meios sempre foram evoluindo conforme as necessidades de cada sociedade e de cada época. Nos dias de hoje, um dos maiores e mais utilizados está a cargo das tecnologias da informação e comunicação, em específico, ao uso da internet.

Trazer à discussão o aparecimento da escrita é reconhecer sua importância ao longo da história, resgatando as evoluções criadas pelo homem, o que levará a compreender como os suportes informacionais surgiram para facilitar essa interação. Por conta dessas evoluções a dimensão das transformações que a leitura vem sofrendo, até os dias de hoje, não cessaram e continuarão a ocorrer certamente no futuro.

Reconhecer o papel da leitura e da escrita, no processo de comunicação, possibilitará penetrar no turbilhão que este ato vem sofrendo nas últimas décadas. A interação é um processo contínuo e necessário na convivência da humanidade e, com a expansão das tecnologias, há exigências cada vez maiores para enfrentar, e a comunicação sofre essas interferências em função das mudanças no ato de ler. Nas próximas discussões buscaremos entender o processo, como componente histórico.

Para Manguel (2012), o estudo da história da leitura, ao longo dos séculos aborda a transformação, no que diz respeito às concepções, ao uso, ao jogo de poder, à importância, à recepção, e à evolução dessa prática, da forma como conhecemos.

Ler em voz alta, ler em silêncio, ser capaz de carregar na mente bibliotecas íntimas de palavras lembradas são aptidões espantosas que adquirimos por meios incertos. Todavia, antes que essas aptidões possam ser adquiridas, o leitor precisa aprender a capacidade básica de reconhecer os signos comuns pelos quais uma sociedade escolheu comunicar-se: em outras palavras, o leitor precisa aprender a ler.[...] Os métodos pelos quais aprendemos a ler não só encarnam as convenções de nossa sociedade em relação à alfabetização – a canalização da informação, as hierarquias de

conhecimento e poder –, como também determinam e limitam as formas pelas quais nossa capacidade de ler é posta em uso. (MANGUEL, 2012, p. 85)

Como já foi assinalado, tanto a escrita como a leitura vêm sofrendo as transformações decorrentes das revoluções tecnológicas; ao longo da história da produção textual os textos sofrem interferências diretas. As transformações que preocupam atualmente são as relacionadas às influências que o texto digital sofreu na forma, na expressão, na recepção, causando, conseqüentemente, mudanças na conduta leitora do sujeito.

O historiador e professor francês Roger Chartier tem dedicado sua vida ao estudo da história da leitura, e aborda o tema por diversas perceptivas. Neste trabalho buscou-se referência nas obras de Chartier (1994, 2002, 2009, 2011), tendo sido suas contribuições teóricas fundamentais para compor o estudo.

Chartier (1994, p. 11) enfatiza a preocupação inquietante do desafio de pretender estudar e inventariar a prática da leitura. Há uma distância entre os sentidos que o texto carrega, pensados pelo autor, e o uso, a crítica, ficando a interpretação do texto por conta do leitor. O leitor, ao se apropriar do texto, lhe dará as significações. O texto só terá significado se houver um leitor para ler e interpretar os seus mistérios. O texto, por si só, não existe sem a apreensão e interpretação de um leitor, que, ao ler, o transforma em um novo objeto.

Chartier advoga que as abordagens de qualquer tradição de leitura necessitam do reconhecimento de vários contrastes, por conta de diversos interesses e expectativas a que estão sujeitos os diferentes grupos de leitores que investem na prática da leitura. As determinações que orientam a prática da leitura dependem das maneiras como os textos podem ser lidos, e, lidos por diferentes leitores, com diferentes habilidades intelectuais, e que não mantêm uma mesma relação com o escrito.

Certeau (1990), apud Chartier (1994, p. 11), no texto abaixo constata o quanto a escrita se destaca por ser sempre fixa, durável, e a leitura, por sua vez, ser efêmera, o que é fundamento obrigatório para entendermos a prática em sua especificidade.

Bem longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos lavradores de antanho - mas, sobre o solo da linguagem, cavadores de

poços e construtores de casas -, os leitores são viajantes: eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebatam os bens do Egito para com eles se regalar. A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar, e multiplica a sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não se protege contra o desgaste do tempo (nós nos esquecemos e nós a esquecemos); ela pouco ou nada conserva de suas aquisições, e cada lugar por onde ela passa é a repetição do paraíso perdido CERTEAU (1990), apud CHARTIER (1994, p. 11)

Pode-se inferir do texto acima que a escrita permanece a mesma, ao longo de toda história, enquanto a leitura se altera com o passar do tempo. Os leitores mudam, amadurecem, nascem e morrem, porém suas inúmeras interpretações sobre o dito e o escrito são infinitamente possíveis. A escrita permanece inalterada.

As características de cada época da história interferem diretamente no leitor; o texto pode ser o mesmo, as interpretações variam de acordo com o perfil, a história, o conhecimento adquirido, o acúmulo de informações, de experiências que cada pessoa traz no seu interior, consequências da cultura, do ambiente.

Nas palavras de Certeau, a alusão atribuída aos leitores difere da referida aos escritores; enquanto os escritores são como cavadores de poços e construtores de casas os leitores são nômades, são viajantes que circulam sobre a terra. A escrita por sua vez acumula, estoca, resiste ao tempo, permanecendo num lugar, e, conseqüentemente, multiplica-se pela reprodução e agregação de outros leitores/escritores.

A leitura é desprotegida, não se conserva, sofre as ações do tempo, da cultura de cada época. Compreender a história da leitura requer atenção aos acontecimentos históricos, ao contexto cultural de cada produção, só assim o entendimento deste fenômeno será possível e compreensível.

Como observa Chartier (1994, p. 12), ao historiador cabe reconstruir as variações que diferenciam os espaços legíveis, ou seja, estudar os textos nas suas formas discursivas e materiais, estudar as circunstâncias de sua efetuação, considerando as leituras como práticas concretas e como procedimentos de interpretação.

Segundo Chartier (1994) para o pesquisador e o historiador estudarem a escrita e a leitura, a tradição acadêmica sugere que se separe o espaço da história em três polos distintos, compostos: de um lado, a análise do texto (canônicos, profanos, literários ou sem qualidade), em seus objetivos em suas pretensões; de

outro lado, cabe acompanhar a história do livro, todas as formas de tomar o escrito, em relação aos suportes que proporcionam a transmissão e a disseminação dos textos; e, por último, o estudo das práticas que se apossam de maneiras diversas do objeto ou de sua forma, produzindo usos e significações diferenciados.

Olhar para o passado é reconhecer e entender a leitura da forma como se apresenta hoje. O que conhecemos hoje pode não ter no futuro os mesmos comportamentos e atitudes referentes a esse ato de ler. No que virá seremos parte da história, e neste movimento sem fim entre o novo o velho a história da humanidade se reformula, se reinventa constantemente, sempre com o objetivo de facilitar a convivência entre as pessoas. Neste viés, no próximo item, abordaremos as transformações que o ato de ler vem sofrendo com o passar dos séculos.

3.4.2 Mudanças no suporte alteram a maneira de ler

Segundo Chartier (1994), a relação mais sutil refere-se à leitura e ao contexto da época em que o livro foi escrito, produzido a partir das revoluções ocorridas na produção e nos suportes. Ele descreve as três grandes revoluções ocorridas na história da escrita que causaram uma mutação anunciada na forma de transmissão das informações e em todos os aspectos da história.

As revoluções ocorridas foram decorrentes de demandas sociais e profissionais e tinham o objetivo de levar a informação ao maior número de pessoas possível. Com o passar do tempo as necessidades de transmissão, cada vez mais rápidas, e em tempo real, só aumentaram, chegando ao que conhecemos.

Segundo Chartier (1994, p. 96-98), as mudanças ainda estão acontecendo, ou ainda vão continuar a acontecer. Chartier divide as revoluções em três grandes momentos históricos: a primeira revolução é de ordem técnica; modifica, em meados do século XV, a maneira de reprodução dos textos escritos e o modo de produção do livro.

Com os caracteres móveis e a imprensa, a cópia manuscrita não é o único recurso disponível para assegurar a multiplicação e a circulação de textos. Daí a importância desse momento essencial na história ocidental considerado como o delimitador [...] tanto antes como depois de Gutenberg, o livro é um objeto composto por folhas dobradas, reunidas em cadernos colados uns aos outros. Nesse sentido, a revolução da imprensa não consiste absolutamente numa “aparição do livro”. Doze ou treze séculos antes do surgimento da nova técnica, o livro ocidental teria encontrado a forma que lhe permaneceu própria na cultura do impresso. (CHARTIER, 1994, p. 96)

A primeira revolução altera a produção dos textos e a produção do livro devido aos caracteres móveis e a imprensa. Com a revolução, os manuscritos não eram mais os únicos meios pelos quais os textos ficavam disponíveis e eram multiplicados e circulavam. A revolução não apresentou mudanças na estrutura do livro, essenciais pela invenção de Gutenberg, o livro manteve-se dependente do manuscrito até meados do ano de 1530, nas características de paginação. Escrituras, aparência e o acabamento continuavam sendo feitos a mão pelo corretor e pelo iluminador; ao leitor permaneceu a possibilidade de fazer anotações nas margens do livro.

Tanto antes como depois da invenção de Gutenberg, o livro continua sendo composto por folhas dobradas, reunidas em cadernos, colados uns aos outros. Este formato do livro permanece até os dias de hoje.

A segunda revolução, bem mais complexa do que a primeira, caracteriza-se por ser uma revolução em desenvolvimento, continua ocorrendo. Com características mais relevantes do que as presenciadas pela invenção de Gutenberg, esta revolução modifica a técnica de reprodução do texto, as estruturas, as próprias formas de suporte do escrito, como a tela do computador, considerada a substituta do códex. A transformação sofrida torna-se mais radical, altera os modos de organização, de consulta, de estruturação ao suporte do escrito que o modificam.

Segundo Chartier (1994, p. 98), baseado na longa e riquíssima história, a segunda revolução enfatiza as duas mutações importantes que devem ser consideradas nas transformações da modalidade física, corporal do ato de ler. E insiste sobre a importância decisiva da passagem de uma leitura oralizada e necessária ao leitor para a compreensão do sentido do texto, e a outra possivelmente silenciosa e visual. Essa revolução diz respeito à longa Idade Média, quando a leitura silenciosa ganha o mundo das escolas, das universidades no século XII, e por consequência seus efeitos são considerados por criarem a oportunidade de se ler mais rápido, logo, de se lerem mais textos e de se lerem textos mais complexos.

Desta forma, Chartier (1994, p. 99) apresenta a terceira revolução, concernente ao estilo. Na segunda metade do século XVIII, caracterizaram-se dois tipos de leitor: o “intensivo” e o “extensivo”, sendo o primeiro caracterizado por ler um limitado número de textos, porém esses textos eram lidos e relidos,

memorizados, recitados, ouvidos, e conhecidos de cor, transmitidos de geração a geração; já o segundo, era caracterizado por ser um leitor ávido, faminto por ler, consumindo numerosos impressos, lendo-os com vontade, sendo veloz em suas práticas, exercendo uma atividade crítica, sem se omitir frente a qualquer domínio ou dúvida metodológica. O que lhe importava era ler, quanto mais lesse, melhor.

Chartier (1994, p. 100), ao falar da revolução do texto eletrônico, encaminha-nos para a reflexão de que a leitura sobre uma tela é diferente da leitura de um códex. As mutações ocorridas na tela, certamente e inevitavelmente, alteram as maneiras de ler, as novas relações com a escrita, e conseqüentemente, as técnicas intelectuais e cognitivas sofrem mudanças. No novo suporte, o ato de ler torna-se diferente, exigindo do leitor condutas e comportamentos mais específicos. Assim,

Se abrem possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ele substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contigüidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, torna visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margem ou limites. (CHARTIER, 1994, 100-101).

Ao considerar as revoluções das leituras precedentes que não mudaram as estruturas fundamentais do livro, o autor alerta para o fato de que a revolução iniciada no mundo contemporâneo tem a ver com os suportes e com as formas pelas quais o escrito é transmitido. Ao relembrar a história do livro, tem-se um único precedente no mundo ocidental: a substituição do *volumen* pelo códex, ou seja, a mudança do formato: do livro em forma de rolo, pelo livro contendo vários cadernos reunidos, nos primeiros séculos da era cristã. Nestes longos séculos de história do livro, da escrita, da leitura, temos hoje um momento completamente inédito, em se tratando do meio pelo qual circula as informações, e de um novo modo de ler proporcionado pelos suportes digitais.

Chartier (1994, p. 102) explica a necessidade de se olhar para a história e o nascimento do códex com atenção. O códex herdou o formato do livro, tal qual conhecemos hoje. O códex permite localizar partes do texto mais facilmente e considera a manipulação mais agradável do texto. Torna possível a paginação, o estabelecimento de correspondência, a comparação de uma passagem com outra e possibilita ainda a análise do livro como um todo pelo leitor que o manuseia. O

domínio do códex ocorreu com lentidão e se deu entre os leitores que não pertenciam às classes letradas, na forma, por exemplo, de textos escolares, obras técnicas, romances.

A revolução eletrônica depende largamente da correta inscrição na história de longa duração. A compreensão e o domínio dessa revolução do futuro (ou de hoje) permite medir corretamente as possibilidades inéditas abertas pela numeralização dos textos, sua transmissão telemática, bem como sua recepção no computador. Na recepção eletrônica dos textos o leitor pode submeter a sua escrita a múltiplas operações como: indexá-la, anotá-la, desmembrá-la, recompô-la, deslocá-la, entre outras atividades (CHARTIER, 1994, p. 103).

A distinção, claramente visível no livro impresso, entre a escrita e a leitura, entre o autor do texto e o leitor do livro, apaga-se em benefício de uma outra realidade: aquela em que o leitor torna-se um dos autores de uma escrita de várias vozes ou, pelo menos, encontra-se em posição de construir um texto novo a partir de fragmentos recortados e reunidos. Como o leitor de um manuscrito que podia reunir em um único livro obras de natureza diversa, unidas numa mesma coleção num mesmo *libro-zibaldone*, o leitor da idade eletrônica pode construir à vontade conjuntos textuais originais, cuja existência e organização só depende dele. Mais ainda, ele pode a todo o instante intervir sobre os textos, modificá-los, reescrevê-los, fazê-los seus. (CHARTIER, 1994, p. 103-104)

Em uma nova configuração, o acesso do leitor aos textos, às informações é abundante, em virtude da quantidade de material e de temáticas presentes nas redes. Por outro lado, trata-se de uma época perigosa devido ao volume de dados nem sempre confiáveis. O leitor, a qualquer momento, sob a condição de estar diante de um visor, de uma tela, conectado a uma rede, pode acessar e efetuar uma leitura, enviar um documento informatizado, pode ainda consultar dados, ler, estudar, abrir qualquer texto, independentemente de onde estiver. Além disso, pode interagir com outros leitores-navegadores em tempo real.

Chartier (1994, 2002), como historiador da leitura, considerando as múltiplas relações estabelecidas entre leitor/texto, refere-se ao entrecruzamento da capacidade inventiva do leitor. Para ele as mudanças na ordem das práticas de leitura geralmente são mais lentas do que as revoluções nas técnicas de produção da matéria textual.

Como o autor atesta, “da invenção da imprensa não decorreram imediatamente novas maneiras de ler” CHARTIER (2002, p. 112), reafirmando que

esses momentos de transição são permeados por avanços, retrocessos e coexistências em que se observam práticas de leitura singulares e já consolidadas, movimentos que denunciam uma das tensões experimentadas na atualidade.

Destaca, ainda, que uma das mudanças proporcionadas pela revolução do texto eletrônico relaciona-se à ordem das propriedades do livro. Essa ordem pode encontrar-se com um sentido jurídico (ou seja, baseado na propriedade literária e no *copyright*) ou com um sentido textual (tido como as características ou propriedades dos textos).

À medida que o texto eletrônico, digital, é caracterizado pela não linearidade, maleabilidade, mobilidade e abertura, o leitor passa a ter a possibilidade de realizar múltiplas operações com suas unidades textuais, o que, por consequência, acaba por conferir-lhe um novo papel: o de coautor de um texto original que ele próprio organiza e reúne a seu modo.

Em contraponto, Chartier (2009) faz comparações entre o livro e os suportes digitais, comparações entre os avanços promovidos pelas tecnologias e as inovações trazidas pela descoberta da imprensa por Gutenberg no século XV. O texto eletrônico apresenta-se na tela do computador, fato que faz com que não possa ser manuseado diretamente pelo leitor.

Como já pontuou Chartier (1994), alguns traços indicam que há uma revolução nas estruturas do suporte do escrito e nas maneiras de ler. Encontra-se na tela uma dada quantidade de informações, e observa-se que as fronteiras não são tão visíveis quanto as do texto impresso (delimitado na sua encadernação, nas folhas escritas do livro). Na memória eletrônica encontra-se a possibilidade de se entrecruzarem textos através dos hipertextos, ou dos nós, como representa Santaella (2011).

Diante de tal contexto, o leitor de hoje, do ciberespaço, é semelhante ao de alguns séculos atrás. O texto lido atualmente corre diante dos olhos do leitor, de uma forma vertical, enquanto o leitor do rolo lia com os olhos, as mãos davam suporte ao texto, ajudando a desenrolar o texto na horizontal. O leitor permanecia envolvido o tempo todo da leitura com o corpo e com os olhos. Neste momento da história da leitura, em que o suporte se torna a tela digital, pode-se dizer que o uso das mãos voltou para dar auxílio ao ato de ler, com os dedos, ao manusear o

mouse, com o toque na tela digital, para ampliar ou diminuir o texto. Enfim, o auxílio das mãos e dos dedos estão presentes ao folhear o livro ou tocar a tela, no momento do ato de ler, uma vez que não lemos somente com os olhos, lemos com o toque dos dedos, ao executar funções na tela do suporte digital.

Se o livro impresso como códex pôde proporcionar ao leitor utilizar-se de referências como paginação, índice e recorte do texto, por sua vez, o leitor do texto eletrônico já é um leitor/escritor mais livre, embora, no momento da leitura, ele não tenha acesso ao texto físico em suas mãos, pois o texto pertence aos seus olhos e as mãos. Quanto às diferenças de editoração e distribuição, na versão eletrônica a difusão é imediata e na versão impressa a distribuição é mais morosa. Salvo exceções provocadas por textos que se encontram para aquisição, nem tudo o que circula na internet é livre de custos, muitos textos científicos só serão acessados se o sujeito leitor o comprar.

Ao longo da história a humanidade contou com diferentes suportes de leitura. Atualmente, encontram-se à disposição alguns suportes como: impressos, digitais ou de mídia. As leituras nas diferentes estruturas estão disponíveis aos leitores de uma maneira nunca vivenciada pelo leitor anteriormente e, diante deles, é solicitada uma mudança no comportamento e na maneira de ler. Porém, se os modos de ler são transformados, a essência do ato leitor não muda, permanece inalterada, ou seja, a busca de atribuição de sentidos ao escrito sempre estará presente, não se pode compreender um texto sem lhe atribuir sentido.

Conforme sinalizado, todas as mudanças de estrutura acarretam alterações nas maneiras de ler e escrever. O suporte digital permite novos tipos de leitura e escrita.

Toda história de leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que descola e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetivos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 2009, p. 77)

As leituras no suporte digital, na internet, especificamente, exigem do leitor habilidades e capacidades da conduta leitora, adequadas ao meio informacional, as quais são aprendidas, mobilizadas e desenvolvidas, tendo como meta a compreensão de informações.

As novas estruturas tecnológicas fazem-se presentes no cotidiano da grande maioria dos leitores, nas diferentes esferas da vida, estando disponíveis no trabalho, nos estudos, na vida social, no lazer. O uso adequado dessas tecnologias resultará no melhor aproveitamento das informações veiculadas nos meios de comunicação. Usar essas tecnologias proporcionará ao leitor uma melhor interação nas práticas socioeconômicas, acadêmicas e culturais.

As constantes mudanças envolvendo todos esses processos de transformações tiveram e têm um objetivo em comum: atender as necessidades do leitor. Sem o receptor, todas essas mudanças não se justificariam. No contexto da leitura, o leitor não passou sem sofrer as interferências dessas evoluções, o leitor (consumidor) é o grande objeto das mudanças e é para sua satisfação que a obra é pensada e projetada. Relembrar o trajeto do leitor na história é reconhecer o seu valor e permite compreender como o ato de ler ocorre no indivíduo. A seguir exploro a concepção da leitura envolvendo o leitor, e como o ato leitor foi se solidificando ao longo dos séculos.

3.4.3 Modo de ser leitor: ato que se aprende

Para compreender como a conduta leitora pode ser desencadeada no sujeito primeiramente precisamos pensar nos caminhos do processo de aprendizagem do ato de ler, bem como as implicações que influenciam a aprendizagem.

No prefácio do Livro *Modos de ser leitor*, de Jean Foucambert (2008), José Arbex Jr. inicia sua apresentação com um questionamento que, para ele, tornou-se bastante complexo: “Ler algo”, como é ler algo? Exemplifica algumas situações e complementa dizendo que ler algo sempre será ato condicionado por complexos determinantes políticos, culturais, econômicos e ideológicos, em razão de dois destes determinantes serem considerados fundamentais: os primeiros da ordem da produção, uma vez que tudo que se lê é produzindo por alguém interessado, como por exemplo, jornais, revistas, noticiários, e em segundo lugar, as concepções políticas, econômicas, sociais, variantes encontradas em ambiente específico, e,

consequentemente, quem lê também está exposto a um ambiente determinado pelas mesmas implicações que incidem sobre quem produz.

Segundo Zilberman (2001, p. 51), a participação do leitor não se limita ao mero preenchimento de lacunas, ele é convidado a integrar-se no processo de constituição da obra, particularizando o processo de entendimento dela. Neste contexto a participação do leitor poderá ser eminentemente transformadora, o objeto passa de mero artefato artístico para objeto estético pela sua contemplação, entendimento e interpretação, que tem a ver também com o seu conhecimento prévio.

Nenhum leitor absorve passivamente um texto; nem este subsiste sem a invenção daquele, que lhe confere a vida, ao completá-lo com a força de sua imaginação e o poder de sua experiência. Como essas propriedades são por sua vez, mutáveis, as leituras variam, e as reações perante as obras sempre se alteram (ZILBERMAN, 2001, p. 51).

Para Foucambert (2008), o que importa no modo de ser do leitor é a ideia de que o sujeito possa adquirir a consciência de si mesmo e do mundo, ou seja, tornar-se sujeito de suas próprias ações, responsáveis pelo seu destino, consequentemente ser levado à autonomia. Em poucas palavras, o que importa é a conduta leitora do sujeito para o seu próprio desenvolvimento.

Como essa magia do ato de ler se torna “tudo”, no sujeito, e em que momento ocorre? Para responder aos questionamentos precisa-se voltar o olhar para o processo de leitura que se inicia na criança desde seu nascimento, se estende e se complementa ao longo das experiências, chega ao leitor maduro quando este consegue compreender o lido, o escrito. Por ser um ato cultural não se pode simplesmente ensinar, precisa ser incluído nas ações, nos comportamentos e atitudes do indivíduo como processo contínuo, e não isolado.

O ato aparente de ler em sua complexidade, “encobre outras tantas funções, com particularidades estruturais específicas, nem sempre descritas ou percebidas, que exigiriam, cada uma delas, um ato de ensinar e, para nomear, uma nomenclatura específica”. (ARENA, 2009, p. 4 e 5). Em comunhão com os pensamentos de Bajard (2007), o professor Arena (2009) defende a ideia de que cada função pela qual a leitura será executada dependerá do objetivo da função, e aí também as operações intelectuais mobilizadas, ao se lidar com a atribuição de sentidos ao escrito ou durante a atividade de pronunciar as palavras do texto.

A distinção entre a locução e sua antítese a não-locução não pode ser compreendida no âmbito da presença ou ausência do traço material – a cadeia sonora, mas no âmago das operações intelectuais que pratica o leitor, e esse traço reside na atribuição de sentido, durante a atividade de ler e de sua transmissão, durante a atividade de fazer locução. (ARENA, 2009, p. 6)

O ato de ler aprimora-se com as experiências, os saberes se constroem aos poucos e por força e empenho do sujeito, ao longo da vida, sem cessar, exceto pela morte. Como se percebe nas discussões anteriores o ato de ler implica em inúmeras funções e situações, que envolvem a construção da obra, seja ela de que natureza for, um texto informativo, jornalístico ou um romance, por exemplo, e consequentemente exigem do leitor atenção ligadas aos conhecimentos sociais e culturais. Contudo, o ambiente em que ocorre a leitura também influencia o leitor no ato de ler, em razão da própria complexidade dessa ação. Consideremos ainda que em toda leitura, escolar ou não, observamos posturas, físicas e comportamentais. São posturas físicas: “o ambiente, o mobiliário, a iluminação, o ruído ou a falta dele, enfim, peças que formam verdadeiros cenários de leitura”. (GHAZIRI, 2008, p. 90). Os espaços dedicados à prática da leitura, juntamente com as atitudes e as funções dedicadas a ela no momento da apreensão contribuem para o desenvolvimento do ato de ler.

Para Arena (2011), o ato de ler seria mantido e impulsionado pela ação intencional do leitor em elaborar perguntas em busca de respostas provisórias. Seria o ato de aprender a fazer reflexões, de perguntar, com a intenção de procurar respostas no que está buscando no material de leitura, no limite do que as relações de necessidade do acervo cultural e linguístico permitem ao educando fazer. Nesse sentido, em termos de conhecimento, nossas ações de leitura do texto verbal não apenas se vinculam ao mundo das relações humanas, como nossas próprias ideias se formam nessa interação com o pensamento dos outros:

Concebidas como práticas culturais, as ações de leitura do texto verbal escrito inserem-se no mundo das relações humanas dos conhecimentos compostos por essas relações do ponto de vista tanto ontogenético quanto filogenético. Bakhtin (op.cit), a esse respeito, entende que a nossa própria ideia – seja filosófica, científica ou artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizadas do nosso pensamento. (ARENA, 2011, 16)

Partindo deste princípio, para elucidar os passos da construção da conduta leitora ao longo da vida do sujeito, a constituição da consciência individual se dá

pela relação com as outras consciências. Ou seja, muitos atos educativos são internalizados pela observação da prática do outro; assim, as ações de leitura como práticas culturais e as operações intelectuais verbalizadas pelos mediadores podem ser internalizadas nos estudantes ao aprenderem a ler os textos organizados em gêneros do discurso. Com isso, busca-se a compreensão do leitor capaz de dialogar com o outro pelo texto, em atitudes responsivas, para a qual traz aportes de conhecimentos já experimentados, pré-concebidos, (VIGOTSKI, (2001) apud ARENA, 2011).

Um ponto importante, abordado por diversos estudiosos, na formação do leitor é o contato com o material impresso ou digital. Antes de chegar a ler o texto escrito, a criança já tem contato com livros, material impresso ou digital, características atuais da apresentação de textos. Todos, em condições normais de leitura, dependem unicamente da visão, função dos olhos, que se abre às possibilidades e se movimentam para dar oportunidade ao aprendizado. No uso da visão encontra-se o primeiro passo para desencadear a conduta leitora. O papel da visão neste processo, bastante genuíno, permite desde muito cedo o acesso ao material a ser apreendido; com os olhos a criança inicia o ato de observar, e consequentemente, se estimulada, será instigada a ler.

Os olhos proporcionam oportunidades de investigar em minúcias qualquer detalhe que passa a nossa frente. No caso específico do acesso às informações, a leitura se destaca com grande importância. Tanto Manguel (2012), como Bajard (2007) e Foucambert (2008) abordam a questão dos olhos, sendo extremamente importantes no ato de ler. Os autores, ao se referirem ao uso dos olhos citam a observação feita por Santo Agostinho, descrevendo a maneira de ler de Santo Ambrósio no Século V. (BAJARD, 2007, p.23).

Para Manguel (2012), ler requer muito mais que conhecimento das letras, do significado. Foucambert (2008) e Manguel (2012) concordam ao dizer que a aquisição da leitura se inicia com a visão. Entre passagens históricas sobre o poder da visão no ato de ler e a recente inserção da tela do computador em rede, a visão continua a ser considerada elo fundamental também para a leitura na tela do computador. Percebemos nos autores a ênfase em considerar o poder da visão para a construção da conduta leitora, uma vez que os primeiros contatos de cumplicidade com o material se dá pelos olhos e pelas mãos.

Ao considerarmos este panorama, buscamos elucidar quais caminhos da prática leitora são empregados pelo indivíduo para localizar e ler as informações nos meios digitais. Para isso, baseados nas teorias e nas perspectivas de Foucambert (2008), Bajard (2005, 2007), Manguel (2012), pretendemos alcançar os resultados perseguidos. O ponto fundamental neste estudo, sobre como os estudantes estão lendo o material que encontram na rede, versa sobre entender como a conduta leitora dos indivíduos foi desencadeada ao longo de sua vida. O leitor adulto tornou-se o que é hoje por ter percorrido anos e anos de experiências e contato com o objeto de leitura. Desde pequeno, o ser humano, colocado em condições de desenvolvimento de aptidões pode ter o potencial cognitivo aguçado para o ato de ler. Nos dias de hoje, observamos que muitos bebês são acalmados, silenciados com a presença de dispositivos eletrônicos como o celular. Certamente, no futuro, terão mais facilidades em lidar com as leituras nas telas digitais.

O domínio da escrita e da leitura possibilita o acesso às informações e, contemporaneamente, os dados circulam em variados suportes, sendo que o mais atual é o digital. A leitura inicia-se pelo uso dos olhos, com o auxílio dos dedos, e a silenciosa é considerada comportamento do leitor maduro. O processo iniciou-se há muito tempo, com a linguagem oral no seio da família, na interação, para depois o ato ser assumido em voz alta e, só então, a leitura silenciosa de fato, pela qual hoje o leitor se comunica com o outro através do texto. Cabe lembrar que é pela mediação que o processo da leitura se desencadeia, provocando a aprendizagem.

A aprendizagem, segundo Foucambert (2008, p. 44) é a ação do sujeito em uma determinada situação dada, tentando adaptar sua resposta, ou buscando uma nova resposta. O aprendizado, nesse processo de mudança interior do sujeito, ligado a uma ação faz evoluir seu comportamento, visto como um processo que transforma pouco a pouco as condutas do indivíduo frente às situações vividas por ele, nutrindo-o da dialética.

Em relação à aprendizagem, Foucambert (2008) alerta para o cuidado que se deve ter com a aquisição de um saber de fato complexo; para o autor, é preciso situar a aprendizagem em um patamar de modificação da pessoa inteira, uma vez que se trata de um comportamento geral ou de um jeito de ser, com o domínio de uma operação intelectual, ou sensibilidade com as coisas, as pessoas, as ideias e a

evolução de conceitos. Importante destacar que a aprendizagem tem características sociais, que se desenvolvem fora da escola, pelo sujeito que vive, reage num meio humano, que induz e torna necessários certos comportamentos culturais.

Tanto Foucambert (2008) como Bajard (2005), em determinados momentos de seus estudos, concordam que o ato de ler se desenvolve, sofrendo as interferências do meio social e levando ao amadurecimento do sujeito enquanto ser social. O que determina o ato de ler é a construção de significados atribuídos ao material lido pelo sujeito, que tem caráter íntimo, reservado e solitário, mas que traz todas as experiências e conteúdos adquiridos até aquele momento específico, de situações que foram sendo vivenciadas pelo sujeito ao longo de sua convivência em sociedade.

As aprendizagens que o sujeito desenvolve são processos contínuos, jamais limitados no tempo, e não têm fim, prosseguem no adulto, uma vez que em cada momento da vida o sujeito, em contato com o mundo em movimento ao seu redor, aprende. Assim, a leitura efetuada pelo sujeito não será sempre a mesma realizada em momentos anteriores, visto que também ele muda: novas experiências são vivenciadas, novas aprendizagens acontecem, novos comportamentos são assumidos frente às várias situações.

Essa atividade perceptiva conduz o leitor a dar uma significação ao texto escrito, associado – entre si com o conjunto de suas experiências passadas – os elementos percebidos, e a guardar deles uma lembrança sob a forma de impressões, julgamentos, ideias. (FOUCAMBERT, 2008, p. 62)

As pesquisas de Bajard (2005) iniciam pontuando que o ato de ler e sua aprendizagem inicialmente convivem em um exercício de convivialidade, mas que, aos poucos, a leitura vai evoluindo para um ato de individualidade que leva à construção de significados. Inicia a obra expondo que:

O mundo da escrita está hoje em plena mutação. Os meios de comunicação não cessam de se desenvolver e de deslocar as fronteiras que acreditávamos estabelecidas entre o campo do exercício da língua escrita e o da língua oral. Nossas representações e nossas práticas da escrita não são imutáveis, mas sofrem transformações a cada novidade tecnológica. A invenção da escrita alfabética, da imprensa no século XVI e, mais tarde, da pena de metal no século XIX, transformam a relação dos homens com a escrita (BAJARD, 2005, p. 11)

Vive-se, agora, na era das Tecnologias, que exigem do sujeito um aprendizado emergencial, construído pela nova situação, ditada pelo mundo

tecnológico, levando o indivíduo a envolver-se com elas, aprender a dominar, a utilizar, a apropriar-se delas sem a intervenção do ensino formal. Grande parte dos indivíduos aprende a utilizar as ferramentas tecnológicas e passa pelo processo de aprendizagem, no contato direto com elas nas situações cotidianas, sem a intervenção do ensino. Nesse sentido fica clara, nas palavras de Foucambert, a distinção entre aprendizagem e ensino.

A aprendizagem é uma atividade própria do indivíduo; o ensino é uma intervenção externa. O aprendizado é um processo contínuo. O ensino é aleatório: seu tempo de ação é curto, ele tem um início, enquanto a aprendizagem teve início há muito tempo; ele cessa, a aprendizagem evolui, desde que aconteça em situação funcionais (FOUCAMBERT, 2008, p. 52).

Os esclarecimentos apresentados até o momento sobre aprendizagem e o papel do ensino mostram as interferências que a aprendizagem da conduta leitora sofre no processo de desenvolvimento ao longo da formação do indivíduo. Continuando a investigação ainda à luz dos pressupostos teóricos de Jean Foucambert, nos próximos parágrafos vamos olhar para a temática da leitura, no aspecto conceitual mais abrangente, com abordagens de diferentes concepções.

Kleiman (2004) estuda os processos de leitura, esclarece como o leitor desenvolve suas capacidades do modo de ler e alerta para a dificuldade que o pesquisador encontra ao colocar-se em campo para estudar a temática. Kleiman discorre sobre o ensino da leitura e as transformações sofridas na didática num período de 25 anos, possibilitando-nos observar as dificuldades existentes nesta área do ensino do ato de ler e nos modos de ler uma vez que são

os modos de ler inseparáveis dos contextos de ação dos leitores, bem como das múltiplas e heterogêneas funções da leitura ligadas aos contextos de ação desses sujeitos. Os modos de ler interessam pelo que nos podem mostrar sobre a construção social dos saberes em eventos que envolvem interações, textos multissemióticos e mobilização de gêneros complexos, tais como uma lição numa aula *versus* um cartaz numa assembleia *versus* um panfleto numa troca comercial. O pesquisador procura entender o funcionamento da escrita nas práticas locais das diversas instituições e visa, ainda, a problematizar o uso da escrita, desnaturalizando sua relação com o poder. A pesquisa sobre a leitura incorpora novos objetos construídos em Câmpus afins e, muitas vezes, busca reconstruir, no diálogo ou no discurso, a história social do leitor (KLEIMAN, 2004, p.15)

Segundo Foucambert (2008, p. 63), a leitura, em qualquer caso, é a tomada da informação para si; o que vai variar de uma situação a outra é o que o sujeito, de posse deste material, quer fazer com o que encontrou: especulação, ação, sonho,

prazer, entre inúmeras opções. Neste caso, ler é, antes mesmo de procurar a informação, ter escolhido o que se quer procurar, quer se trate de uma bula, de um jornal, da legenda de um filme, de um mapa, ou de uma peça de teatro, é sempre uma atividade que encontra sua significação inscrita no interior de um projeto, “trata-se sempre de tomar as informações que escolhemos tomar.” (FOUCAMBERT, 2008, p. 63)

As informações, segundo Foucambert (2008), podem ser encontradas em cinco ordens. Ao escolher o que queremos procurar, pretendemos responder a um projeto, a uma expectativa de leitor.

- Se a informação for de ordem quase física, sonora, e se encontra na dimensão social das palavras ou do discurso, então a leitura tomará uma forma lenta a fim de tornar possível a vocalização efetiva, a pronúncia interior, obtidas pelos elementos procurados.
- No caso da informação ser de ordem da natureza, ou seja, da apresentação de fatos e de raciocínios, uma coisa ou outra, neste caso a leitura tomará a forma silenciosa, por vezes interrompida por uma mediação, com retornos ao que foi dito anteriormente.
- Se a informação for de ordem do conhecimento ou da ação, vemos na forma de seleção; em algumas passagens a leitura será mais lenta e em outras a passagem será mais rápida, conforme o interesse do leitor no assunto lido.
- Se a informação for da ordem do fato pontual isolado, no contexto conhecido ou desconhecido, conseqüentemente será uma informação completamente seletiva, rejeitando tudo o que estiver fora do que está sendo buscado, constituindo uma verdadeira triagem.
- E, por último, temos a ordem exploratória da informação que procura retirar do texto somente o essencial, estabelecendo a busca por sondagem, por extensões de saltos, de associações.

É em função daquilo que se quer fazer que serão selecionadas as informações num registro ou noutro, num campo ou noutro. Ler é, então, antes mesmo de procurar informação, ter escolhido a informação que se procura. Ler, quer se trate de um jornal, de um romance, de uma bula, de um poema, de um relato de experiência, da legenda de um filme, de um

mapa, ou de uma peça de teatro, trata-se sempre de uma atividade que encontra sua significação porque está inscrita no interior de um projeto. (FOUCAMBERT, 2008, p. 63)

Buscamos na leitura a possibilidade de encontrar o desconhecido, de pesquisar por algo que nos interessa. Para iniciar o ato de leitura precisamos ter antes escolhido o que buscar, uma vez que dissociada dessa intenção a leitura não existe, é necessário ter o interesse por aquilo que se busca, dentro de um projeto atual. A leitura é flexível, multiforme, e está diretamente relacionada à pesquisa. Foucambert salienta que: “ler é poder fazer tudo, quando se quiser e quando o texto se prestar a isso”. (FOUCAMBERT, 2008, p. 64)

Para Foucambert (2008), aprender a ler, necessariamente, é estar apto às possibilidades de buscar e compreender o que se quer, dentro de um projeto existente de interesse individual, alimentado por situações de vida, amparado em um projeto atual, pessoal e individual. A leitura num todo trabalha com simbolismos, representando para o leitor a tomada imediata da significação do escrito. O leitor compreende a informação retirada do texto, tratada de acordo com cada momento de fixação, ou seja, o indivíduo retira significado do que lê, no universo da compreensão, da apreensão ou da atribuição de um sentido ao menos compatível com a proposta de significação do texto proposto.

Na perspectiva de Foucambert (2008) o indivíduo que sabe ler tem como pontos de apoio a identificação das palavras que estão armazenadas na memória, que foram guardadas de experiências anteriores e permitem instantaneamente relacionar um significado a uma forma ou a outras formas escritas. Por outro lado, conta com a antecipação articulada ao contexto, aí relacionada diretamente à percepção e à antecipação, fazendo atuar, neste caso, a intuição de um sistema que se apoia sobre a frequência com que as palavras aparecem.

Para progredir, muitas vezes é necessário retroagir, repensar como o ensino está sendo proposto em relação à aprendizagem da leitura. Neste viés, Bajard (2008) apresenta a concepção de ensino tradicional, para depois expor a concepção que vem a defender em suas teorias.

O sujeito percorre, desde sua mais tenra idade, até atingir um comportamento leitor, caminhos oportunizados pelas experiências adquiridas ao longo da vida. Cada etapa apresentada anteriormente, composta de processos de

aprendizagem e de desenvolvimento do ato leitor, tem papel fundamental na formação do indivíduo, consequentemente, capacita-o à atitude transformadora. Este caminho da formação de uma conduta leitora adequada indica o princípio de que ler é compreender, apropriando-se do que se lê. A leitura é poderosa e desperta possibilidades extremamente importantes no uso social e cultural. Vale esclarecer que os processos de aprendizagem apontam para a diversidade e pluralidade de enfoques possíveis de serem adotados quando se estuda a leitura.

Muito se tem estudado sobre os processos de aprendizagem da leitura com o intuito de entender como ocorre esse desenvolvimento no sujeito ao longo da formação acadêmica, numa busca constante por caracterizar as atitudes que o tornam autônomo e responsável por suas ações. O caminho da aprendizagem envolve o sujeito desde seu nascimento, num aprendizado contínuo por toda a vida, e essas variáveis são importantes para compreender como o adulto reage frente aos novos desafios ditados pelas tecnologias. No próximo capítulo apresento a análise e os resultados deste trabalho, juntamente com as teorias necessárias ao entendimento deste novo leitor.

4 O SUJEITO DA PESQUISA E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO

Nos tempos atuais, é praticamente impossível imaginar uma atividade sem que esta esteja ligada a algum tipo de tecnologia, dando-nos a impressão de que o mundo gira no entorno dos aparatos digitais. Os mais diversos segmentos, tais como mercado, banco, hospital, escritório, banca de jornal, posto de gasolina estão conectados às inúmeras ferramentas disponíveis nos serviços prestados. Assim, equipamentos, dispositivos eletrônicos, *software*, programas de última geração, computadores, celulares, *tablets*, *smarthphone*, *intranet*, internet, compras *on-line*, conversas em tempo real, tudo evidencia que não há como negar que estamos cercados por tecnologias, cujos aparatos exigem do sujeito capacidades e habilidades que até há pouco tempo não eram necessárias.

O desenvolvimento das potencialidades no sujeito torna-o apto para a interação com os dispositivos eletrônicos e com as pessoas, ou seja, para conectar-se com o mundo, com o ciberespaço. Para que o sujeito não fique marginalizado, não fique excluído do contexto social, político e econômico, precisa urgentemente capacitar-se e aprender a lidar com as tecnologias, tornando-se autônomo em suas ações e dominando aplicativos e ferramentas que o meio digital vem oferecendo.

Neste capítulo abordo o tema referente às Tecnologias da Informação e da Comunicação, suas influências no mundo contemporâneo, seus usos, e com um olhar voltado às capacidades, habilidades que seus usuários precisam dominar, uma vez que em tempos de *cibercultura* viver sem os aparatos tecnológicos tornou-se algo quase inconcebível. Tema instigante para muitos pesquisadores como: Lévy (1999), Romaní (2009, 2012), Santaella (2004), Xavier (2010, 2012), Teruya (2006), Cejudo e Cabero (2006), Menezes (2002), Castells (1999, 2003, 2005), Burgos (2008), Tomaél (2004), esse referencial teórico foi selecionado por considerar os estudos destes pesquisadores importantes para o entendimento dos resultados obtidos na coleta de dados, proporcionando contribuições relevantes para o nosso trabalho.

Ao partir para a interpretação dos resultados, nesta parte da dissertação, trago os dados que foram gerados pelos instrumentos: questionário e entrevistas semiestruturadas, aplicados aos acadêmicos do Curso Superior de Tecnologia em

Alimentos – CST - Alimentos. Foram interpretados à luz das teorias estudadas no capítulo dois, juntamente com as teorias estudadas neste capítulo.

Os resultados foram disponibilizados na forma de tabelas, gráficos, quadros e partes dos enunciados extraídos das entrevistas e a análise materializada por meio da descrição e interpretação das informações provenientes dos instrumentos de pesquisa.

Dos 27 questionários respondidos, constatou-se que dois questionários tinham algumas questões em branco e questões parcialmente respondidas. Com isso, o número de respondentes variou em algumas questões. O percentual foi calculado sobre o número de respostas que a questão recebeu e não pelo número de sujeitos, respeitando-se, assim, a decisão do estudante em responder ou não à questão.

A categorização dos dados, como se pode observar, nas sistematizações a seguir, foi estabelecida a partir dos eixos de análises constituídos para responder aos objetivos desta pesquisa:

- Características dos tecnólogos, os usuários e sujeitos da pesquisa, identificando comportamentos e ações que executam.
- Os acadêmicos e as habilidades em utilizar a internet para pesquisar, verificando sua capacidade de buscar, identificar, salvar e fazer *downloads* de informações desejadas;
- Os acadêmicos e as habilidades para avaliar as fontes de informação, com base em conhecimentos prévios, verificando a confiabilidade e a veracidade dos conteúdos encontrados;
- O leitor acadêmico e a prática da leitura nos suportes digitais, buscando analisar se o uso da rede contribui para melhorar o ato leitor.

Neste trabalho, o foco principal foi buscar compreender como os acadêmicos, na condição de sujeitos da pesquisa e usuários da rede, vêm interagindo com as tecnologias, para efetuarem leituras e pesquisas, tendo em vista as novas exigências ditadas pela inserção das tecnologias em todos os segmentos. A seguir apresento os resultados coletados pelos instrumentos: entrevistas e questionário, aplicados aos estudantes.

4.1 A estrutura histórica da internet até os dias de hoje.

Usar a rede mundial de computadores compreende algo fantástico. A internet, como é conhecida, ferramenta versátil, permite fazer praticamente tudo no acesso à rede: comprar vender, buscar informações de qualquer natureza. Podemos encontrar qualquer tipo de assunto, diversos gêneros textuais, links que levam a outros links, hipertexto, comentários, artigos científicos, expressões variadas, imagens, sons, enfim, encontra-se de tudo. As possibilidades oferecidas na web, hoje, com interfaces amigáveis, têm uma história recente.

Os primeiros computadores, segundo Lévy (1999, p. 31), surgiram na Inglaterra e nos Estados Unidos em meados de 1945 e eram de uso exclusivo do exército. Inicialmente foram utilizados por militares, com o objetivo de cálculos científicos, mas seu uso científico disseminou-se durante os anos 60. Naquela época, o aumento e as transformações ocorridas com os hardwares não previam um movimento geral de virtualização da informação e das potencialidades que a comunicação alcançaria nas décadas seguintes, afetando profundamente os dados e comportamentos da vida social.

A rede pode ser considerada como uma aventura humana extraordinária. Conforme Castells (1999, 2003), desde os processos que levaram à internet, à montagem da Arpanet, montada pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), fundada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, com o objetivo de mobilizar recursos de pesquisa no campo universitário, especificamente para alcançar superioridade militar em relação à União Soviética, na década de 1960, até a explosão da *word wide web* na década de 1990, conhecida pelos usuários como *web*, ou *www*, continuando até hoje, a internet está construindo sua própria história, que, sem dúvida, se incorpora à história da própria humanidade.

A grande virada ocorreu na década de 70 com o desenvolvimento e a comercialização dos primeiros microprocessadores, programados para cálculos aritméticos, em pequenos chips eletrônicos. Com isso, diversos setores econômicos e sociais dispararam em capacidades de processamento de dados. Não demorou muito para surgir a invenção do computador pessoal.

A década de 80 foi marcada pelo prenúncio do horizonte contemporâneo da multimídia. Aos poucos a informática perdeu seu status de técnica, e de

exclusividade do setor industrial, passando a participar efetivamente de setores como: telecomunicações, editorações, cinema e televisão. Nessa década viu-se a invasão dos videogames, novas formas de mensagens interativas, o aparecimento das interfaces gráficas e sensório-motoras e o surgimento definitivo dos hiperdocumentos (hipertextos, CD-Rom).

De acordo com Lévy (1999, p. 32), no final dos anos 80 para início da década de 90, surge um novo movimento caracterizado como sociocultural, originado por jovens profissionais das grandes metrópoles e dos *campi* universitários americanos, que se propagou rapidamente em escala mundial, sem que nenhuma instância dirigisse esse processo. Várias inter-redes começaram a se fundir, juntando-se umas às outras. O número de pessoas e computadores cresceu em escala exponencial.

Com a disponibilização dos computadores pessoais, uma corrente cultural espontânea e imprevisível impôs um novo curso em desenvolvimento tecnológico. “As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do Ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também, novo mercado da informação e do conhecimento.” (LÉVY 1999, p. 32).

Para explicitar como acontecem as relações nesse novo espaço é importante que se caracterize a noção de interface. Para Lévy (1999, p. 37), a interface é entendida como todo aparato de materiais que permitem a interação entre o universo da informática digital e o mundo ordinário. Assim, os dispositivos de entrada (teclado para entrada de texto, fornecimento de instruções para o processador: mouse, tela sensível ao toque, digitalizadores automáticos, *scanner*, leitores óticos, sensores automáticos de movimento do corpo) capturam, digitalizam as informações para possibilitar os processamentos computacionais.

As interfaces de saída possibilitam a melhor definição dos dados, a definição e a diversificação dos modos de comunicação, de informação. No domínio visual, além da imagem na tela, os documentos impressos nas últimas décadas passaram por um avanço considerável, que, ao “apagar a distinção entre impresso e manuscrito, transformou a relação com o documento escrito.” Lévy (1999, p. 38).

Voltar no tempo, conhecer quando e como tudo começou pode contribuir para a compreensão da nossa pesquisa. O que importa neste trabalho é situar o leitor no espaço e no tempo, com a percepção de olhar a história do computador e o acesso à internet como objetos transformadores. E ver na invenção, também, as mudanças causadas pelo uso dessas tecnologias para o desenvolvimento sociocultural em esfera global, transformações essas que acontecem até os dias de hoje.

Conforme Castells (1999, 43), as décadas de 1940 a 1960 foram dedicadas à indústria eletrônica, sendo que o grande progresso pode ser reconhecido a partir dos anos 1970, de certa forma relacionado à cultura de liberdade que existia nos *campi* universitários americanos, possibilitando inovação individual e iniciativa empreendedora.

Para Lévy (1999, p. 33), o que importa é compreender como a explanação e o aprimoramento da rede vem causando mutações sociais e culturais; mutações técnicas na ordem de velocidade, capacidade de memória e taxas de transmissão, combinadas com uma baixa contínua de preços, e melhoria considerável dos *softwares*. “Os produtores de programas têm se dedicado à construção de um espaço de trabalho e de comunicação cada vez mais ‘transparente’ e ‘amigável” (LÉVY, 1999, p. 33)

Quanto ao uso social da internet, Lévy acredita no permanente crescimento da interação e da potência, com redução de custos e da descompartimentalização, tendências essas que irão continuar no futuro. Apontamentos históricos são cenários necessários para a compreensão do fenômeno da internet, permitindo-nos reconhecer que embora a rede mundial de computadores tenha apenas um pequeno período de história, sua participação, no entanto, é extremamente significativa, causando mutações e transformações nunca imaginadas em outras épocas.

O mundo como se conhece, segundo Castells (2005), está em processo de transformação estrutural, em função das mudanças que vêm ocorrendo nas últimas décadas. É um processo multidimensional, associado à emergência das tecnologias de comunicação e informação, que começaram nos anos 60 e que se difundiram de forma desigual por todo o mundo. O que determina a tecnologia é a sociedade, conforme as necessidades, valores e interesses dos indivíduos que precisam dessas tecnologias. A história da Internet fornece-nos amplas evidências de que os

utilizadores, particularmente os primeiros milhares, foram, na grande maioria, os produtores dessa tecnologia.

Para Castells,

a comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais. Então, a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia. Aquilo a que chamamos globalização é outra maneira de nos referirmos à sociedade em rede, ainda que de forma mais descritiva e menos analítica do que o conceito de sociedade em rede implica. Porém, como as redes são selectivas de acordo com os seus programas específicos, e porque conseguem, simultaneamente, comunicar e não comunicar, a sociedade em rede difunde-se por todo o mundo, mas não inclui todas as pessoas. De facto, neste início de século, ela exclui a maior parte da humanidade, embora toda a humanidade seja afectada pela sua lógica, e pelas relações de poder que interagem nas redes globais da organização social. (CASTELLS, 2005, p. 18).

A questão, para Castells (2005), paira no reconhecer os contornos do novo terreno histórico que se apresenta com a internet, ou seja, o mundo em que vivemos, com as novas possibilidades de comunicação, e buscar explorar todo esse potencial.

É por isso que difundir a Internet ou colocar mais computadores nas escolas, por si só, não constituem necessariamente grandes mudanças sociais. Isso depende de onde, por quem e para quem são usadas as tecnologias de comunicação e informação. O que nós sabemos é que esse paradigma tecnológico tem capacidades de *performance* superiores em relação aos anteriores sistemas tecnológicos. (CASTELLS, 2005, p. 19).

Porém é preciso saber utilizar a internet para aproveitar o melhor do seu potencial, de acordo com os projetos e as decisões de cada sociedade. Para isso, cada indivíduo deve inteirar-se e conhecer a dinâmica, os constrangimentos e as possibilidades dessa nova estrutura social que se formou no uso da rede, e que ainda é objeto estranho para muitos.

4.1.1 O espaço digital: termos, definições e entendimentos

Conforme Xavier (2010), o aumento da utilização de novas ferramentas tecnológicas, tais como computador, internet, cartão magnético, e outros meios eletrônicos que fazem parte da vida do sujeito, tem exigido a necessidade de habilidades, de comportamentos e de raciocínios específicos para o uso dos meios de comunicação, que se incorporaram às práticas de leitura e escrita.

Para Lévy (1999), a *cibercultura* é percebida em suas múltiplas dimensões: no movimento social, no som, na arte, ou seja, na nova relação com o saber, e a partir dela são evidenciados os desdobramentos que aconteceram na educação, na formação e na construção da inteligência coletiva. Nesse sentido, o saber sinaliza o papel das tecnologias intelectuais, como favorecedoras de novas formas de acesso à informação e de novos estilos de raciocínio e de construção do conhecimento.

A essência desse movimento apresentado por Lévy (1999) é paradoxal, compreendendo toda a universalidade desprovida de significado central, num sistema de desordem, de transparência labiríntica. Ao contexto, denomina de “Universal sem totalidade” (LÉVY, 1999, p. 111), que se resume ao espaço das técnicas que fundem o traço central das civilizações emergentes, e que levam às novas pragmáticas da virtualização das comunicações instauradas no ciberespaço.

Em face do saber destotalizado no ciberespaço, Lévy (2011a) explica quanto inadequada se mostra a pretensão de abordar o todo do conhecimento que compreende o advento da escrita, da enciclopédia e do ciberespaço. Ao acenar para o ciberespaço, como mediador essencial da inteligência coletiva, o autor convida a educação a levar em conta tais emergências, para, a partir delas, resignificar o seu papel atual de trabalho. Estes dois espaços da *cibercultura* e do ciberespaço levam a entender que o conhecimento digital do sujeito deixa de ser simples, passando a ser algo muito mais elaborado e necessário nos dias de hoje, em que a educação deve assumir um trabalho importante no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem do uso das tecnologias.

Segundo Xavier (2002), a alfabetização digital é como saber “*ler e escrever*”, ou seja, é o conhecimento necessário para a utilização de ferramentas e aplicativos. A chegada de novas tecnologias tem efeitos sobre a linguagem oral e escrita, assim como sobre o processamento da leitura, e, conseqüentemente, influencia o ensino e a aprendizagem dessas modalidades e do uso da língua. O pesquisador traça uma comparação entre alfabetização digital e alfabetização. Cabe aqui esclarecer que, ao referir-se ao ato de “*ler e escrever*”, Xavier (2002) tenta equalizar as ações práticas do sujeito para o uso das tecnologias, considerando que se o sujeito depreende o uso correto delas consegue se comunicar com facilidade através dos aplicativos, uma vez que esse uso leva ao desenvolvimento pessoal de habilidades para interagir no meio social, com autonomia.

4.1.2 As habilidades para o uso consciente da internet para pesquisar

Fazer esta ponte entre os meios de comunicação, a linguagem utilizada e o sujeito leitor, buscando compreender como as habilidades e as capacidades leitoras, cognitivas são desenvolvidas, no processo, não é tarefa simples ou fácil. Muitos pesquisadores dedicam-se a compreender como o conhecimento digital, ou a falta dele, tem alterado a convivência do sujeito. Para compreender a interação e as habilidades leitoras que este necessita ao utilizar a rede para comunicar-se ou desenvolver atividades profissionais e acadêmicas, busco nesses pesquisadores o respaldo teórico.

Para Cabero e Cejudo (2006), o conhecimento necessário do sujeito para manipular a informação, com a capacidade de avaliar a relevância e a confiabilidade dos dados, assim como de criar mensagens em vários formatos: impressas, digitalizadas, audiovisuais, vídeos com formatos que possam ser vinculados nas TIC, entre outras é fundamental. Caso o sujeito não adquira competências e capacidades adequadas para interagir neste meio, torna-se refém da tecnologia, revelando-se despreparado para acompanhar as evoluções transcorridas com o uso dos aparatos digitais.

A exclusão proporcionada pela inexperiência no uso das tecnologias ou ao acesso à internet é preocupação antiga. Em seu relatório apresentado a União Europeia em 1990, Lévy (1999) já apresentava e explicava suas implicações, alertando para o descompasso entre os que sabem e os que não sabem utilizar as tecnologias. Concordamos com o parecer do relatório quanto à probabilidade de exclusão que a *cibercultura* provoca entre as classes sociais e os países com menor infraestrutura, assim como com o fato de que a exclusão pode vir de inúmeras formas, favorecidas por custos elevados, acessos à rede, entre outras, mas o autor alerta que esses não são os principais pontos de exclusão.

Os novos instrumentos deveriam servir prioritariamente para valorizar a cultura, as competências, os recursos e os projetos locais para ajudar as pessoas a participar de coletivos de ajuda mútua, de grupos de aprendizagem cooperativa etc. Em outras palavras na perspectiva da cibercultura. Assim como nas abordagens mais clássicas, as políticas voluntárias de luta contra as desigualdades e exclusão devem visar o *ganho em autonomia* das pessoas ou grupos envolvidos. Devem, em contrapartida, evitar o surgimento de novas dependências provocadas pelo consumo de informação ou serviços de comunicação concebidos e produzidos em uma óptica puramente comercial ou imperial e que têm, com efeito, muitas vezes, desqualificar os saberes e as competências

tradicionais dos grupos sociais e das regiões desfavorecidas. (LÉVY, 1999, 238)

Para Soares (2006), com o uso das tecnologias da informação e comunicação, ocorreu um aprofundamento, um desordenamento do ensino formal, na medida em que pulverizou a fonte de disseminação da informação e do conhecimento. O acesso ao material nos meios digitais altera a relação do estudante e do professor que agora se encontram ambos diante desse meio ainda desconhecido, porém presente no dia a dia.

Para Kellner e Shere (2008), os aparatos tecnológicos são muitos e o computador ligado na rede tem sido uma fonte acessível e inesgotável para pesquisa, para leitura de notícias, sendo utilizado também como meio de lazer. Neste contexto de contínua expansão das transformações tecnológicas, econômicas, a leitura crítica da mídia é imperativa para a democracia participativa, pois as novas tecnologias, associadas à cultura de mídia com base no mercado, fragmentam, convergem, diversificam, enfim, remodelam o mundo.

Para Teruya (2006), a mídia impressa utiliza-se das linguagens verbal e visual para impor a sua ideologia e conquistar o leitor/consumidor. Esses veículos de comunicação, de divulgação, de informação influenciam diretamente a sociedade, tanto para o bem quanto para o mal; assim, as revistas, os jornais de grande circulação, os jornais nacionais, os telejornais oferecem ao indivíduo dados importantes que agem diretamente na sua consciência de receptor, interferindo no seu modo de pensar, de agir, além de sugerir um consumo exagerado por itens desnecessários. Desta forma, os meios interferem em escolhas de projetos de vida e, hoje, com acesso a informações do mundo todo via internet essas influências agem em nível global.

4.1.3 Habilidades específicas para o uso das tecnologias

De acordo com Cabero, Cejudo e Tornero (2010), com a alfabetização digital deve-se prestar mais atenção nos contextos sociais e culturais, e não só ensinar as pessoas a navegar pela rede, ou enviar *e-mail* ou trocar foto no perfil do *facebook*. Uma coisa é estar conectado na rede *web*, e aí somos usuários de informações; outra bem diferente é fazer parte desta rede *web*, quando então podemos elaborar e construir conhecimento.

Cabero, Cejudo e Tornero (2010) discorrem sobre os estudos realizados na União Européia em relação às TIC e às capacitações que se difundem em relação à modalidade de conhecimento digital. Nesta modalidade o sujeito deverá ter a capacidade de apropriar-se de competências como as seguintes:

- conhecer quando existe a necessidade de uma informação;
- identificar a necessidade da informação;
- trabalhar com a diversidade de fontes e códigos de informações;
- saber dominar a sobrecarga de informações;
- saber organizar as informações;
- avaliar a qualidade e a confiabilidade da informação;
- saber usar a informação para dirigir o problema e a pesquisa;
- saber repassar a outras pessoas a informação encontrada.

Para Cabero, Cejudo e Tornero (2010), é necessário ter conhecimento das transformações ocorridas no meio digital, levando em conta as tecnologias cada vez mais conhecidas e próximas do sujeito, para que, com o tempo, seu manuseio possa ser cada vez mais intuitivo. Segundo o estudioso, é importante estabelecer normas, padrões que determinem quais capacidades e competências devem ser atingidas pelos estudantes nos diferentes níveis de escolaridade.

Constatam Cabero e Cejudo (2006), que o conhecimento digital é entendido como o caminho da liberdade do sujeito na sociedade contemporânea, tornando-o capaz de codificar e decodificar as mensagens que circulam pelos meios de comunicação e pelas tecnologias, evitando, desta forma, a manipulação e o aprisionamento. Para eles, a imprensa estabeleceu uma forte separação entre as pessoas que sabiam ler e podiam acessar o conhecimento advindo do material impresso e as que não dominavam esse saber. Atualmente, também, quando o sujeito não consegue interagir com os dispositivos eletrônicos, passa a sofrer o constrangimento e o isolamento causado pela falta de habilidades e capacidades.

Desta forma, Cabero e Cejudo (2006) consideram as tecnologias, cuja abrangência inclui setores políticos, econômicos, culturais e educativos, como elemento nuclear neste processo. Neste emaranhado de necessidades é indispensável que os sujeitos estejam capacitados para utilizar as ferramentas tecnológicas de comunicação como um novo tipo de alfabetização. Para isso, o sujeito deve dominar o uso das TIC, ou seja, deve ter passado por um aprendizado

digital capaz de inseri-los nos novos formatos socioeconômicos. Para estes pesquisadores, não é possível olhar para as tecnologias e tentar desvincular o sujeito do meio social, cultural e econômico.

O perfil do usuário encontrado no Curso Superior de Tecnologia em Alimentos pode não ser o mesmo de anos atrás e tampouco será o mesmo no futuro. Segundo o pesquisador Romaní (2012), o perfil do usuário da rede está em constante alteração, mudando com o tempo, porque as tecnologias mudam, porque os usuários mudam, porque o mundo é movimento. E isso tem a ver com aspectos pelos quais os indivíduos combinam capacidades cognitivas, voltadas ao pensamento crítico, à criatividade e à capacidade de inovação, desenvolvendo, para tanto, conceitualizações novas, adequadas aos contextos tanto educacionais quanto profissionais.

Romaní (2012) relata que as sociedades pós-industriais baseadas no conhecimento requerem uma força de trabalho competente no âmbito da informática. A ideia é reforçar a necessidade de melhorar ou criar novas habilidades informacionais que possibilitem o domínio das tecnologias. O estudioso aponta para a necessidade de saber explorar ferramentas disponíveis na internet para a interação. Estas instigam a busca de informações e de habilidades que devem ser despertadas no estudante para compreender o contexto social, econômico e histórico dos meios de comunicação de massa. Abre-se a reflexão sobre a necessidade dos sistemas educacionais aprimorarem a utilização dos aparatos tecnológicos como ferramentas essenciais para o desenvolvimento do acadêmico na Sociedade do Conhecimento.

Romaní (2012) traz o entendimento de habilidades e capacidades propostas pelo Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional – Cedefop, que seriam necessárias para interagir na sociedade contemporânea. O sujeito precisa ouvir e compreender, falar e ser entendido, ler e escrever, e também fazer cálculos matemáticos, eixos norteadores que contribuem para sua formação, e que englobam o uso de novas competências básicas, referentes a línguas estrangeiras, culturas tecnológicas, empreendedorismo, habilidades sociais, entre outras. Os aspectos e perspectivas citadas acima serão discutidos a seguir junto com a categorização dos dados.

As tecnologias ao longo da história da humanidade fizeram com que o homem buscasse sempre novas formas de comunicação. Neste momento, a sociedade ocidental encontra-se diante de um desafio proposto pelo uso da internet, cujas consequências ainda não são possíveis de se mensurar, apesar dos inúmeros estudos despendidos ao tema, que não permitem, porém, prever a extensão das possibilidades positivas ou negativas a que esse meio de comunicação poderá nos levar.

Em relação ao Brasil, têm-se estudos recentes efetuados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI (www.cgi.br), que vem acompanhando o uso e apontando valores estatísticos quantitativos de parâmetros que orientam o foco da utilização da cultura digital incorporada nos diversos meios, empresarial e escolar, como consta na apresentação de mais uma edição da *“Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras”* - TIC Educação, 2012. Na terceira edição da pesquisa TIC Educação, o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação - Cetic.br destaca em seu texto de introdução:

O acesso às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), em particular o acesso a Internet e aos dispositivos móveis, é condição necessária para que governo, organizações e cidadãos operem sob o paradigma da sociedade da informação e do conhecimento. As disparidades regionais e socioeconômicas em relação ao acesso às TIC que ainda enfrentamos em nosso país requerem do governo políticas públicas efetivas que sejam construídas a partir de evidências e dados estatísticos sobre a infraestrutura tecnológica disponível nos domicílios e empresas, além do panorama das atividades realizadas, das habilidades e das competências no uso dessas novas tecnologias. (ALMEIDA, 2012/2013, p. 23)

Nesse contexto, conforme Almeida, (2012/2013), medir o avanço da infraestrutura tecnológica por meio de dados estatísticos confiáveis tornou-se necessário às atividades estratégicas dos gestores públicos que estão à frente da elaboração de políticas de desenvolvimento social, econômico, tecnológico e cultural em nosso país. O tema da medição é de fundamental importância para o crescimento da sociedade da informação e do conhecimento, tem levado organizações internacionais como as Organizações das Nações Unidas (ONU), o Banco Mundial, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a União Internacional de Telecomunicações (UIT) a definirem padrões e quadros metodológicos como indicadores de base comum para tornar possível a geração dos dados estatísticos sobre o acesso, uso e apropriação das

TIC por indivíduos e organizações. Como observamos nos estudos do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). Esse vem produzindo estatísticas sobre as TIC por meio de pesquisas especializadas em diversos setores da sociedade brasileira. Estas pesquisas anuais sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação, TIC Domicílios e TIC Empresas, são realizadas desde 2005 pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br) e tem por objetivo acompanhar as mudanças ocorridas no nosso país ao longo dos anos, no que diz respeito ao acesso e uso dessas tecnologias pela população e pelas empresas brasileiras. Nesta terceira edição foi possível observar a preocupação do uso das TIC nas práticas pedagógicas.

Já a TIC Educação, em sua terceira edição, acompanha a introdução das TIC às práticas pedagógicas de escolas públicas e privadas do Brasil. Com uma série histórica de indicadores que alcança este ano oito medições, as pesquisas TIC do Comitê Gestor da Internet (CGI.br) contribuem efetivamente para o debate sobre os impactos das TIC na sociedade brasileira entre os diversos atores dos setores público, privado e acadêmico. Esta publicação reforça o compromisso do CGI.br com o Brasil na produção periódica de estatísticas TIC, no fomento de um debate aberto e profundo entre os atores a frente da elaboração de diretrizes para o desenvolvimento socioeconômico e cultural do país apoiado no uso das TIC. (ALMEIDA, 2012/2013, p. 23)

Os estudos que avaliam o uso da internet, no quesito qualidade, ainda são recentes e escassos em nosso país, requerendo aprofundamentos mais detalhados, em escalas qualitativas. É possível perceber, nos artigos apresentados pelo Comitê Gestor da rede, citado acima, que as preocupações das políticas públicas em relação às TIC são tratadas no âmbito da quantidade de computadores em domicílios e da quantidade de acessos à web, evidenciando que as tecnologias vêm para suprir necessidades de interação e comunicação em todos os espaços de convivência social e profissional.

Neste estudo, procurei olhar para o uso das TIC, em específico a internet no âmbito acadêmico, voltado à qualidade, fazendo pontes entre a comunicação, a interação, as aprendizagens necessárias ao indivíduo para interagir no meio social, como ser social, sendo impossível dissociá-lo desse contexto. Para iniciar a análise dos dados apresento o perfil do estudante em relação a vários pontos, tais como idade, sexo, comportamento em relação ao uso de computador e acesso à rede.

4.2 Características dos acadêmicos: os usuários das tecnologias

Dos 25 estudantes que responderam a esta questão, a maioria, jovens, entre 20 e 23 anos (52%), nasceram entre os anos 1991 a 1994, no auge da expansão tecnológica, quando, segundo Castells (1999, 2003) e Lévy (1999), a rede mundial de computadores, a internet, iniciava sua trajetória na história. Os nascidos entre as décadas de 1980 a 1990, quando surgiam os primeiros computadores pessoais, são considerados nativos digitais, termo cunhado por Prenski (2001). Outros acadêmicos têm entre 24 e 28 anos (24%), acompanharam o desenvolvimento da rede e a ela foram se integrando., somente dois têm idade acima de 33 anos, representando 8% do total, tendo nascido antes da década de 80; segundo Prenski (2001), são considerados imigrantes no uso das tecnologias e a elas se adaptaram.

Quanto ao gênero, 25 estudantes responderam a questão, 80% são do sexo feminino, ou seja, 20 estudantes. Os outros 5 estudantes são do sexo masculino (20%), característica acentuada pelo próprio perfil do curso. Dois alunos deixaram em branco a identificação de gênero.

No que se refere ao gênero dos graduandos é importante esclarecer que a preferência pelo sexo feminino está ligada ao próprio histórico da UTFPR/MD. A Universidade iniciou suas atividades no Oeste do Paraná, sendo seus primeiros cursos: Técnico em Alimento e Técnico em Eletromecânica, cursos com perfis bem distintos; o primeiro criado para atender a indústria na produção e processamento de alimentos, com grande preferência do público feminino. O segundo com perfil para manutenção elétrica e mecânica para a indústria, constituindo atividade de caráter mais braçal, mais pesado, obtendo maior preferência dos indivíduos do sexo masculino. É possível concluir que essas características dos cursos levam em seu íntimo a questão cultural. Apesar de não adentrar profundamente na questão, é interessante perceber como a cultura intervém em decisões profissionais. As atividades envolvendo manipulação de alimentos são características do público feminino, e o Curso de Eletromecânica com atividades de manutenção remete à força e, por consequência, a atividades mais masculinas. Com a implantação dos cursos de Tecnologia em Alimentos e de Manutenção e Operações em Eletromecânica, as características desses cursos já estavam enraizadas e, portanto, mantiveram as preferências pelos gêneros citados acima até os dias de hoje.

No perfil dos alunos entrevistados tivemos Na tabela a seguir temos o perfil dos estudantes entrevistados: Duas são alunas: MM, 25 anos, trabalha no sindicato rural; a outra NTP, 39 anos, trabalha como pedagoga e professora. Os outros quatro estudantes são do sexo masculino, JK, 21 anos, trabalha na loja da Vivo; OF, 21 anos, trabalha na área de alimentos em um laticínios; AGC, 21 anos, trabalha como administrativo num supermercado; EPZ, 52 anos, trabalha na secretaria da agricultura. Situar o leitor em relação ao perfil dos entrevistados ajudará na compreensão de suas respostas, ao logo da análise dos dados.

Ao serem questionados: **“4. Em relação ao uso da internet, aproximadamente quanto tempo você passa conectado”**, conforme dados da tabela 1, abaixo, observa-se que a resposta “de 0 a 4 horas”, somando os dois primeiros percentuais chega a 64 % dos respondentes, que acessam até 4 horas diárias. Se se considerar o uso da rede como uma ferramenta indispensável para qualquer atividade, percebe-se que na prática, conforme o grupo dos sujeitos pesquisados, a realidade não é exatamente assim. Os estudantes exercem atividades laborais que não necessitam do uso do computador conectado à internet, portanto, seria baixo o tempo de conexão.

Tabela 2 - Tempo de acesso diário à internet pelos acadêmicos do CST - Alimentos, 2014.

Horas de acesso – diárias	25 acadêmicos Responderam	%
até 2 horas por dia	9	36%
de 2 a 4 horas por dia	7	28%
de 4 a 6 horas por dia	4	16%
de 6 a 8 horas por dia	1	4%
de 8 a 10 horas por dia	1	4%
de 10 a 12 horas por dia	1	4%
mais de 12 horas por dia	2	8%

Um pequeno número de alunos acessa acima de 6 horas diárias. Nas entrevistas pudemos esclarecer a questão do acesso à *web*. Os acadêmicos que passam mais de 6 horas conectados se referem ao acesso para fins de trabalho. Utilizam a rede para desenvolver atividades de trabalho e nem sempre conseguem utilizar o acesso para pesquisar ou efetuar leituras de interesse pessoais.

Os seis estudantes que acessam mais de seis horas diárias justificaram o acesso à internet para desenvolverem atividades de trabalho. Nas entrevistas pude constatar que em momentos de trabalho mais tranquilos, início e final do expediente, eles aproveitam para checar *e-mails* e ler. Esses estudantes, ao chegarem em casa, à noite, depois da faculdade, acessam a internet para pesquisar conteúdos das disciplinas do curso e desenvolver trabalhos acadêmicos.

Constatamos com isso que o graduando noturno tem características diferentes dos alunos do diurno. Os que estudam à noite trabalham durante o dia, geralmente em empresas, em setores que não dependem do uso do computador e do acesso à *web*. Portanto, o acesso à rede para pesquisar, navegar ou pesquisar acontece em dois momentos do dia, na hora do intervalo do almoço e à noite, depois das aulas. Os acessos são para checar *e-mail*, entrar em redes sociais e efetuar leituras, ou desenvolver os trabalhos acadêmicos.

Na questão: **“5. Dos suportes digitais, citados abaixo, em quais deles você acessa a internet?”** os destaques foram para: o computador de mesa e o *notebook*. Alguns estudantes possuem *tablet*, porém preferem acessar e utilizar os computadores maiores (de mesa e *notebook*), justificando que o manuseio é mais fácil por serem maiores. O uso de equipamentos móveis, pessoal, facilita o acesso e podem ser utilizados em qualquer lugar. Na tabela 2, verificamos os aparelhos mais utilizados pelos estudantes.

Tabela 3 - Aparelhos mais utilizados pelos acadêmicos do CST - Alimentos para conectarem-se a internet.

	Respostas	sempre uso		quase sempre uso		uso algumas vezes		nunca uso	
<i>Tablet</i>	16	0	0%	1	6%	2	13%	13	81%
<i>Notebook</i>	21	17	81%	3	14%	0	0%	1	5%
<i>Smartphone</i>	22	8	36%	3	14%	4	18%	7	32%
<i>SmarTV</i>	15	0	0%	0	0%	0	0%	15	100%
<i>Desktop</i>	1	10	45%	4	18%	4	18%	4	18%

O *tablet* apesar de ser recente não é muito utilizado pelos sujeitos pesquisados e mesmo os que o possuem dizem preferir os aparelhos maiores, justificando a preferência pela dificuldade de ficar ajustando a imagem entre diminuir e aumentar o tempo todo, exigindo do navegador a disponibilidade das duas mãos, uma para segurar o dispositivo e a outra para manipular a tela digital. O *tablet* cobra

do usuário uma interação com o equipamento muito mais próxima, alterando com isso a postura do usuário, em relação ao equipamento, que diante dessa dificuldade abandona o uso e volta ao computador de mesa, equipamento em que ele pode com uma das mãos manipular o mouse, ficando a outra livre para efetuar qualquer outro movimento motor que deseje. Pude perceber nas entrevistas com os Alunos JK e AGC, a expressão de desencantamento ao utilizar o *tablet* ou o celular. Para JK o *tablet* não agrada, por ter que ficar utilizar as mãos para aumentar ou diminuir a imagem ou texto na tela. O Aluno AGC o celular é pequeno para leitura, por isso utiliza mais o computador de mesa, eles explicam:

Aluno JK:

Assim. Notebook, porque é mais prático. O tablet eu não gosto muito porque às vezes tem que ficar aumentando diminuindo. No celular também tem que ficar aumentando e diminuindo.

Aluno AGC:

Bom, na verdade, eu utilizo mais o computador de mesa, eu prefiro por ser mais fácil, por ser maior, algumas vezes já passei o conteúdo para o celular para dar uma lida, uma estudada. ... mais uso mesmo é o computador.

A preferência pelo *notebook* está relacionada ao condicionante cultural e econômico. A grande maioria dos estudantes do CST - Alimentos possui notebook. O uso do computador portátil, pessoal, tornou-se um hábito, foi incorporado aos costumes dos jovens, tornou-se um bem cultural. Somado a isto, o fato de residirem na zona de fronteira com o Paraguai facilita a compra destes equipamentos, com custos menores que os praticados no comércio nacional, o que proporciona a aquisição do *notebook*. Apesar de não ser foco de estudo, mas de interesse, devemos considerar a questão econômica no que tange aos valores do *notebook*, que têm baixado nos últimos anos. A oferta e a procura estão se estabilizando, abrindo com isso a possibilidade de se adquirir o computador pessoal a preços competitivos.

Nas entrevistas, ao serem questionados sobre a preferência de equipamento para efetuar leituras, os entrevistados, na grande maioria, responderam que utilizavam o notebook. Na resposta da aluna MM, ao referir-se a utilização do computador de mesa, entendi que o uso durante o dia era feito no local de trabalho em um desktop de mesa, onde ela passava a maior parte do seu tempo e à noite preferia fazer as leituras no notebook.

Aluna MM

Eu costumo acessar no computador de mesa, e a noite eu leio outros assuntos no notebook.

4.3 Os acadêmicos e as habilidades em utilizar a internet para pesquisar

Com o surgimento da rede mundial de computadores é exigido do usuário a adaptação e o desenvolvimento de habilidades para interagir com as tecnologias. O estudante, por sua vez, tem se mostrado capaz de executar as atividades requeridas, com determinada desenvoltura, como podemos verificar, nas tabelas e gráficos abaixo, reconhecendo o potencial de interação que os educandos têm com as tecnologias comunicacionais.

A interatividade, para Santaella (2011), acontece quando o leitor, usuário, ao chegar ao fim de uma página, tem a liberdade de escolher para onde quer ir, ou qual conteúdo deseja acessar. Quanto maior for a interação dos acadêmicos com as páginas e abas da rede, mais profunda será a experiência de imersão desses leitores, que se expressa na concentração, na atenção e na compreensão. A interatividade está na capacidade do estudante interagir com os hiperlinks e hipertextos que a rede lhe oferece, selecionando com critério os conteúdos.

Segundo Romaní (2012), o uso confiante e crítico de meios eletrônicos para estudar, trabalhar, lazer e comunicação é representado pelas competências do sujeito ao interagir com *hardware* e *software*, assim como pelo uso de dispositivos de comunicação e aplicativos de gerenciamento. Esse conhecimento inclui o uso dos principais recursos computacionais, como processador de texto, planilhas de

cálculos, bases de dados e ferramentas para armazenamento e gerenciamento da informação, englobando ainda a compreensão das oportunidades e riscos potenciais da rede e das comunicações por meio eletrônico, atividades em rede, partilha de informação. Também inclui a capacidade de usar serviços na internet como criar uma conta, compor uma mensagem de *e-mail*, anexar e baixar arquivos, participar de discussões *online*, usar *sites* de redes sociais, criar *blogs* etc. (ROMANÍ 2012)

A seguir apresento informações extraídas das perguntas do questionário, que permitiram observar como os alunos estão utilizando a rede para interação.

A tabela 4 apresenta as respostas dos graduandos ao serem questionados sobre sua capacidade de comunicar-se com outras pessoas através de aplicativos comunicacionais da rede.

Tabela 4 - Aplicativos utilizados pelos acadêmicos para interação, CST - Alimentos, 2014

Respostas	Sou capaz			Uso esporádica-mente		Tenho dificuldade		Usei mas não me adaptei		Não uso	
<i>E-mail</i>	24	24	100%	0	%	0	%	0	%	0	%
<i>Chat</i>	23	12	52%	3	13%	1	4%	1	%	7	30%
Fórum de discussão	21	4	19%	5	24%	2	10%	1	5%	9	43%
Mensagens instantâneas ¹⁰	24	21	87%	3	13%	0	0%	0	0%	0	0%

Constatei que o *e-mail* realmente é o gênero textual mais utilizado pelos estudantes, cuja maioria tem facilidade na manipulação deste meio de comunicação. Nesta pesquisa, os resultados quanto ao uso do *e-mail* foram ao encontro dos estudos da pesquisadora Paiva (2010).

Para essa estuda do assunto, os *e-mails* comportam o tipo de mensagem rápida e eficiente, capaz de transmitir textos, imagens e sons em questão de segundos; assim, os graduandos fazem parte deste ambiente comunicacional, e à facilidade de utilização desse meio somam-se as necessidades do meio acadêmico. Considerado como ferramenta prática, versátil, possibilita anexos de vários formatos, é rápido, quase em tempo real. Por esse gênero comunicacional é possível enviar documentos pelo mundo todo e seu custo também favorece o uso, tornando-o acessível, uma vez que, muitas vezes, ele faz parte do pacote de telefone/internet.

¹⁰ Considerei mensagens instantâneas as formas de comunicação mais utilizadas atualmente, como por exemplo: *facebook*, *inbox*, *hotmail*, *hangouts*.

Como pude observar, por este gênero textual os estudantes interagem de forma natural, sendo unânimes em responder que possuem capacidade para utilizar o aplicativo.

As mensagens instantâneas são as preferidas entre os pesquisados, cuja grande maioria utiliza este meio de comunicação para interagir com colegas e familiares, destacando-se as mensagens MSN, *Skype*, *Inbox*, *Hotmail*, entre outras. Os graduandos utilizam aplicativos para enviar informações, fotos, dicas, comentários, anexarem e compartilharem documentos com amigos, parentes e professores. Bem como utilizam estes meios de comunicação para efetuarem leituras de informações diversas, compartilhadas por colegas e amigos, é uma forma rápida de informar-se dos acontecimentos diários. A indicação de um amigos, faz o papel de filtro, de seleção do material para leitura, o que reforça o grau de confiança entre os navegadores da rede.

No gráfico 1, a seguir, ao serem questionados se eram capazes de utilizar diferentes aplicativos *on-line* (*facebook*, *twitter* para compartilhar informações, fotos, dicas, efetuar comentários nos aplicativos), 56% dos estudantes afirmaram saber usar as ferramentas de diferentes naturezas e objetivos, para interação com outras pessoas. As atividades compreendem o compartilhamento e o envio de qualquer tipo de documento pela rede. Pude perceber que eles têm facilidade em utilizar os aplicativos mais simples, que requerem menor grau de habilidade e capacidade e, nesse contexto, eles têm encontrado na internet uma forma de interagir rapidamente e com eficiência com outras pessoas conectadas pelo mundo, se assim o desejarem.

Os resultados da tabela 4, juntamente com os dados do gráfico 1, nos permitiram constatar que a maioria dos graduandos interage de forma significativa com os aplicativos eletrônicos disponíveis na rede, com preferência maior para a comunicação feita através dos e-mails e das mensagens instantâneas. Quanto aos fóruns de discussões e ao chat os acadêmicos não demonstram muita habilidade, por se tratar de um aplicativo mais complexo.



Gráfico 1 - Habilidade em compartilhar informações em aplicativos *on-line*.

Neste contexto informacional as mudanças acontecem rapidamente em meses as ferramentas caem em desuso enquanto outras se sobressaem. A experiência que vivenciei como pesquisadora, ao contatar os estudantes via *inbox* do *facebook* mostraram que esse aplicativo, como ferramentas de interação, é bastante eficientes. Os acadêmicos responderam prontamente às mensagens encaminhadas e o uso do aplicativo *inbox* possibilitou a aproximação com eles. A partir das mensagens trocadas, percebi a confiança dos graduandos em relação à participação na pesquisa e conforme as conversas progrediam entre os alunos e pesquisadora, todos experienciavam a relação de cumplicidade que se refletiu positivamente no sucesso do trabalho.

O contato feito via mensagens instantâneas, na tela digital, requer do interlocutor uma prontidão de resposta ao questionamento solicitado, criando uma sensação de proximidade, de cumplicidade na ação, que foram sentidos por mim, no momento em que empreendi os contatos com os pesquisados. Os discursos, as falas nos formatos de mensagens rápidas têm o objetivo e o fim de comunicar-se, de tornar-se entendido pelo outro, e foi o que ocorreu nesses contatos via *inbox* com os sujeitos pesquisados.

Em seus estudos Santaella (2005) verificou que os estudantes, em contato com as mídias começaram a mudar seus hábitos, aprendendo a interagir com a tela, com os aplicativos que requerem um constante desenvolvimento e aprimoramento do usuário. Quanto maior era o seu contato com as tecnologias, com os aplicativos, maiores eram suas habilidades. O uso do computador conectado a internet proporcionava ao indivíduo ações mais autônomas, permitindo que os graduandos

trocassem todo tipo de mensagens com outros contatos quando se conectavam à rede.

Para o pesquisador Lévy (1999, p. 81), as habilidades desenvolvidas e utilizadas como interativas nos meios virtuais são mais utilizadas do que a comunicação telefônica. Na rede, a interação possibilita que a mensagem de texto, de imagem, assim como informações diversas sejam trocadas entre os contatos em tempo real. Neste caso, os estudantes são os elementos centrais das comunicações, enviando e recebendo dados pela rede, ações possibilitadas pelas inúmeras atividades a serem realizadas pela internet, ao que se podem acrescentar as vantagens de fator econômico, que ajudam a decidir qual meio interacional utilizar. Não pretendemos abordar questões econômicas, mas elas sem dúvida alguma contribuem nessa escolha.

Para melhor compreensão dos resultados da questão a seguir, convém esclarecer sua estrutura, a de questão aberta, procurando saber se os estudantes utilizavam algum programa ou software específico em sua formação acadêmica e, em caso afirmativo, quais programas, conforme está na questão 11 do questionário on-line: **11. Durante o curso de Tecnologia em Alimentos você adquiriu habilidade para utilizar programas (software) orientados à formação acadêmica/profissional? Cite quais programas.**

Constatei que as ferramentas utilizadas pelos professores em sala de aula são do aplicativo *office*, como por exemplo: *word*, *excel*; *power point*. Porêm outros programas citados pelos estudantes como: *minitab*; *autocad*; estatística; *lingo*; *moodle* e *adobe* têm usos pontuais, desencadeados por alguma necessidade específica de trabalho, ou por interesse pessoal do estudante, em aprender a utilizar determinadas ferramentas, nestes casos a aprendizagem parte do interesse pessoal do estudante, e não de necessidades à formação acadêmicas, ou incentivadas pelos professores. No gráfico 2, temos os resultados das habilidades no uso de software, evidenciada, que a grande maioria dos acadêmicos utiliza pouco ou não utiliza ferramentas além das citadas nas competências de usuários básicos, que se referem às ferramentas do *office*.



Gráfico 2 - Habilidades no uso de software para trabalhos e atividades acadêmicas

Para compreender em qual nível de capacidade os acadêmicos estão sendo formados quanto à utilização de ferramentas de tecnologias encontrei respaldo nos estudos de Romaní (2012). O pesquisador traz a classificação elaborada pela Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico, OCDE, buscando definir as capacidades necessárias ao usuário da rede. A organização propôs três áreas de domínio distintas: a primeira é a dos *especialistas em TIC*: necessariamente devem ter a capacidade de desenvolver, operar e manter sistemas de tecnologias da informação e da comunicação, criar e desenvolver aplicativos. Uma segunda área é o *usuário avançado*, cujas competências são descritas como tendo as capacidades em utilizar as ferramentas de *software*, que são específicas de um setor, empresarial. E, por fim, o *usuário básico*, que deve possuir capacidades para a utilização de ferramentas do *Office*. Ficou claro que as capacidades dos estudantes estão enquadradas como simples, de uso de ferramentas do *office*, como constatado acima no gráfico.

Alguns acadêmicos deixaram comentários, para justificar a maneira como aprenderam a utilizar as ferramentas e os programas. São expressões de alerta, misturadas com insatisfação e/ou incapacidade, vivenciadas por esses alunos, situações que levam a perceber a fragilidade do uso e do ensino das tecnologias em instituições de ensino. Pude perceber nessas palavras a preocupação dos alunos em relação ao domínio de programas mais específicos. As aprendizagens mais complexas de *software* ficam por conta dos próprios estudantes, por necessidades desencadeadas no trabalho ou para desenvolver atividades acadêmicas. Ficou claro que a Universidade não incorporou as tecnologias como ferramenta para melhorar a formação dos estudantes; o uso e a aplicação de programas em sala se restringem

as ferramentas do *office*, portanto, as básicas. Dois estudantes deixaram comentários no questionário *on-line* expressando-se quanto ao uso:

- *“tenho habilidade, e utilizo, mas não foi a universidade que me ensinou, aprendi sozinha”;*
- *“não fomos orientados por nenhum professor a utilizar esses programas”.*

Estas falas revelam que os estudantes desenvolvem habilidades no uso de muitas ferramentas por interesse pessoal, ou por necessidades profissionais, que não são oferecidas pela instituição de ensino. Refletem uma realidade presenciada em muitas instituições, principalmente no ensino superior. Os dados apontam que as instituições de ensino acreditam que o sujeito, ao chegar à graduação, já domina o uso de ferramentas e de aplicativos informacionais básicos, por isso o uso se restringe a ferramentas do *office*. A reflexão, no entanto, recai sobre a necessidade de elevar o potencial tecnológico dos estudantes, preparando-os para o uso de *softwares* mais complexos, como programas que exijam dos estudantes maiores competências, visto que o mundo empresarial, industrial está em constantes mutações, que envolvem controles automatizados em diversos setores industriais. Seria justo que as instituições incluíssem em suas ementas de ensino, algum tipo de conhecimento mais específico nessas áreas contemporâneas de aprendizagem tecnológicas. A reflexão que levanto, na condição de pesquisadora refere-se à necessidade da inclusão de programas e software mais complexos aos acadêmicos, tendo em vista a inserção desses formandos no mundo do trabalho.

Para verificar as habilidades dos acadêmicos em realizar downloads de programas, na questão: **9. é capaz de fazer downloads de programas, imagens, vídeos, músicas, clipes, jogos?** 25 graduandos responderam à questão destes: 14 têm facilidade em fazer downloads, ou seja, 56%; outros 11, ou seja, 44% deles encontram dificuldade em efetuar atividades dessa natureza. Os dados revelam que muitas atividades de downloads não são executadas com facilidade pelos estudantes, o que caracteriza inexperiência na ação.

Na ação de executar procedimentos de *downloads*, as habilidades necessárias precisam ser mais específicas, são mais complexas e exigem do

estudante o domínio de comandos que não são praticados diariamente. Muitos graduandos não costumam fazer *downloads*, em atividades programadas de aula, ou do trabalho. Com isso, não exercitam as capacidades e, conseqüentemente, não dominam os procedimentos. São tarefas que exigem do usuário experiências prévias, o domínio do passo a passo dos *downloads*. Precisam ter conhecimento sobre *software* e *hardware* e sobre as terminologias dos aplicativos, uma vez que ações de baixar programas e arquivos podem danificar e comprometer o desempenho do próprio sistema operacional do computador.

A preocupação em preparar o sujeito para o mundo, com competências tecnológicas, é assunto de vários países. O pesquisador e professor de *Oxford*, Inglaterra, Romaní (2012), em seu artigo *Explorando tendências para a Educação no Século XXI*, propõe a necessidade de conceitualização do termo “competências digitais”. O estudo, decorrente da análise de relatórios técnicos sobre os impactos das Tecnologias da Informação e da Comunicação, na educação e na formação dos estudantes, sugere importantes diretrizes para as competências digitais.

Em 2004, o Cedefop publicou um glossário europeu multilíngue para identificar termos-chaves para um entendimento comum das políticas correntes de *Vocational Education and Training –VET* [educação e formação profissional] – na Europa. Nessa publicação, *skill* [habilidade] é definida como o “conhecimento e experiência necessária para desempenhar uma tarefa ou trabalho específico” Ao mesmo tempo, o termo *competence* [competência] é definido como a capacidade de aplicar conhecimento, *know-how*. (ROMANÍ, 2012, 982)

Compactuamos com Romaní (2012), quando alerta para a complexidade da análise de capacidades em utilizar as TIC e a dificuldade de encontrar uma definição que seja aplicável a diferentes contextos e necessidades. As terminologias muitas vezes pouco claras, combinadas à multiplicidade de definições existentes dificultam o entendimento do que é ter capacidade e habilidade para utilizar as inúmeras possibilidades dos aplicativos para buscar informações.

Baseados nos conceitos propostos acima, dominar com habilidade e capacidades as atividades no mundo tecnológico quer dizer estar preparado para desenvolver atividades laborais, acadêmicas, interagir com outras pessoas através de *softwares* e aplicativos disponibilizados nas redes de computadores. Se o sujeito consegue interagir, consegue efetuar *downloads*, realizar algumas atividades em

rede, acredita-se que ele tem conhecimento tecnológico e está apto a conviver no ciberespaço.

No questionamento para avaliar ***se os estudantes tinham habilidades para coordenar atividade em grupo realizada na internet, com o objetivo de comunicação, interação e aprendizagem com outras pessoas, por aplicativos em grupo***, os 25 acadêmicos que responderam a questão 12 do questionário *on-line* mostraram ter algum grau de dificuldade.

Tabela 5 - Habilidades na interação e coordenação de atividades na internet, CST - Alimentos, 2014.

	Respostas	Sim. Sou capaz de coordenar		Sim. Uso esporadicamente		Sim. Tenho dificuldade de coordenar		Sim. Coordenei mas me adaptei		Não coordenei	
Fórum	23	3	13%	6	26%	3	13%	1	4%	10	43%
Reuniões por videoconferência	23	2	9%	0	0%	4	17%	2	9%	15	65%
Plataforma Moodle	25	6	24%	2	8%	5	20%	4	16%	8	32%
Grupos de trabalho	24	7	29%	1	4%	2	8%	6	25%	8	33%
Bate-papo em grupo	24	10	43%	3	13%	2	9%	2	9%	6	26%

Na tabela 5, percebi que os estudantes utilizam pouco esse tipo de comunicação para desenvolvimento de atividades de contatos com outras pessoas. Muitos conhecem as ferramentas citadas, mas não as utilizam, o que leva a inferir que os aplicativos não são de uso comum no trabalho ou na universidade, nem são fáceis de serem usados, uma vez que dependem de capacidades e habilidades mais treinadas; não são atividades simples de serem executadas, requerendo de seus usuários um contato constante e contínuo, assim como conhecimento de aplicativos mais complexos.

Podemos observar que tanto a tabela 4 quanto a 5 se referem ao uso de aplicativos comunicacionais. Na tabela 4 os aplicativos são mais simples, requerendo do navegador/usuário um conhecimento menos elaborado, enquanto que, os aplicativos da tabela 5, mais complexos, demandam do sujeito uma gama de conhecimentos informacionais mais específicos. Neste segundo caso percebe-se que o não uso da ferramenta está relacionado ao menor domínio das capacidades. A aprendizagem do uso de aplicativos seria possível se o contato com eles fosse mais constante e direto, recriando condições e situações na prática da atividade.

Podemos considerar que a aprendizagem deva ser desenvolvida nos termos de Foucambert (2008, 43), “o desenvolvimento como o resultado global da interação do sujeito com o conjunto do meio físico e social no qual ele vive”. O desenvolvimento do acadêmico ocorre e evolui a partir do conjunto de suas experiências e da sucessão de equilíbrios causados por situações de interações que descrevem o desenvolvimento do ser como um todo. Não se pode isolar parte alguma, o indivíduo é sempre um ser na sua totalidade e reage a uma situação inteira, como um ser completo.

O desenvolvimento do sujeito, proporcionado pela vivência em situações reais, como a do uso de diferentes aplicativos informacionais, passa necessariamente pela aprendizagem. Os graduandos irão aprender a usar os aplicativos mais complexos, como os citados na tabela 5, se eles forem desafiados a situações que tenham sentido para eles e os levem à compreensão da atividade. Entendo que o uso de qualquer aplicativo só fará sentido se o sujeito for exposto a situações reais de experiências, nas quais as habilidades possam ser desenvolvidas, num processo que ocorre pela mediação de pessoas com maiores conhecimentos e experiências. Assim, cada processo de aprendizagem apreendido pelo indivíduo será somado a outros aprendizados ao longo de sua história, uma vez que o ser humano está em processo de formação progressiva pela vida toda e quanto mais manusear os meios informacionais mais habilidades e capacidades estarão sendo aperfeiçoadas, até o momento em que passarão a ser naturais.

Ao serem questionados: ***“13. Se tivessem que fazer um trabalho acadêmico urgente (de um dia para o outro), que necessitasse do uso da internet, em qual local eles fariam?”***

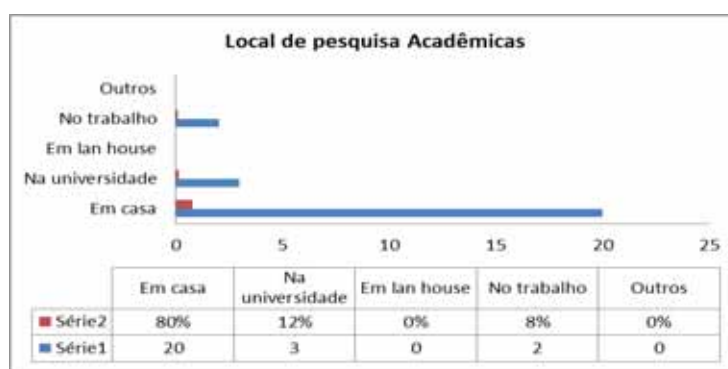


Gráfico 3 - Locais utilizados pelos acadêmicos para pesquisar

No gráfico 3 apresento os resultados da questão. A preferência dos estudantes em realizarem as pesquisas no computador de casa tem suas justificativas: são estudantes do período noturno, trabalham durante o dia, e muitos não usam computador. Os trabalhos são desenvolvidos em suas casas à noite, após chegarem da faculdade, uma vez que o horário disponível para efetuarem pesquisas e leituras se concentra após as atividades diárias.

Pude comparar este resultado com os estudos do pesquisador Romaní (2012) Para ele as tecnologias digitais são ferramentas ubíquas, não restritas a um contexto de uso específico. Romaní (2012) explica não ser surpreendente que os estudantes utilizem mais frequentemente o computador em casa do que na universidade. Em casa eles podem usar as ferramentas como o computador conectado a internet para fins também de entretenimento, compras, leituras exploratórias, interação com familiares e desenvolver trabalhos acadêmicos, o que não significa que as políticas focalizando a integração das tecnologias nas instituições de ensino tenham falhado; pelo contrário, pode ser interpretado como o fato de estarem evoluindo para outros contextos e para outros fins, ou seja, a utilização em residências para busca de informação e como auxiliar na comunicação em diversas áreas.

Outro questionamento: ***“14. Quais Portais (sites) de busca você utiliza para fazer pesquisas acadêmicas, cite os 5 (cinco) mais utilizados?”*** era visto como necessário para entender o comportamento dos graduandos no momento inicial de pesquisa. As respostas foram praticamente as mesmas tanto no questionário como nas entrevistas, disseram iniciar as buscas conforme os dados quantitativos da tabela 6, isto é, 85% dos graduandos utilizam o buscador *Google* como primeira opção, valor significativo em relação às buscas feitas no *Scielo*, com 56% das opções.

Na tabela 6, a seguir, o uso do *Google* se destaca dos demais buscadores. Os alunos primeiramente realizam uma busca geral do assunto, leem os enunciados de cada *link* listado, para terem uma ideia da abrangência do que o *hiperlink* apresenta de útil. Em uma segunda tentativa procuram direcionar a pesquisa, com mais detalhes, mediante a busca avançada, afunilando as inúmeras páginas listadas. Esgotadas as primeiras tentativas concentram as buscas de informação em sites específicos.

Tabela 6 - Quantitativos dos sites mais utilizados pelos acadêmicos para pesquisar, CST - Alimentos, 2014

Sites	Respostas	Quantidade	%
Google	23	19	83%
Scielo	23	13	56%
Google acadêmico	23	7	30%
Yahoo	23	3	13%
Capes, Senai, Mapas	23	2	9%
Brasil Escola, Jarbas, Engetecno	23	1	4%
Cola da web, Embrapa, Identidade e quantidade, Unicamp, Artigos científicos, Emater, 4shared			
Periódicos, Bibliotecas, Sites do Ministério da Agricultura, Ask, Uol			
Avicultura industrial, Ebah, Youtube			

Comentário de estudante:

- Eu procuro de um por um, que aparecem nos links que abrem, no entanto minhas pesquisas são fundamentalmente artigos encontradas no Scielo, ou sites de instituições de pesquisa como SEBRAE, também as normativas dispostas na Anvisa, mapa, mas não excluo nenhuma das demais possibilidades que são apresentadas.

A questão era aberta e não pedia justificativa, porém é importante verificar a fala de um sujeito da pesquisa sobre a maneira como executa o procedimento ao iniciar a busca: não descarta nenhum *link*, a fim de não perder informações, procurando concentrar-se em *sites* com teor científico para desenvolvimento de seus trabalhos. A maturidade da conduta leitora do graduando ao escolher firmar a pesquisa em *sites* científicos é notável, assim como passar de *link* em *link* efetuando leituras de investigação, para certificar-se de uma busca mais segura, ou de que não deixou passar informações importantes.

O resultado do questionário acima, e a análise da entrevista a seguir levou-me a compreender como ocorre o processo inicial das pesquisas acadêmicas. As respostas das questões 12 e 13 da entrevista tiveram a intenção de verificar quais os buscadores e quais os procedimentos que os acadêmicos realizam ao desenvolverem as atividades.

Com relação à questão **12. Quais sites de busca você costuma utilizar para pesquisas acadêmicas?** as respostas dos estudantes revelaram os principais

sites consultados na hora da busca. Com exceção do aluno OF, todos apontaram o *Google* como buscador de preferência e tanto no questionário como na entrevista os graduandos indicaram ser ele o melhor buscador.

Aluno JK

Eu acabo digitando no Google Acadêmico, ou o que a UTFPR passa (indica) pelo site, eu sempre esqueço o nome, mas tenho salvo no “meus favoritos”, mas eu sempre esqueço o que a UTFPR tem na página.

Aluno EPZ

Google, MSN, G1, Scielo

Aluna MM

Eu vou sempre ao Google Acadêmico

Aluna NTP

Google e Scielo

Aluno OF

Eu costumo usar infoescola, cola da web

Aluno AGC

Scielo, Google

Interessante ressaltar, pelas falas, que a preferência pelo *Google* e o *Google* acadêmico é quase unânime. Na fala do aluno JK, ele se lembra da existência de um *site* que a Universidade oferece, mas se esqueceu do nome, referindo-se neste caso à página da biblioteca que oferece diversos *links* para pesquisas e consultas. Dos entrevistados um deles não utiliza o *Google* como primeira opção de busca. Ele cita outros nomes como: “infoescola” e “cola da web”. Fui verificar estes *sites*, e constatei que o primeiro traz informações de outras universidades e *links* que direcionam, com várias possibilidades, para o desenvolvimento dos trabalhos, mas não analisei o teor científico do *site*. O segundo, semelhante ao primeiro, traz informações diversas. Percebi que os dois *sites* oferecem inúmeros conteúdos para leitura em diversas áreas do conhecimento.

O aplicativo *Google* é a ferramenta mais utilizada entre os estudantes para qualquer fim, seja trabalho acadêmico ou leitura de diversos assuntos; praticamente todos responderam que o *Google* é o buscador que lista o maior número de *links*.

A questão **13. Como você inicia a pesquisa na internet?** complementa a anterior e, juntas, ajudam a entender como os estudantes utilizam a ferramenta de busca. Nas respostas ficaram explícitas as estratégias desenvolvidas pelos estudantes. A seguir algumas falas dos sujeitos:

Aluno JK

Pelo buscador, coloco o assunto, ou algumas palavras-chave, tipo assim, por exemplo, se for nomenclatura, “nomenclatura de tal coisa” acabo selecionando, fazendo um critério.

A pesquisa, para o aluno JK, inicia-se digitando no buscador o assunto que deseja encontrar. Ele utiliza como critérios a “busca avançada”, incluindo o assunto entre aspas duplas (“xxx”), o que afunila a busca, trazendo resultados relevantes aos objetivos desejados. A metodologia é adequada para restringir assuntos menos relevantes ou de sites menos confiáveis.

Na expressão do aluno EPZ, abaixo:

O primeiro passo a saber: é tentar saber que tipo de site que a leitura que eu procuro está situada. Segundo passo dependendo do tipo de leitura, se é ou não um site confiável, tipo, uma leitura de um conhecimento superficial, apenas para satisfação momentânea até o Wikipédia me satisfaz, porque vai acabar respondendo aquilo que a gente já tem uma noção, se for um conteúdo interessante um conteúdo científico que eu vou buscar, busco em um site confiável.

O aluno EPZ procurou demonstrar que os objetivos da pesquisa na internet podem e são diferenciados conforme os interesses no momento da busca. Explica dizendo que se quer ler algo para satisfação momentânea até o Wikipédia lhe satisfaz, neste caso o aluno EPZ faz uma distinção entre ler uma curiosidade, uma reportagem, um assunto que lhe chamou a atenção ou até um assunto de interesse emergencial, um fato, um interesse passageiro, e efetuar a leitura de um artigo científico, com uma necessidade de aprofundamento científico. Ao efetuar uma pesquisa científica, uma leitura com fim específico de aula procura fazer em sites confiáveis. No momento em que o aluno EPZ citou sites confiáveis eu aproveitei para questioná-lo sobre o que ele entendia por site confiável e sua resposta foi bem satisfatória:

“...aqueles que são referenciados, aqueles que têm referência bibliográficas, enfim, que.. inspiram confiança. Geralmente quando o conteúdo tem o autor, o livro, a editora, quando você tem isso bem definido, normalmente, o site passa a ser confiável”.

O graduando EPZ vem realizando suas pesquisas de forma segura e confiável, o que me levou a revisar toda a entrevista com esse aluno, recorrer às informações adicionais da entrevista e lembrar as conversas informais que tivemos. Tem 52 anos, esta é a sua segunda graduação, fez especialização e voltou a estudar para adquirir novos conhecimentos; ele relata em outros momentos de sua fala que gosta muito de aprender, de ler, e que se pudesse passava o dia lendo. Ressalta ainda que o sujeito que gosta de ler vai ler sempre, algo como uma necessidade permanente.

Os estudantes entrevistados iniciam as pesquisas digitando o assunto no buscador, em seguida escolhem um *link* listado do *site*, realizando então uma leitura breve e rápida dos conteúdos encontrados. Segundo a pesquisadora Burgos (2006), nesta estratégia o estudante realiza a leitura de “pesquisar”, cuja característica é permitir que ele tenha uma visão geral do conteúdo do texto. As estratégias apresentadas pela autora são retiradas dos estudos de McAleese (1993, p. 30) apud Burgos (2006, p. 29). Referem-se as atitudes do leitor que, de antemão, tem objetivo definido e navega com a finalidade de encontrar a informação, podendo iniciar com o levantamento de uma hipótese, que o levará ao caminho determinado pela indicação da hipótese consultada. O objetivo da busca será definido pelo leitor, que navega com a finalidade de encontrar o que procura.

A estratégia trazidas por Burgos (2006) em sua dissertação foi constatada nas entrevistas que realizei com os acadêmicos de Tecnologia em Alimentos, como exposto nas falas citadas. O início das pesquisas acadêmicas parte de um *site* de busca, sendo o *google* o que se destaca entre os buscadores. Nas falas dos estudantes OF a seguir, e EPZ acima, percebi como a busca pela informação é desencadeada por estratégias e critérios, na tentativa de encontrar o que procuram de maneira mais eficiente e segura, refinando a busca da maneira mais próxima possível dos objetivos que gostariam de alcançar.

O critério do aluno OF é selecionar artigos com extensão em *.pdf*, enquanto os critérios de aluno EPZ passam por verificar a autoria do artigo e se tem referências, comprovadas pelo nome do autor e editora.

Aluno OF

Então eu geralmente busco mais, assim artigos em pdf, eu digito o assunto.pdf, por exemplo, eu quero pesquisar vinagre eu digito vinagre.pdf, daí tipo, eu clico em pesquisas que as pessoas já realizaram.

Muitos acadêmicos buscam conhecer o assunto que pretendem pesquisar e, na primeira investida, eles leem superficialmente o assunto, verificam os dados do material encontrado atrás de pistas, como o nome do autor, data, relevâncias do *site*, passando a investigar a confiabilidade da informação. Os comportamentos dos graduandos entrevistados seguem um padrão assegurado pelas escolhas do assunto a ser pesquisado, o buscador de preferência e as pistas de identificação de veracidade, que vão sendo somadas para identificar confiabilidade do assunto pesquisado. O aluno AGC, ao proceder a busca, não a faz diferente dos outros alunos, porém revela uma certa imaturidade em seu comportamento na entrevista, bem como em suas expressões e falas, ao verificar os dados complementares das entrevistas constato que é um aluno bastante jovem, tem 21 anos, não gosta muito de ler e não tem muita organização em atividades de pesquisa.

Aluno AGC

Acho que, como todo mundo, pega joga, vai ao Google e procura o assunto, primeiro, em qualquer site que tenha uma informação você lê, dá para você ter uma base, quando for usar uma informação mesmo aí você vai procura em sites mais específicos. Mais o Google... Começo por ali, para ter uma ideia do que procurar.

No questionamento **14. Quando você encontra a informação desejada na internet o que você faz?**, constatei que praticamente todos os entrevistados respondem que costumam salvar as informações ou os *links*, para serem consultados posteriormente. Abaixo vemos algumas respostas dos entrevistados:

Aluno JK

Eu abro, tipo, muitas abas, às vezes preciso abrir até duas vezes o Google Chrome. Aí tipo eu vou lendo, isso não vai ter

nada, então eu já fecho, então dai, ou vou deixando lá, pego um documento do word ou um bloco de notas e salvo o link, se começa abrir demais, né, assim, esse aqui tem tal coisa, boto o link, se tem arquivo em pdf eu sempre salvo em pastas.

Interessante perceber o comportamento do aluno JK. Ele faz várias buscas ao mesmo tempo sobre o mesmo assunto, abre muitas abas, dois navegadores iguais “até duas vezes o Google Chrome”. Demonstrou ter habilidades em manusear aplicativos, buscadores e, ao abrir várias abas, ele navega por entre os sites e por entre as páginas de cada site com facilidade. Durante toda entrevista ele apresentou ter conhecimento da internet, do funcionamento do computador e facilidade em pesquisar. JK gosta de ler, lê todos os dias, tem projetos de leituras, listas de livros que gostaria de comprar e ler, possui muitos livros em seu quarto e conta sorrindo que adora ler e que se pudesse passava o dia lendo. Tive curiosidade em conhecer melhor o aluno JK, consultei as entrevistas e constatei que é um estudante jovem, de 21 anos, mas com uma maturidade bem diferente dos demais.

A aluna NTP, ao mencionar **geralmente eu guardo**, *eu salvo, salvo em pastas*, utiliza a palavra “*guardo*” como sinônimo de salvar, o que não deixa de ser uma realidade, e na entrevista a estudante NTP diz salvar em pastas com o nome do assunto, para facilitar o rastreamento da informação no futuro.

Aluna NTP

Eu sempre salvo em pastas separadas, cada conteúdo eu coloco um nome, por assunto, coloco um nome em tal assunto, para eu depois poder achar mais fácil.

O aluno OF “*Eu salvo em pastas e como favoritos salva em pastas*”, e o link em favoritos, quando os *downloads* do conteúdo encontrado não podem ser salvos. Com relação a todos os acadêmicos entrevistados puder constatar que baixar artigos e informações é um procedimento que executam com naturalidade. Para a aluna MM o procedimento de salvar se assemelha ao do aluno OF

Aluna MM

Eu, se é alguma coisa que vai me interessar depois, eu salvo o arquivo se é em pdf, ou eu coloco lá em favoritos, se é uma página que não dá para salvar o arquivo, depois eu excluo.

Por sua vez, o aluno AGC diz que gosta de ler todo o conteúdo da informação, fazendo depois um resumo de partes do material. A seguir relata que assim ele “pega mais o assunto”, dando a entender que passa a compreendê-lo melhor, ao ponto de conseguir escrever sobre ele com suas próprias palavras. Este estudante, pelo que pude perceber, lê a informação na sua totalidade, faz um breve resumo do que considera mais importante e, só então, inicia a escrita. Se ele faz um resumo com o recurso copiar e colar partes do conteúdo e, após o procedimento, relê os trechos copiados, ele se sente capaz de elaborar seu próprio texto. O aluno praticou várias formas de leitura, entre elas a leitura de escanear.

Aluno AGC

Bom, primeiro eu leio toda, aí eu vou dando uma resumida nela, para ver as informações mais importantes, com esse resumo você já pega mais o assunto, consegue escrever com as suas palavras, aí fica mais fácil.

Esse acadêmico utilizava muitas gírias na sua linguagem, o que em alguns momentos dificultou a compreensão do que ele realmente queria dizer. Muitas vezes, na entrevista, tive que intervir para buscar esclarecimento de algum termo que utilizou, uma vez que essas explicações eram importantes para a interpretação dos resultados.

Nos estudos de Ghaziri (2008) encontram-se esclarecimentos interessantes e que convêm trazer à discussão, pela forma como abordou a questão da leitura dos usuários da rede, e como esta atividade vem sendo praticada atualmente.

Os estudos de Nielsen (1997) apud Ghaziri, (2008) revelam-no interessado em aprimorar o *design* de interfaces de *websites*, porém a preocupação majoritária de suas pesquisas é comercial. No entanto Nielsen traz nelas esclarecimentos que desvelam o comportamento habitual de usuários da rede no momento em que se encontram navegando na internet. O tema da leitura emerge muitas vezes como ponto chave para qualquer pesquisa efetuada nos meios digitais e a estratégia do estudante/leitor AGC, acima, como pude constatar, apresentou comportamento de um leitor que realiza pesquisas com sobrevoos e efetuando um escaneio, da maneira como revelam as discussões de Ghaziri (2008).

Em um estudo sobre como os usuários lêem na tela, *on-line*, Nielsen (1997) afirma que eles simplesmente não lêem. Segundo o pesquisador, do

número total de sujeitos participantes de seu estudo apenas 16% realizam uma leitura que ele chama de palavra por palavra, o restante mobiliza uma estratégia por ele intitulada *scan*, uma palavra que é traduzida nos dicionários como “sobrevôo pelo texto”, por Nielsen (1997), definida como a atitude de sacar palavras ou sentenças, mas à qual, baseado nas observações que fiz *in loco*, atribuí o significado de *escanear*, mais fiel às ações que presenciei na escola. (GHAZIRI, 2008, p. 71, 72)

Para o pesquisador Nielsen (1997) apud Ghaziri (2008), a importância da usabilidade da rede, leva a buscas constantes do comportamento do leitor, uma vez que o texto é preparado para atender as expectativas do usuário da tela. Assim, compreender a dinâmica da leitura na tela *on-line* significa identificar aquilo que deve constar em um *website* e o que não deve. Isso significa que a navegação se dá em concordância com o ato de leitura e é regida por ele, que ainda revela os movimentos do usuário pela rede. Dessa forma, a arquitetura ideal dos *websites* é elaborada a partir das atitudes reveladas pela atividade da leitura.

Na sequência perguntamos aos acadêmicos: **15. Você costuma usar algum tipo de critério para salvar as informações?** Nas respostas a seguir analisei as falas para identificar os critérios. Muitos estudantes repetiram exatamente a mesma resposta da questão 14. O que chamou a atenção foram os critérios do aluno EPZ, que já surpreendera na entrevista, por ser mais maduro, com uma visão mais ampliada do seu próprio comportamento leitor. Embora a leitura de fragmentos de suas respostas prejudique um pouco o sentido de sua fala, tentei trazer as partes, com a complementação do que já foi citado anteriormente em relação à justificativa deste estudante.

Aluno EPZ

*Para salvar? ...com certeza, primeiro critério é buscar a informação com confiabilidade, aquilo que eu **acabei de citar**, o segundo critério eu procuro, sempre que eu busco uma informação, é fazer o fichamento do conteúdo, esse fichamento vai o nome do autor, editora, a faculdade ou universidade que é responsável, enfim algumas informações que vão creditando essa minha pesquisa, o principal critério que eu tenho é esse.*

Para o aluno EPZ, o primeiro critério é buscar o material em fontes que tenham confiabilidade (saber se o artigo tem autor, data, se está atualizado e tem procedência confiável) e o segundo critério é o fichamento que faz dos artigos, das informações, com nome do autor, editora, universidade responsável; tais critérios,

para ele, ajudam a creditar valor a sua pesquisa. Traz procedimentos que executa também na leitura do livro impresso, como por exemplo, o fichamento. Em conversas com o estudante descobri que estava desenvolvendo o TCC e, neste caso, posso dizer que a maturidade apresentada surge a partir de suas experiências anteriores que, como diz Foucambert (2008), irão acompanhar o sujeito por toda sua vida.

As alunas MM, NTP e os alunos AGC, OF e JK dizem utilizar os critérios de salvar em pastas os arquivos que baixam, o que pode ser lido a seguir nas falas destes acadêmicos, que explicitam a maneira como organizam suas pastas para arquivar as informações.

Aluna MM

Eu crio pastas, no meu trabalho quando estou lendo alguma coisa que não é relacionada ao trabalho, eu crio pastas minhas: faculdade, pessoal.

A aluna MM cria pastas no computador de trabalho para salvar os conteúdos que não estão relacionados ao trabalho e nomeia as pastas como minhas pastas: faculdade e pessoal. Isso significa que a aluna MM organiza as pastas para diferenciar arquivos pessoais de arquivos de trabalho. A organização ajuda na hora de resgatar a informação no computador.

A aluna NTP e aluno OF têm comportamentos semelhantes, salvam em pastas separadas pelo nome do conteúdo, ou pelo semestre em que estão estudando, considerando que esse critério facilita o trabalho de procurar a informação quando precisarem. Tanto MM como NTP salvam as pastas com nomes que facilitem a busca no dos conteúdos baixados no computador.

Aluna NTP

Eu sempre salvo em pastas separadas, cada conteúdo eu coloco um nome, por assunto, coloco um nome em tal assunto, para mim depois poder achar mais fácil.

Aluno OF

Sim, tem um artigo, quando é da faculdade eu tenho uma pasta só da faculdade, e daí cada matéria que nem, digamos sexto período, pego coloco lá, se quero fazer um trabalho eu guardo lá as informações quando eu preciso sei que está dentro daquela matéria, prefiro me organizar assim.

O aluno AGC revelou na entrevista possuir uma imaturidade quanto a selecionar e organizar os conteúdos por assunto, para salvá-los, acabando por salvar o que acha interessante na área de trabalho, visto considerar que nesse local é mais fácil de encontrar a informação de que fez *downloads*.

Aluno AGC

Bom na verdade, bom eu até comecei a dar uma organizada, por matéria, por pasta, só que eu fui meio que relaxando, aí, fui jogando tudo na mesma pasta. ou quando é importante joga na área de trabalho, fica mais fácil de achar depois.

Continuando com o tema de interesse em relação ao comportamento dos estudantes no ato da pesquisa, busquei identificar quais tipos de busca eles realizam nos sites. Nesta questão constatei que 59%, a grande maioria dos acadêmicos, desenvolvem buscas avançadas para o desenvolvimento das pesquisas, porém 30% dos estudantes utilizam a busca simples, embora a maioria saiba utilizar os dois tipos de busca. Verifiquei que os acadêmicos dominam a busca simples e a busca avançada, porém, conforme as necessidades, optam por uma ou outra para obter a informação desejada, conforme exposto no gráfico 4.

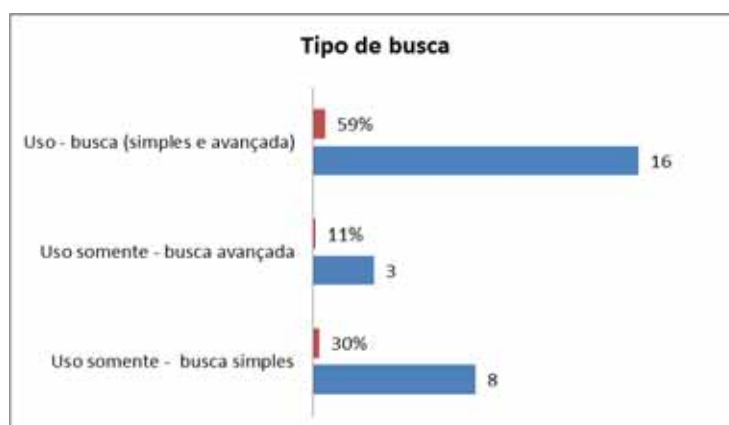


Gráfico 4 - Quantitativo do tipo de busca que utilizam.

As habilidades que os acadêmicos aplicam ao efetuar uma pesquisa na internet estão relacionadas ao conhecimento específico necessário para a exploração do meio digital e ao uso estratégico das informações encontradas a cada busca. Para o pesquisador Romaní (2012) as competências digitais caracterizam-se pelas habilidades despendidas pelos sujeitos no momento da navegação, vão além

do uso da tecnologia. É apropriar-se dos dados aplicando o conhecimento e as experiências apreendidas em atividades e ações individuais de forma colaborativa, nos contextos mutantes, vivenciados nas esferas sociais do dia a dia.

A busca por conteúdos requer dos acadêmicos uma conduta referenciada em critérios. Eles precisam buscar o assunto de interesse, sabendo a importância da informação encontrada, dando-lhe destino e aplicação. Englobada também neste quesito a apropriação do conhecimento que consideram relevante para o projeto que os levou a efetuar a pesquisa, como os objetivos pessoais, profissionais, ou de caráter científico.

Os estudantes foram questionados se sabiam fazer *download* de arquivos, artigos, fotos, se tinham habilidade de salvar as informações encontradas, em pastas e subpastas para serem utilizadas em outro momento, e salvar em favoritos os *links*. Dos 27 respondentes, praticamente todos eles usam esses procedimentos e possuem habilidades para salvar as informações para serem utilizadas posteriormente; a seguir o gráfico 5, quantitativo das respostas:



Gráfico 5 - Quantitativo: habilidades em salvar informações baixadas da internet.

No gráfico 5, acima, constatei que praticamente todos os estudantes sabem salvar o material que costumam baixar da internet para ser utilizado posteriormente. Tanto no questionário como na entrevista com os graduandos, pude perceber que a ação de salvar informações é tarefa considerada simples. Eles salvam com a intenção de ler o assunto em outro momento, criar pastas de conteúdos relacionados às disciplinas estudadas em cada semestre.

Constatei com isso que os acadêmicos efetuam *downloads* e salvam as informações e artigos no computador, abrindo, com esse procedimento, a possibilidade de efetuarem as leituras *off-line*. Segundo os estudos de Ghaziri (2008), as leituras na tela ocorrem em dois momentos distintos: o primeiro ocorre quando o aluno está conectado a internet, abre o documento e efetua a leitura *on-line*; o outro é efetuado quando o aluno baixa artigos e material, salvando em seu equipamento digital, o que é caracterizado como leitura *off-line*. Neste trabalho, 96% dos respondentes afirmaram saber salvar as informações em pastas, para, conseqüentemente, acessarem em outros momentos para ler.

Na sequência dos questionamentos pergunto aos graduandos se sabiam organizar as informações e 78% deles afirmaram dominar as habilidades de organizá-las em pastas e subpastas. Nos gráficos 5 e 6 ficou evidente que os estudantes dominam as capacidades e habilidades, demonstrando em suas respostas ter conhecimento informacional compatível com as necessidades exigidas para as atividades acadêmicas. Tanto nas respostas obtidas nas entrevistas como nos dados analisados do questionário os alunos revelaram que executam com facilidade as ações de salvar e organizar sistematicamente os conteúdos que encontram nas suas pesquisas na rede.

Atualmente, com as interfaces amigáveis dos aplicativos, com o conhecimento da estrutura e a função das pastas e subpastas, os acadêmicos organizam suas informações por disciplinas, por semestre, e levam essa organização também às fotos, vídeos, músicas, de modo que o computador passa a parecer um armário cheio de gavetas com objetos e coisas variadas, tudo em completa ordem.



Gráfico 6 - Saber organizar as informações baixadas da internet

Na próxima questão, busquei avaliar a ação do estudante ao fazer o *download* de material que utilizou no trabalho acadêmico, conforme demonstrado na tabela 7. Os dados apresentados anteriormente, como os expostos na sequência, levam a concluir que os estudantes têm consciência da importância de salvar e arquivar o conteúdo da informação (artigo, texto, *link*). Sabem a importância de manter arquivos dos dados que encontram para a atividade acadêmica, até porque, como digo anteriormente, os arquivos salvos no computador possibilitam ao estudante efetuar leituras *off-line*. Porém a questão foi propositalmente pensada para verificar quais condutas o estudante realmente realiza para pesquisar na internet, para o desenvolvimento de atividades acadêmicas de cunho científico. Como a questão era de múltipla escolha, o estudante tinha que marcar a alternativa que mais executava:

Tabela 7 - Quantitativo efetuado para ler e salvar informação da internet, CST - Alimentos, 2014

	Respostas	sempre faço		quase sempre faço		faço algumas vezes		nunca faço	
lê a informação, se for útil já usa no seu trabalho e descarta o conteúdo	23	5	22%	7	30%	10	44%	1	4%
lê a informação, se for útil já usa no seu trabalho e salva o conteúdo	23	11	42%	9	35%	5	20%	1	4%
lê a informação, se for útil já usa no seu trabalho e salva apenas o link.	23	6	26%	2	9%	12	52%	3	13%
não lê a informação, apenas salva o link para acessar e fazer a leitura posterior	23	0	0%	3	14%	11	50%	8	36%
não lê a informação, apenas salva o conteúdo para leitura posterior	23	0	0%	1	5%	11	50	10	45%

Na primeira alternativa, referente ao procedimento conhecido como o recurso *Ctrl C* e *Ctrl V*, 22% praticam sempre, 30% praticam quase sempre, 44% algumas vezes, o que leva à conclusão de que praticamente quase todos os alunos praticam a ação de copiar e colar a informação. Porém, ao comparar esses dados com as falas dos alunos, nas entrevistas, verifico que esse procedimento não foi exposto por nenhum dos entrevistados, mas é praticado por quase todos os estudantes. Apenas um graduando (4%) não usa o recurso. As demais alternativas já foram discutidas anteriormente, não necessitando de maiores explicações.

As contribuições do professor Romaní (2012) ajudaram a verificar e identificar as capacidades e competências que os estudantes praticam ao interagir com as tecnologias. Ao executarem ações como: acessar, recuperar, armazenar, organizar, sintetizar, integrar, apresentar, partilhar, trocar e comunicar em múltiplos formatos, textuais ou multimídia, os acadêmicos estão desenvolvendo o conhecimento digital e mesmo que em alguns momentos tenham apresentado pouca experiência eles vêm praticando determinadas ações.

Quando se trata de conhecimento e uso de tecnologias digitais, toda ação atingirá uma melhor capacidade e habilidade nos casos em que o usuário estiver praticando ações diariamente. O uso constante de ferramentas e aplicativos eleva gradualmente o desenvolvimento das capacidades do indivíduo e a prática diária facilita a aprendizagem, que se consolidará no indivíduo por toda sua vida. Quanto mais praticar ações que envolvam as tecnologias, maior será, portanto, a aprendizagem que se internalizará no estudante.

O estudante/navegador tem a necessidade de utilizar habilidades específicas no ato de pesquisar, consultar e salvar informações. Para os pesquisadores Cabero e Cejudo (2006), Cabero, Cejudo e Tornero (2010) as competências que os indivíduos precisariam desenvolver para interagir com as tecnologias seriam ações como ler com compreensão e com senso crítico as informações que encontram nesse meio, de forma que, ao juntarem as habilidades de manuseio das ferramentas de busca com as de leitura, achem o equilíbrio necessário para utilizar a mídia de forma inteligente ao ponto de tornarem-se cada vez mais autônomos em suas ações.

A questão **19. Para desenvolver trabalhos acadêmicos você prefere pesquisar em livros ou na internet os assuntos? Por quê?** está relacionada ao suporte nos quais os estudantes fazem as leituras, para a realização das atividades acadêmicas, e tinha como interesse verificar se nas pesquisas os alunos utilizavam mais a rede ou os livros. A seguir estão expressas algumas falas de alunos. O aluno JK e a aluna MM, assim como os demais entrevistados preferem iniciar suas pesquisas pela *web*, justificando para isso a facilidade e a rapidez de encontrar os conteúdos. Caso não encontrem na internet, vão à biblioteca para pesquisar as informações nos livros.

Aluno JK

Olha, se é algo, assim, eu procuro primeiro na internet, aí se eu vejo que não achei muita coisa, eu venho na biblioteca, pego um livro né, mais assim, tipo, muito, eu sempre pego livro na verdade, mas as vezes eu busco na internet, a internet é assim mais rápida na verdade, no livro você tem que ficar folheando lendo o sumário, na internet se você buscar pela palavras chave, como uma biblioteca que é só clicar.

Aluna MM

Eu pesquiso primeiro na internet, se não acho muito assunto, daí eu pesquiso se tem livros nas bibliotecas, vejo se tem bastante tempo para desenvolver este trabalho eu pego de outros Câmpus. Eu faço bastante isso.

Para o aluno JK o uso do livro é mais demorado porque precisa ficar folheando, abrindo e fechando, lendo o sumário, enquanto que na internet a busca por palavras chave em um ou dois cliques já tem a informação, o que é muito mais rápido. Muitos sabem a importância de se buscar por livros, mesmo assim admitem fazer as pesquisas com o auxílio da rede, e se encontrarem o que precisam não vão à biblioteca, o que leva a concluir que essa pode ser sua única fonte de informação, ainda que, por sua vez, riquíssima em variedade de sites, conteúdos. Se o acadêmico souber como encontrar artigos e livros fará com certeza uma excelente pesquisa. Os dados analisados nas entrevistas irão confirmar os quantitativos do gráfico 9, discussão que será abordada no decorrer do próximo item.

No próximo item veremos como os acadêmicos de Tecnologias em Alimentos conseguem verificar a confiabilidade das informações que encontram na rede, para efetuarem leituras diversas, bem como para o desenvolvimento de outras atividades e trabalhos científicos.

4.4 O acadêmico e as habilidades para avaliar a confiabilidade das informações encontradas na internet

Vivemos num tempo em que as informações circulam com rapidez incrível, em números nunca antes imaginados. A maneira de construir e difundir o conhecimento torna-se a cada dia um desafio e estas ações estão diretamente

ligadas às fontes de informação, que por sua vez dependem cada vez mais e mais das tecnologias.

Os dados que circulam na rede estão aumentando em variedade e número e, com isso, existe a necessidade de se certificar quanto à veracidade das informações e à confiabilidade da fonte, assim como dos conteúdos escolhidos para as leituras. Este trabalho teve a preocupação de verificar como os acadêmicos se comportam e utilizam o conhecimento prévio para verificar a procedência das informações encontradas.

Baseados nos estudos de Romaní (2012), Tomaél (2001, 2004) Cabero e Cejudo (2006) e Romaní (2012), entre outros, buscamos compreender o conhecimento específico necessário para verificar os procedimentos que os graduandos vêm executando no momento da realização das buscas dos conteúdos na rede.

O professor e pesquisador britânico Romaní (2012) destaca as competências que são acionadas para compreender, avaliar e interpretar informação de todos os tipos de fonte, principalmente as extraídas da internet. Para o estudioso, as habilidades do sujeito vão além da capacidade de ler com significado, com compreensão crítica, visto que implicam também em avaliar, estabelecer conexões e interagir com diferentes informações e dados. Adquirir esse conhecimento envolve o domínio de um conjunto de competências básicas, identificando fontes da informação, autores e suas diversas abordagens, sendo capaz de proceder a verificações da confiabilidade e da qualidade da informação, aspecto central para decidir qual e quando uma determinada informação é necessária para um contexto ou para uma tarefa específica.

Em um ambiente no qual os usuários são sobrecarregados de dados, ser capaz de analisar, julgar, avaliar e interpretar a informação, inserindo-a em um contexto, torna-se uma competência crucial. Duas competências muito importantes ligadas ao conhecimento informacional são as de “*avaliação* (refletir para fazer julgamentos sobre qualidade, relevância, utilidade, eficiência, autoridade e oportunidade/ conveniência da informação)” e de “*integração* (interpretar, resumir, tirar conclusões, comparar e contrastar informação de múltiplas fontes digitais)”. (ROMANÍ, 2012, p. 857)

E na sequência Romaní (2012) apresenta o conhecimento digital, as necessidades do indivíduo de ter proficiência ao construir conhecimento novo, com base no emprego estratégico de TIC. Nesse sentido, considera que os principais aspectos digitais são: como obter informação relevante (dimensão instrumental) e como administrar e produzir conhecimento novo (dimensão estratégica), sendo que possuir esse conhecimento envolve usar tecnologias da informação para acessar, recuperar, armazenar, organizar, gerir, sintetizar, integrar, apresentar, partilhar, trocar e comunicar em múltiplos formatos, textuais ou multimídia. (ROMANÍ, 2012, p. 857)

Combinam-se aí pensamento crítico, criativo e inovador, potencializados pelas competências em gestão da informação. Romaní destaca, assim, algumas das competências ligadas ao conhecimento digital, que são: *definição* (usar ferramentas de TIC para procurar, encontrar, identificar, reconhecer a informação desejada); *acesso* (saber como coletar ou recuperar informação em ambiente digital, capacidade de desenvolver estratégias de busca para localizar uma ou mais fontes de dados); *gestão* (organizar em um ou mais esquemas classificatórios); *criação* (gerar informação e conhecimento novos ao adaptar, desenhar, editar, inventar, ou representar os dados em ambientes TIC); e *comunicação* (passar informação e conhecimento a vários indivíduos e/ou grupos). (ROMANÍ, 2012, p. 857).

Com o apoio dos pesquisadores Cabero e Cejudo (2006) e da pesquisadora Tomaél (2001 e 2004) abordarei os processos de busca sob o olhar da credibilidade das fontes de informação. Nesse sentido deve ser considerado o domínio do conhecimento que o acadêmico, deve possuir para atingir o caminho da liberdade na “sociedade do conhecimento”, precisando também, para isso, ser capaz de codificar e decodificar as mensagens que circulam pelos meios de comunicação e pelas tecnologias, evitando, desta forma, a manipulação e o aprisionamento que estes meios podem originar; o estudante deve igualmente, através das experiências, saber avaliar a confiabilidade, a veracidade e a importância da informação encontrada na internet.

Nos instrumentos de coleta de dados aplicados aos acadêmicos, percebi a inquietação e a preocupação demonstrada frente à quantidade de informações que

encontram na rede, bem como a dificuldade que os perturba na hora de selecionar o conteúdo desejado.

Na questão **19. É capaz de avaliar a autoria e veracidade da informação encontrada na internet para fins acadêmicos, identificando o autor? Se sua resposta for sim, como você faz para avaliar a veracidade da informação**, do questionário on-line, busquei verificar a conduta dos sujeitos na hora de selecionarem as fontes de informação. Constatei que os estudantes, tanto na entrevista semiestruturada como no questionário, apresentaram elevado grau de insegurança na identificação da fonte.

No gráfico 7, conforme os dados extraídos do questionário, constatei que 62% dos acadêmicos têm dificuldade em identificar a veracidade do material, do conteúdo, ou seja, 16 alunos encontram dificuldades para identificar a autoria do material baixado da internet, não sabem ao certo como verificar a confiabilidade do que buscam. As estatísticas são preocupantes, se considerarmos que a rede atualmente é o principal meio de utilização dos graduandos para realizarem as pesquisas de trabalhos acadêmicos. Cabe refletir porque o processo de busca por informações na internet se torna tão inseguro e, mesmo assim, é o mais utilizado usado entre os estudantes.

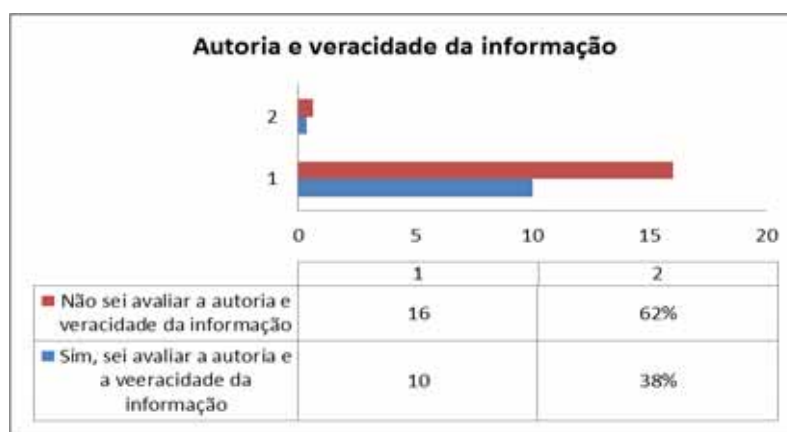


Gráfico 7 - Quantitativo em verificar a autoria da informação encontrada na rede.

Outros 10 anos, ou seja 38% responderam saber avaliar as fontes de informação. Estes 10 estudantes responderam como procedem à identificação das fontes de informação na internet. As justificativas expressam a conduta utilizada

para a verificação da confiabilidade e veracidade. A questão era aberta e anônima; no quadro 1, a seguir, os depoimentos:

Como você faz para avaliar a veracidade da informação?
- Artigos publicados em revistas científicas são materiais confiáveis. Artigos publicados em sites confiáveis também poderão ser utilizados.
- Lendo e pesquisando mais sobre o assunto.
- Vejo se o conteúdo é referenciado . Procuo em mais de um site, para ver se a informação condiz , pesquiso em artigos referenciados.
- Se for de escritores conhecidos , ou se tiver nome de quem escreveu e data . Além de ter conteúdos que tenhamos certo conhecimento.
- Busco pesquisar somente em sites confiáveis .
- Avaliação das referências utilizadas no trabalho , e confrontando informações presentes com demais trabalhos.
- Avaliando a credibilidade do site , e as informações das referências .
- Pesquiso as referências em outras publicações.
- Faço a pesquisa de um trecho da matéria no Google para ver se é cópia de outro trabalho .
- Procuo saber se não é plágio .

Quadro 1 - Condutas do acadêmico para verificar a autoria e veracidade da informação, CST - Alimentos, 2014.

Pude constatar que na maioria das justificativas acima se refere a critérios citados nos estudos da pesquisadora Tomaél (2001, 2004). Os acadêmicos desconhecem teoricamente os critérios válidos para avaliação dos sites e das fontes, porém executam procedimentos corretos de avaliação das fontes de informação. Nos estudos da professora Maria Inês Tamaél manifesta-se a preocupação com os avanços e as possibilidades de expansão da comunicação e com a transferência de documentos e conhecimento, que culminam com a exorbitante geração e produção de novas informações a cada dia. Para controlar de maneira eficiente esse fluxo enorme surge a necessidade de se criarem maneiras de avaliar os conteúdos encontrados na internet, com padrões de qualidade, relacionados a critérios, atributos de avaliação, como por exemplo: validade, precisão, autoridade, reputação da fonte, integridade da informação, singularidade, completeza e cobertura e integridade do site onde a matéria possa estar vinculada.

Quando os estudantes buscam por referências, por autores conhecidos, em revistas científicas, sites confiáveis (*Scielo*, *Google Acadêmico*, repositórios de teses

e dissertações), ou estão verificando em mais de uma fonte, lendo mais e mais sobre o assunto, maior a probabilidade de reconhecer a precisão da informação. A recorrência dos mesmos autores nos diversos artigos pesquisados reforçam a autoridade da pesquisa e a relevância do autor no ambiente científico; com critérios desta natureza as buscas por conteúdos confiáveis ficam evidentes, e por consequência as inseguranças diminuem.

Nas entrevistas, a pergunta **17. Como você identifica a importância do autor no meio científico?** buscou avaliar, especificamente, a autoridade dos conteúdos que os estudantes têm encontrado na rede. Nas respostas abaixo observo o comportamento e as demonstrações de preocupação que pude captar no momento da entrevista semiestruturada com os graduandos, visto que a entrevista proporciona ao pesquisador uma proximidade muito importante com o sujeito.

A comunicação entre entrevistador e entrevistado ocorre muitas vezes por meios não verbais, que só são possíveis frente a frente, como nos olhares que interagem, nos gestos sinalizando rejeição ou aceitação do sentido da sentença proferida, olhares que muitas vezes não são perceptíveis na aplicação do questionário. No momento das entrevistas, a observação dos movimentos das mãos, dos olhos ou até mesmo do próprio corpo revelaram situações que ajudaram na análise dos dados, auxiliaram na compreensão das respostas tanto do questionário como da entrevista.

Ao analisar as respostas dos acadêmicos pude perceber que os alunos, em geral, buscam identificar o autor da publicação, do artigo, baseando-se, muitos deles, nas orientações dos professores para efetuarem essas buscas, pesquisando o autor e verificando se ele tem várias publicações na mesma área de estudo. Outra maneira que o estudante encontra para verificar a autoridade é constatar se o autor aparece em vários artigos, o que lhe dá credibilidade para escrever sobre o assunto. Conforme as leituras vão progredindo, e o nome de um determinado autor é recorrente, o estudante passa a basear a busca no autor, apoiando-se na sua metodologia para realizar o seu próprio trabalho acadêmico. Nesse sentido, o aluno OF esclarece com clareza a maneira de identificar o autor:

Aluno OF

Como eu costumo ler muitos artigos, geralmente eu busco os autores mais citados, tipo, eu procuro geralmente por quem é

citado. Por exemplo, num trabalho sobre análise de gordura que a gente buscava por certificação e como o assunto era um pouco restrito, a gente buscava e via que muitos citavam aquele determinado autor, então a gente fez o trabalho em cima daquele autor, buscou a metodologia dele no original.

Aos poucos, o entendimento de como os estudantes realizam suas pesquisas vai se definindo e vai ficando claro o comportamento do grupo, permitindo identificar um perfil muito parecido entre os acadêmicos, ao apontarem para condutas necessárias. Apesar de apresentarem certa inseguranças em suas falas na entrevista, os estudantes estão realizando corretamente a identificação dos autores nos conteúdos encontrados na internet, como podemos verificar nos registros dos alunos JK e EPZ, que é um sujeito com mais experiência e difere dos demais pela maturidade acadêmica e também pela maturidade de vida, como já citamos em outros momentos deste estudo.

Aluno JK

É uma necessidade básica, porque, eu vou pelo assunto, encontro o autor, aí vejo, se tal autor tem mais alguma coisa relacionada em cima disso, ou parecida, aí eu busco pelo nome (autor), ou palavras chave, também, né.

Aluno EPZ

Tipo de publicação, primeiro se é uma publicação científica, onde foi feita a pesquisa, qual a metodologia utilizada na pesquisa, se traz um grupo responsável, grupo técnico responsável, se é um artigo tipo publicidade ou artigo científico, são os critérios básicos.

A fala da aluna MM era de preocupação, seu olhar vagava pela sala, não por desatenção, mas por nervosismo causado pelo questionamento; ao citar uma exclamação do tipo “Ai! Ai! Como vou te responder” demonstra insegurança ao tentar verificar a autoridade do conteúdo que encontra; por isso a estudante prefere a indicação dos autores pelos professores para efetuar as buscas com segurança. Procurei rever a entrevista desta aluna e pude perceber que ela não utiliza muito a internet para pesquisar, vê esta tecnologia apenas como auxiliar das atividades profissionais e esporadicamente a utiliza para efetuar as pesquisas.

Aluna MM

Ai! Ai! Como vou te responder, ou assim, sites que eu vejo que muita gente pesquisa, que tem comentários, pouca vezes na verdade. Ou por indicação dos professores, geralmente tem os autores.

Para o estudioso Cabero e Cejudo (2006), a pesquisa exige do navegador as habilidades necessárias que incluem manipular a informação com a capacidade de avaliar sua relevância e sua confiabilidade, juntamente com a capacidade de criar mensagens em vários formatos: impressas, digitalizadas, audiovisuais, vídeos com formatos que possam ser vinculados nas tecnologias, além de saber baixar vários tipos de dados encontrados na internet.

Entre os sujeitos, um grupo consegue aplicar na prática as capacidades de avaliar a relevância e a confiabilidade dos conteúdos, mas fica evidente, de forma geral, a falta de domínio dos estudantes em relação ao uso dos computadores e da internet para buscar as informações de que precisam, o que faz com que recorram geralmente aos recursos mais fáceis, como usar os buscadores. Os professores têm orientado os graduandos com a indicação de sites, de autores e fontes de repositório de teses. Nos dados encontrados tanto nos questionários como nas entrevistas foi possível verificar que muitos dizem seguir a orientação do professor para efetuarem as buscas, e este é o caminho mais seguro para uma pesquisa confiável.

A pesquisadora Tomaél (2004) tem se dedicando à elaboração de critérios que possam auxiliar na identificação das fontes de informação, tornando as buscas na rede mais seguras e eficientes para os navegadores em busca de conteúdos. Reforça dizendo que a “importância de se avaliar o material disponível na Internet é bastante significativa para quem a utiliza para a pesquisa, e é de extrema relevância para enfatizar a inconstância da qualidade das informações encontradas.” (TOMAÉL, 2001, p. 4).

Segundo Tomaél (2001, p. 5), “Para verificar as credenciais do autor é importante procurar por informações no domínio do *site* em que a fonte estiver localizada, além de examinar outras páginas na *web* e fontes de referência.”

Estas situações foram embasadas nos estudos de muitos estudiosos citados por Tomaél

Para avaliar uma fonte é fundamental identificar o indivíduo ou instituição responsável por sua compilação. Analisar o autor e verificar suas credenciais para versar sobre o assunto é essencial, o que inclui: ser conhecido na área, ser citado por outros autores, relacionar sua especialidade com o conteúdo do trabalho, conhecer suas habilidades, identificar se houve revisão do conteúdo, procurar por críticas ao seu trabalho. Deve-se ainda verificar a qualidade das informações dos *sítes* para os quais os *links* apontam. (EDWARDS, 1998; HENDERSON, 1999; STOKER e COOKER, 1995) TOMAÉL, 2001, p.5.

Ao progredir nos estudos percebi que os domínios de uma pesquisa eficiente se iniciam com o conhecimento que os estudantes possuem na utilização da internet como possibilidade de buscar informações; assim, se conseguem avaliar adequadamente uma fonte, se as condutas forem adequadamente empregadas, os resultados das pesquisas serão consequentemente confiáveis. Outra forma segura será a experiência adquirida com o uso constante e em ações recorrentes de busca que os levarão a uma aprendizagem do ato de buscar informações, detectando as características de um site confiável, que seja referenciado.

Na pergunta 20, do questionário, pergunto aos estudantes se eles tinham habilidades para identificar a confiabilidade do *site* em que encontravam a informação. Os resultados apresentados no gráfico 7, a seguir, revelam que uma parcela significativa dos graduandos sinalizou que às vezes consegue identificar e outro grupo afirmou não conseguir fazê-lo, valores que chegam a 67%, se considerados os dois percentuais, índice muito alto de incertezas na verificação da confiabilidade.

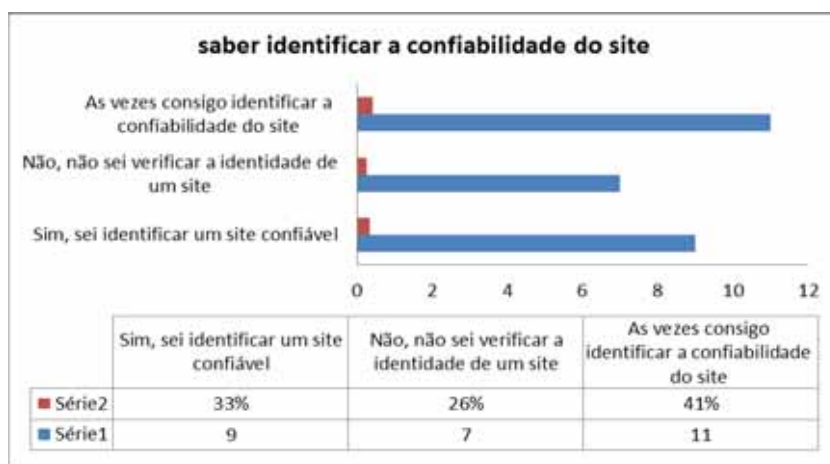


Gráfico 7 - Quantitativo para avaliar a confiabilidade do site de busca

Muitos apresentam um grau maior de dificuldades para efetuarem ações de análises das fontes de informação, revelando que, de fato, os acadêmicos têm dificuldade para identificar a confiabilidade dos conteúdos, porém eles vêm praticando ações de identificação adequadas, se considerarmos os estudos da pesquisadora Tomaél (2001). Cabe acreditar que os estudantes têm na verdade insegurança no ato de buscar, o que não significa que eles não saibam efetuar pesquisas na rede; eles sabem como fazer, mas a desconfiança pode estar sendo causada pelo excesso de informação.

A busca ineficiente com relação à verificação de confiabilidade do site pode estar relacionada não apenas à falta de conhecimento do acadêmico em identificar os *sites* confiáveis, seguindo as discussões apresentadas, como também à maneira de efetuarem as pesquisas, buscando pelo modo mais fácil de procurar os conteúdos para as atividades científicas. Como os estudantes dispõem de pouco tempo para efetuarem os trabalhos, elas são feitas com o menor esforço, ou seja, pelos caminhos mais curtos, fáceis, pelos *links* que primeiro aparecerem na lista relacionada pelo buscador, sem a aplicação de muitos critérios, o que eleva a insegurança.

Nos últimos anos as pesquisas, nos quesitos segurança dos sites, confiabilidade das fontes de informação, bem como elaboração de critérios para que as buscas se tornem cada vez mais seguras para os usuários, têm progredido. Esses avanços mencionam até novas modalidades, como a “*Web Semântica*”. Muitos estudos estão preocupados com as fontes de informação, a procedência, a credibilidade, a veracidade e a confiabilidade do que circula na rede de forma exponencial. Criar critérios de avaliação torna-se cada dia mais necessário.

Segundo as novas pesquisas apresentadas por Lima e Carvalho (2004) na área das Tecnologias da Informação e da Comunicação a discussão atual entre os estudiosos tem a ver com a *web semântica*, nova maneira de entendimento entre a máquina e o ser humano, de forma a tornar a informação “compreensível” para o computador. Ela representa uma revolução no processamento da informação e, por consequência, uma revolução na maneira de se obter e organizar os conhecimentos. Pretende-se que os recursos disponibilizados sejam expressivos o bastante para que máquinas ou agentes de *software* sejam capazes de processar e “entender” o real significado dos dados. Vem para tornar cada vez mais interativa a relação entre

o usuário e o computador, de forma que, ligados à rede, cumpram tarefas mais complexas na busca pelas informações.

Recentemente Tim Berners-Lee (cientista britânico, atualmente diretor do W3C) vislumbrou o desenvolvimento da Web Semântica que, a partir do uso intensivo de metadados, visa prover acesso automatizado às informações através de máquinas, com base no processamento semântico dos dados e de heurísticas. Segundo Berners-Lee explica, a Web Semântica visa construir uma rede que, além de ligar documentos entre si, seja capaz de reconhecer o significado desses documentos e, através de um processamento via máquina, inferir novos conhecimentos. (LIMA; CARVALHO, 2004, p. 3)

Um dos desafios desta modalidade é que as máquinas compreendam e vinculem dados colocados na rede com semântica, isto é, que os computadores, através de ontologias e regras de inferências, encontrem respostas mais precisas para as consultas dos usuários, descartando o que é irrelevante. Com as novas implantações da *web* semântica ter-se-á maior segurança nas buscas por informações de qualquer natureza, pois o computador estará preparado para entender e devolver ao usuário conteúdos com significados mais próximos de suas consultas. A visão do futuro das buscas na internet não é discussão neste trabalho, mas é importante sinalizar o rumo das novas mudanças que, no contexto das tecnologias, não cessam. É uma nova forma das tecnologias entenderem os significados dos documentos. É relevante a questão da *web* semântica, uma vez que esta tecnologia permitirá que a máquina ajude o usuário, ou o pesquisador, a encontrar assuntos relacionados semanticamente; o que hoje é feito manualmente pelo navegador, em um futuro bem próximo será executado pelo *software*. Alguns buscadores já estão utilizando este recurso, mas ainda de forma investigativa, um tanto incipiente.

Depois destes esclarecimentos, volto às discussões que preocupam nossos estudantes. Para muitos, a falta de tempo é um condicionante que interfere diretamente na pesquisa. Ficar navegando à procura de informações na rede torna-se um movimento sem fim. Se a proposta de pesquisa não for bem definida e bem elaborada pelo estudante, as possibilidades de se perder entre as informações e os *links* são enormes. A internet facilita a pesquisa, porém se os acadêmicos não forem suficientemente orientados, para este fim, acabam fazendo pesquisas superficiais, ou se afastam de seu objetivo.

Há um despreparo dos acadêmicos de um modo geral. A relação pode estar realmente na falta de critérios definidos para avaliação de *sites* confiáveis. Partindo deste pressuposto, como aprender a utilizar critérios para avaliar os *sites*, os *links* e as informações? A quem compete ensinar a utilização correta de um *site* ou *link* para pesquisar? Neste contexto, acredito que uma orientação direta dos professores aos graduandos, sobre como pesquisar e onde, indicando: revistas científicas, repositórios de periódicos e teses como o da Capes, *sites* de universidades, entre outros lugares confiáveis, pode ser a maneira mais eficiente e indispensável. Muitos estudantes dizem aguardar o professor fazer a indicação para terem a certeza e a confiança necessária de autoria e de veracidade do que estão procurando na internet.

Na pergunta para identificar as dificuldades que os estudantes têm no momento de realizarem uma pesquisa acadêmica na internet, conforme quadro 2 abaixo, detectei pontos que merecem atenção. Analisei cada uma das expressões descritas pelos sujeitos. Foi possível agrupar em cinco grupos de dificuldades. Percebi que as ocorrências entre os usuários da rede não são isoladas, tornam-se recorrentes na minha investigação, de maneira geral.

No quadro 2, a seguir, um dos itens mais citados pelos estudantes refere-se às dificuldades em reconhecer a veracidade e a confiabilidade das fontes de informação, bem como avaliar os *sites* que as hospedam. Tanto o quadro 2 como os índices do gráfico 7 reforçam o grau das limitações dos estudantes em saber quem está disseminando a informação, se tem a autoria, a data em que foi publicada, a atualidade e a precisão, critérios que o acadêmico precisaria dominar para efetuar pesquisas com confiança e segurança.

Os demais itens, que abordam a falta de assuntos específicos, assuntos e definições confusas e encontrar a informação estão diretamente ligados à falta de conhecimento dos alunos sobre o próprio assunto que vão buscar na internet, e se não dominam o conteúdo, não sabem o que estão procurando, consequentemente fica mais complicado efetuar uma busca segura; daí a dificuldade em encontrar o assunto desejado. Contudo, se a pesquisa partisse dos planos de ensino das disciplinas, consultando as bibliografias sugeridas, eles saberiam por onde iniciar e como proceder à busca eficiente.

Nas pesquisas acadêmicas na internet quais as maiores dificuldades que você encontra?	
Veracidade Confiabilidade	- Informações não verídicas.
	- Falta de confiabilidade dificuldade para identificar a informação.
	- A veracidade da informação, muitas cópias em diferentes <i>sites</i> e <i>links</i> .
	- Falta de referências no conteúdo.
	- Achar o conteúdo em relação ao assunto que procuro em sites confiáveis.
	- Identificar a confiabilidade e veracidade de sites pouco acessados.
	- Confiabilidade da fonte.
	- Materiais que sejam verídicos.
Assuntos específicos e atuais Conteúdos e definições confusas Encontrar a informação	- Assuntos muito específicos de determinadas disciplinas têm pouca informação, só encontro em <i>sites</i> de pesquisa.
	- Às vezes falta conteúdo específico. Compatibilidade com o que procuramos especificamente. Muitas definições incompletas, claras e bem explanadas.
	- Dependendo do conteúdo da pesquisa, às vezes, não tem muito sobre o assunto, também existem conteúdos com definições confusas, o que dificulta o entendimento. Prefiro pesquisar em livros, porém a biblioteca da faculdade deixa a desejar em conteúdo para determinadas matérias, o que me leva a utilizar o que encontro na internet.
	- Quando o tema é atual, mais difícil encontrar pesquisas aprofundadas.
	- Encontrar artigos atuais.
	- Encontrar conteúdo que explique com bastante clareza o assunto.
	- Encontrar artigos.
Tempo	- Muito material repetido, não dá tempo de ler tudo.
	- Falta tempo para comparar vários conteúdos.
Dificuldades em pesquisar	- Várias vezes digito uma coisa e abre outra totalmente diferente.
	- Conhecer os atalhos temáticos.
Não tem dificuldade	- Quando eu pesquiso dificilmente encontro dificuldade.

Quadro 2 - Dificuldades apresentadas pelos acadêmicos em pesquisar na internet, CST - Alimentos, 2014.

Nos últimos itens do quadro 2, relacionados ao tempo e às dificuldades em pesquisar, os alunos referem-se à quantidade de informações e à falta de tempo para ler e comparar o que encontram na rede, situação que acontece realmente nos casos em que os graduandos têm pouco tempo para o desenvolvimento da atividade científica. Por outro lado, quando o estudante disse digitar uma coisa e aparecer outra certamente cometeu um erro de digitação, ou colocou palavras erradas, ou não soube iniciar a pesquisa corretamente no buscador.

Nesse contexto, a questão não pode ser negligenciada pelas instituições de ensino, tampouco pelos professores que estão em salas de aula. A orientação sobre como e onde os estudantes devem efetuar suas pesquisas é necessária, uma vez que a rede é o meio de comunicação mais utilizado entre todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem; sendo assim, a responsabilidade também passa a ser de todos. Para muitos a internet é mais um meio de busca, mas para outros tantos, como verifiquei nas discussões anteriores, passou a ser a única fonte de informação, portanto, precisa ser utilizada com sabedoria e conhecimento.

Vieira (2009) alerta sobre a necessidade das instituições de ensino orientarem os estudantes a desenvolverem práticas de pesquisa na rede. É uma atividade que as instituições formais precisam incluir nos projetos de seus cursos, nas disciplinas, com o objetivo de formar e orientar o estudante no contexto social e profissional, preparando-o para o mundo em constante movimento, sujeito a mudanças em todas as áreas, inclusive tecnológica.

As discussões rodeiam o ensino e a aprendizagem sem sombra de dúvida, mesmo no ensino superior, em discussão neste trabalho, e a impressão que se tem é a de que os graduandos chegam à universidade dominando com facilidade capacidades e habilidades no uso das tecnologias. Muitos estudantes, no entanto, não tiveram acesso ao meio tecnológico da forma como se apresenta atualmente e, apesar de todos os estudantes terem computador e acesso à internet, muitos têm apresentado dificuldades no domínio de critérios de avaliação das fontes de informação. Como discutido no capítulo 2, a aprendizagem só atingirá a maturidade necessária se o sujeito for incentivado ao uso constante.

As ineficiências das pesquisas na *web* contam com inúmeros fatores tais como: a quantidade de informações disponíveis nos sites; a inexperiência dos graduandos em buscar os dados em sites específicos, assim como em repositórios científicos, entre outros fatores. Por isso, apesar dos esforços dos estudantes em verificar os *links* e os conteúdos, eles apresentam insegurança no quesito identificação da autoria de uma informação.

Nas entrevistas pude observar algumas situações que os acadêmicos relataram e foi possível olhar para as reações e expressões que eles demonstravam a cada questionamento levantado, uma vez que a entrevista é momento único. Muitas considerações que pude fazer vieram das expressões e dos sentimentos

deles, na forma de sinais comunicativos não verbais tais como: silêncio, risos, expressão de surpresa, inquietação, insegurança em responder, entre outros sinais que pude observar no momento das entrevistas. O momento não se repete, assim como cada hesitação, cada movimento respiratório, inclusive a própria entrevista e respostas de cada um não se repetiria da mesma forma, visto que o instante é único, é genuíno.

Na questão **16. Em pesquisas científicas como você identifica a relevância e a importância da informação na internet?** ao serem questionados, os entrevistados ficaram pensativos, creio que houve uma reflexão por parte deles, em relação à sua própria conduta na busca por informações na rede.

O aluno JK considera relevante o *site* que traz conteúdos acadêmicos e de confiança e deixa transparecer em sua fala o fato de que ele não nomeia as coisas de forma precisa, às vezes generaliza: *alguma coisa acadêmica*, como sendo um artigo, ou um livro ou um documento de uma universidade. Ele fala muito, porém não define exatamente o tema da pergunta. Utiliza o termo “*pego*” com o significado de fazer *download* e usar o conteúdo na pesquisa e não descarta a leitura da Wikipédia, a partir de cujos dados consegue direcionar as buscas seguintes, com mais refinamento, e que serve portanto como orientadora e esclarecedora do assunto, para proceder a novas buscas. É possível concluir que o aluno JK aparenta ter traços de insegurança nas pesquisas na rede, ou traços de dúvidas quanto ao que procurar, talvez pela generalização que a própria questão provocou.

Aluno JK

Olha!!...eu olho o site, se eu vejo se o site é de confiança, é um site que você pode pesquisar alguma coisa acadêmica, alguma coisa que vai suprir a necessidade acadêmica, científica, então ai eu pego, senão, tipo algum site tipo Wikipédia sabe a gente sempre acaba lendo para ter uma noção, mas nunca pego nada do Wikipédia.

O aluno EPZ, mais experiente, inicia sua fala levantando a necessidade de se saber qual tipo de publicação é aquela encontrada, preocupa-se com a procedência da informação, com detalhes do trabalho tais como: metodologia, responsáveis, autoria. Este acadêmico pode ser considerado como tendo habilidades e

capacidades para embrenhar-se em buscas *on-line*, atendendo ao que Tamaél (2001) considera fundamental para isso, isto é, a utilização de critérios considerados essenciais na avaliação da confiabilidade das fontes de pesquisa.

Aluno EPZ

Tipo de publicação, primeiro se é uma publicação científica, onde foi feita a pesquisa, qual a metodologia utilizada na pesquisa, se traz um grupo responsável, grupo técnico responsável, se é um artigo tipo publicidade ou artigo científico, são os critérios básicos.

O aluno OF usa critérios válidos para avaliar sites e fonte de informação, realiza a leitura em mais de um site procurando encontrar os mesmos dados, os mesmo autores e artigos, para assim ter certeza de que o que encontrou procede e a fonte também existe, o que para Tamaél (2001) caracteriza critérios igualmente válidos.

Aluno OF

Então!! eu busco ver em mais de um site, se aparece em outros sites, tipo, busco através da repetição na internet, não que só um site lançou, a gente lê a informação, eu uso dados daquela informação para procuro em outros sites.

Por sua vez o aluno AGC confia na indicação de professores e faz sua busca em sites com indicação do nome dos autores e dos locais onde pode encontrar a informação desejada. Neste caso o aluno é mediado pelo professor para efetuar a pesquisa. É uma forma de encontrar com segurança o que procura, a partir do momento que o professor direciona o assunto indicando nome do autor, assuntos, sites prováveis de busca, o que faz com que o percentual de insegurança seja reduzido.

Aluno AGC

É que, geralmente peço conselho para os professores, sempre peço indicação de algum autor, alguma coisa que seja mais confiável, sempre pede indicação dos professores.

Ao analisar a questão acima, percebe-se o grande desafio a todos os leitores, sem exceção, em selecionar a informação confiável, entre as demais. Embora não constitua tarefa fácil, a utilização de alguns critérios para selecionar as informações

é habilidade que se aprende. Para Bajard, (2005), o leitor, diante do livro, ou o navegador diante da internet, precisam escolher estratégias correspondentes ao seu desejo ou à sua necessidade de informação. Para isso, cada um, ao seu modo, sobrevoa página do livro, ou percorre a tela digital, com o objetivo de ir diretamente às informações que procura. Podem também, nesse percurso, deixar o olhar vagar por entre os sites que os sensibilizam, voltando atrás ou saltando trechos ou abas para chegar ao fim do texto à sua maneira.

Ter o hábito de buscar a informação em ambientes credenciados é experiência que se adquire com o tempo e depende de cada indivíduo. Os professores como mediadores podem contribuir orientando os alunos com a indicação de *sites*, de autores, de órgãos governamentais, repositórios de teses, revistas científicas, entre outras, para serem utilizadas nas pesquisas acadêmicas, assim como devem alertá-los sobre as armadilhas que podem encontrar ao navegarem sem rumo certo e definido pelos meios eletrônicos.

No quadro 3, a seguir, a questão buscava ver como os acadêmicos faziam para identificar a confiabilidade do *site*, e os dados dos questionários analisados permitiram-me identificar algumas maneiras de os estudantes procederem à verificação. Organizei-as a partir de três critérios utilizados. Caracterizei o primeiro critério como uma busca efetuada por parâmetros de confiança, em que considerei a utilização de *sites* recomendados por professores ou por colegas.

A confiabilidade é reconhecida pelo estudante através de pessoas que ele conhece e em quem confia e que indicaram *sites* para ele fazer a pesquisa.

No segundo critério encontram-se as seleções específicas: os alunos selecionam os *links* que apresentam informações que dão pistas e sinais de credibilidade. Dados contidos no texto e no hipertexto, tais com: nome do autor, data do trabalho científico, nome da universidade, nome de instituição governamental. Percebi a maturidade dos acadêmicos em reconhecer características encontradas no site e na informação. Segundo Tomaél (2001) esses indícios remetem a fontes seguras de informação. Os estudantes atribuem ao fato de o autor ser conhecido no meio científico, por ser parceiro do *site*, ou seja, se o autor confia no *site*, o estudante também deposita nele sua confiança.

Como você faz para identificar a confiabilidade do <i>site</i> em que encontrou a informação? Justifique:	
Recomendação de professores e de colegas	- Utilizo <i>sites</i> conhecidos, muitas vezes indicados pelos professores.
	- Geralmente o professor fornece os <i>sites</i> confiáveis.
	- Peço informações para pessoas com mais conhecimento de internet. Ano. Data. <i>Site</i> etc.
	- Só entro em portais conhecidos, que amigos e professores recomendam.
	- Se é utilizado por várias pessoas, ou se possui várias visualizações e comentários.
	- Recomendações; prática; conhecimento; informação.
	- Busco olhar os comentários, perguntar a colegas se já usaram informação do <i>site</i> desejado.
	- Caso outras pessoas que conheço tenham utilizado o <i>site</i> .
Referências, datas, autores, universidades instituições	- Nome do autor do texto, e a data. O nome da pessoa traz mais confiabilidade, pois significa que aquela pessoa se responsabiliza pela informação prestada. A data informada passa a ideia da informação estar atualizada.
	- Comentários e referências das informações, se é baseado em pesquisa científica.
	- Se há alguma referência, de livros, de artigos, citações bibliográficas, tcc.
	- Referências.
	- Olhando se o <i>site</i> é confiável ou não. Se é de Instituições, Universidades.
	- Observar se é <i>site</i> de referência. Observo dados de autor e instituição.
Outros <i>sites</i> Dados coerentes	- Verifico as referências se são confiáveis.
	- Pesquiso em outros <i>sites</i> .
	- Conferindo informações sobre o <i>site</i> .
	- Se o <i>site</i> é conhecido e confiável utilizo a informação de forma segura.
	- Geralmente procuro em <i>sites</i> confiáveis.
- Dados coerentes, fonte, https.	
- não sei fazer.	

Quadro 3 - Estratégias criadas pelos acadêmicos para identificação da confiabilidade do *site*.

O terceiro critério refere-se à busca por comparação. Para refinar a busca o acadêmico verifica se a informação que ele encontrou em determinado *site* ou *link* existe em outros, com mesmo teor, mesmos autores, mesmas instituições. O aluno busca em vários *sites* e se, nas várias leituras, os conteúdos forem semelhantes, isso lhe transmite a certeza da confiabilidade, certifica-se de que o que encontrou é verdadeiro. Para a pesquisadora Tomaél (2001), as comparações entre informações

é um critério utilizado na busca por fontes seguras, servindo para avaliar *sites*, bem como a própria informação.

Apesar de anteriormente, neste trabalho, apresentar dados que levaram à interpretação de que os estudantes em vários momentos realizam pesquisas com insegurança na internet, percebi nesta questão o grau de conhecimento que o sujeito está utilizando para verificar as fontes de informação. Muitas vezes o processo é natural e moroso, só aprendem com o estímulo adequado. Para os graduandos já em final de curso o estímulo vem das exigências do mercado de trabalho, que os faz aprender e buscar dados nos meios digitais mais confiáveis e de relevância científica.

Na questão **18. Como você sabe se uma informação é confiável ou verídica na internet?**, ao analisar as entrevistas dos graduandos e comparar com os estudos da Tomaél (2001), constatei a utilização dos critérios citados pela pesquisadora, o que revelou que eles buscam as informações utilizando-se desses critérios para avaliarem as informações, percorrendo um caminho adequado. Reforço novamente a questão da necessidade de orientar os estudantes para realizarem pesquisas científicas com mais segurança e credibilidade. Como já pontuado acima o fato da repetição de procedimentos eleva o grau de maturidade e os torna autônomos nas ações seguintes, adquirindo mais confiança e com certeza aproveitando mais o tempo e a energia nas pesquisas. Nas falas dos alunos a seguir, vemos como os procedimentos e os critérios utilizados pelos sujeitos estão corretos.

O exemplo do aluno JK, que realiza a busca pela organização e formatação do *site*, sinaliza que “a apresentação das informações em uma fonte deve, primeiramente, estar organizada para possibilitar o uso eficiente de seus recursos, e depois ser agradável aos olhos do usuário.” (TOMAÉL, p. 2001). Percebi claramente a preocupação do aluno com a disposição do *site*.

Aluno JK

A primeira coisa é o site, segunda é a formatação do site, se o site é bagunçado, cheio de anuncio eu já... não olho, esquece...

A maturidade do aluno EPZ também demonstra cuidado com a fonte e com o conteúdo da informação, finalizando sua fala com o que considera “os critérios básicos”, dando clara demonstração de que ele compreende o procedimento como necessário e o vem aplicando em suas pesquisas. Para os alunos JK e EPZ as buscas estão sendo orientadas por critérios válidos de avaliação.

Aluno EPZ

Tipo de publicação, primeiro se é uma publicação científica, onde foi feita a pesquisa, qual a metodologia utilizada na pesquisa, se traz um grupo responsável, grupo técnico responsável, se é um artigo tipo publicidade ou artigo científico, são os critérios básicos.

A internet veio para ficar, faz parte das necessidades também educacionais. O uso consciente e o olhar crítico são os primeiros passos para uma utilização racional, para escapar dos meios manipuláveis. Não se pode deixar de pensar que no espaço virtual transitam objetivos comerciais, ideológicos e culturais; assim, ter a visão ampliada no momento da busca pela informação inclui estar atento aos interesses por trás da informação de fácil acesso. O leitor consciente do que procura não vagueia pela rede, ele busca os dados por ter escolhido fazer a pesquisa, explorando os *links* a fim de atender ao objetivo do projeto inicial da pesquisa.

As informações mais confiáveis infelizmente não estão acessíveis aos primeiros cliques do *mouse*. Segundo a pesquisadora Tomaél (2001), o ideal seria da página inicial do site, até a fonte encontrada, três cliques. O que se percebe em muitos sites é que o conteúdo desejado está mais protegido e para se chegar até a informação desejada são necessários muitos cliques, e aí o sujeito se perde.

O problema para muitos estudantes e professores, ao efetuarem leituras e pesquisas na rede, é causado pelo excesso de informações listadas nos buscadores. Muitas não estão vinculadas a órgão regulador, que ateste sua veracidade; não passaram por processo de análise criteriosa; não fazem parte de repositórios de teses, dissertações e artigos das universidades. Estudos recentes como os dos grupos de pesquisa da professora Tomaél, com outros estudiosos da área, defendem que se deve “ainda verificar a qualidade das informações dos sites para os quais os *links* apontam” (EDWARDS, 1998; HENDERSON, 1999; STOKER

e COOKER, 1995, apud TOMAÉL, 2001), buscando soluções para a questão da confiabilidade das fontes de informação depositadas na internet.

Muitas vezes o despreparo já citado anteriormente é fator determinante para uma pesquisa insegura. Um exemplo bastante relevante, referente a essa questão, está nos dados encontrados, quando se procurou verificar o uso da página da Biblioteca do Câmpus Medianeira, pelos estudantes. A biblioteca tem o *status* de guardar e agregar conhecimento científico, como espaço confiável de pesquisa, tanto em materiais impressos, como em *links* virtuais disponibilizados aos usuários, onde eles encontram: repositórios digitais de monografias, dissertações, teses, artigos, revistas. Podem solicitar livros, ou outro material impresso em qualquer outra biblioteca do Sistema UTFPR, e esse material chegará entre três e quatro dias. A biblioteca do Câmpus é considerada adequada aos padrões estipulados pelas avaliações do MEC para atender às necessidades dos cursos técnicos, tecnologias, engenharias e pós-graduação em nível de especialização e mestrado.

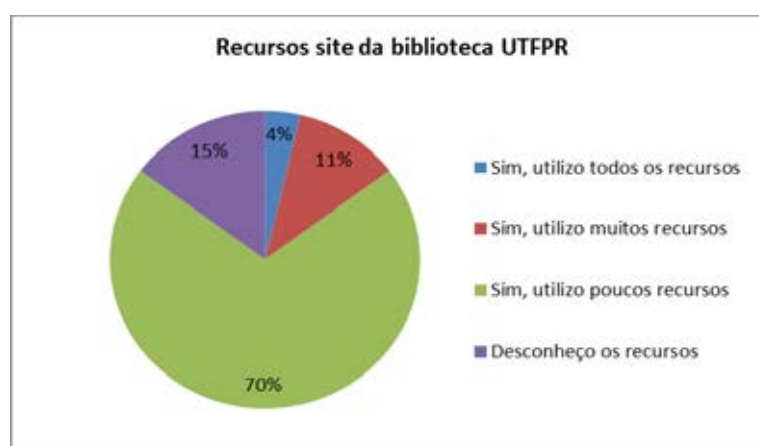


Gráfico 8 - Utilização do sistema da biblioteca da UTFPR pelos sujeitos pesquisados

Questionar os graduandos sobre a utilização dos recursos disponibilizados na página da biblioteca da UTFPR - Câmpus Medianeira teve fundamental importância para compreender porque os alunos não conseguem ter confiança nas pesquisas realizadas. A biblioteca tem caráter de confiabilidade e veracidade das informações que disponibiliza, com critérios rigorosos de registro, autores, *sites*, datas e requisitos necessários para ser local confiável. Todo material ali disponibilizado tem autoria, procedência, validade, e os *links* disponibilizados passam por um crivo criterioso de análise de profissionais e professores

capacitados. Muitos *links* disponibilizados na biblioteca são comprados, preservando os direitos autorais. Após esta pequena explicação da funcionalidade da biblioteca creio ficar claro que nesse espaço de conhecimento existe toda segurança necessária para efetuar um trabalho acadêmico confiável.

A pergunta parecia bastante simples e as respostas surpreenderam. No que se refere à utilização do sistema de biblioteca da UTFPR pelos sujeitos pesquisados, dos 27 sujeitos, 19 deles, ou seja, 70% utilizam pouco a página da biblioteca do câmpus, sendo que outros 15% desconhecem essa página e seus recursos para efetuar buscas. Somando os dois percentuais constatamos que 85% dos alunos quase nunca utilizam a biblioteca do Câmpus. Verifiquei anteriormente nas discussões a justificativa de muitos acadêmicos não sentirem confiabilidade nas pesquisas que realizam na internet, questão que poderia ser facilmente resolvida à medida que os estudantes buscassem material ou apoio na própria biblioteca do Câmpus. Os dados levantados no gráfico 8 preocupam, uma vez que na biblioteca tem-se a possibilidade de pesquisar tanto no material impresso como: livros, teses, dissertações e artigos, como à disposição encontram-se *sites* e *links* confiáveis para desenvolverem os trabalhos acadêmicos.

Uma observação que se faz necessária, a título de conhecimento do funcionamento da biblioteca, é o fato de que todo semestre, ao receber os novos acadêmicos, a equipe pedagógica do Câmpus em palestra repassa aos calouros as informações e instruções do funcionamento da biblioteca, levando-os a conhecer o ambiente, o espaço físico.

Ao comparar os gráficos 7, 8, os quadros 1 e 2, com o gráfico 9, chego a conclusão de que a falta de conhecimento dos estudantes sobre as opções de pesquisa disponibilizadas na biblioteca do Câmpus, ou em outro suporte ou fonte de circulação da informação, tem sido a grande causa da insegurança na hora de efetuar a pesquisa. Muitos estudantes não utilizam a biblioteca da universidade por falta de conhecimento do seu potencial, não foram orientados devidamente para utilizar a biblioteca como fonte de informação.

Conforme discorri acima, se o acadêmico iniciasse a pesquisa partindo da página da biblioteca, ou de seu próprio espaço físico, as dificuldades demonstradas por eles, em relação à busca pela informação, à avaliação de confiabilidade e à

identificação de autoria seriam resolvidas, ao navegarem pelos *links* dispostos na página da biblioteca.

No próximo item busco verificar se o acesso à internet auxilia ou melhora a prática da leitura, proporcionando o desenvolvimento do ato leitor. Respalhada em pesquisadores como Foucambert (2008), Bajard (2005, 2007) e Zilberman (2001), renomados estudiosos que têm se dedicado a estudar o ato leitor sob os vários aspectos e maneiras de olhar o novo leitor, abordo as influências do meio informacional sobre a formação do comportamento do leitor contemporâneo, lembrando que as leituras efetuadas atualmente exigem do leitor mudanças no processo cognitivo da aprendizagem.

4.5 O leitor acadêmico e a prática de leitura nos suportes digitais

Nos dias de hoje o estudante se encontra diante de um novo tipo de necessidade, não só para saber lidar com os meios de comunicação, mas também para lidar com a compreensão das informações que circulam no espaço digital. Conseguir ler e interagir nas mensagens dos textos e dos hipertextos requer novas formas de leitura, novas habilidades. Observamos, porém, que tanto as instituições educacionais como os professores que atuam no ensino ainda encontram dificuldades em tratar a questão de forma natural, fazendo com que o indivíduo consiga passar da leitura do impresso para a leitura nas telas dos dispositivos eletrônicos, a fim de apropriar-se do que lê, tornando-se autônomo em suas buscas por informações variadas.

Para Xavier (2012), há um descompasso entre a instituição de ensino e a realidade social, com um fluxo incessante de mudanças sócio tecnológicas, que precisariam ser acompanhadas nessas instituições, de forma a auxiliar os estudantes nessa passagem dos textos impressos aos textos eletrônicos, de forma que eles adquiram habilidades de leitura nos suportes eletrônicos, e sejam capazes de ler o mundo digital. Por essa razão são relevantes os estudos sobre o encaminhamento da conduta leitora no ensino formal em todos os níveis escolares. Preparar o sujeito para efetuar leituras nos novos formatos digitais, por exemplo, é

uma das formas mais eficientes de capacitar para o uso das novas exigências do mundo informatizado.

Consideremos, por fim, nesse conhecimento, a mídia, ou seja, a forma como os meios tradicionais de comunicação de massa e os meios digitais convergem, combinam e evoluem para um novo panorama midiático. Para o pesquisador Romaní (2012), algumas das competências e conhecimentos relacionados baseiam-se na compreensão das mídias, na maneira como se organizam os meios de comunicação e interação, como produzem significado (constroem realidades), e que implicações sociais provocam nos usuários.

Segundo Romaní (2012) o conhecimento das mídias é necessário para a compreensão e o uso da comunicação de massa de forma assertiva e não passiva, o que inclui uma visão informada e crítica, assim como uma análise crítica da natureza da mídia e de sua procedência. As competências relacionadas incluem ainda a capacidade de identificar, julgar e discriminar conteúdos e serviços de mídia não solicitados, ofensivos ou prejudiciais, assim como a de usar efetivamente a mídia para exercer os direitos democráticos e as responsabilidades cívicas. Como se percebe, este conceito inclui diferentes processos, conhecimentos, proficiências e aptidões.

O ato de ler é praticado cada vez que o acadêmico acessa a internet para pesquisar. Santaella (2004) classifica o comportamento deste leitor como imersivo, com perfil cognitivo inteiramente diferente do leitor contemplativo da linguagem impressa. “Trata-se, na verdade, de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode encontrar outra grande rede, numa outra dimensão”. (SANTAELLA, 2004, p. 33). Essa característica da rede, de tantos nós, faz com que o acadêmico se perca pela infovias, apresentando dificuldades de encontrar a informação que procura.

Ler é a atividade que os acadêmicos mais desenvolvem, é ato cultural, ao conectarem-se à rede, como pude confirmar ao analisar os dados dos questionários e das entrevistas. Para realizar qualquer atividade na internet é preciso ler, seja para checar *e-mails*, pesquisar, verificar notícias, participar de bate-papos ou debater em fóruns eletrônicos. Nesse contexto, verificar como ocorre o contato do estudante com a leitura em suportes eletrônicos, visualizando se a rede tem auxiliado ou

contribuído para melhorar o ato de ler, proporcionando o desenvolvimento do sujeito, é tema que entra em discussão neste item. No quadro 4, a seguir, a questão tinha o objetivo fazer o estudante pensar, refletir, saber sua opinião pessoal quanto ao uso da internet para buscar informações para efetuar leituras.

Qual sua opinião em relação ao uso da internet para buscar informações
- Usando-se de forma correta e pesquisando em locais seguros é de grande valia . Porém desconfiando sempre da veracidade das informações encontradas.
- A internet é a ferramenta mais interessante e útil na busca por informações atualizadas . O que nem sempre os livros o são.
- A internet faz parte da evolução tecnológica temos que estar conectados para continuar nos informando e nos atualizando.
- É muito boa , mas existe muito material que é cópia da cópia, e acaba se repetindo muito.
- Uma ótima ferramenta , desde que seja usada com cuidado, pois existem várias informações que não são verdadeiras.
- Ajuda , mas nem todas as informações são verdadeiras.
- Atualmente é essencial pela facilidade e velocidade de busca , de mudança, de evolução das tecnologias em todas as áreas!
- Considero um meio inteligente, prático, completo e rápido .
- É mais fácil do que estar se deslocando para ir até uma biblioteca, muito mais rápido a busca pelo tema desejado, apesar de não ser tão confiável quanto o livro.
- É a melhor ferramenta que temos no momento, inclusive a mais rápida e com respostas precisas .
- É fundamental , e de muita valia , as informações fluem mais rapidamente, é mais completo.
- Acho muito importante o uso da internet, pois se torna um meio mais fácil de consultar muitos conteúdos.
- É um meio prático e rápido você não precisa se deslocar para obter a informação que deseja, pois até mesmo livros podem ser baixados pela internet.
- Há muitas informações úteis e muitas informações errôneas ou incompletas, apenas a internet como fonte de informação para uma formação acadêmica não é o suficiente.
- Ótimo, pois nem sempre temos acesso a livros que contenham todo o conteúdo necessário, e também a internet utiliza uma linguagem mais fácil de ser compreendida.
- É interessante , só saber usar.
- É uma tecnologia avançada que atende às necessidades dos acadêmicos em relação a agilidade que a mesma oferece.
- É uma ótima opção para quem não tem tempo de ir a biblioteca pesquisar, é mais rápida .
- É muito importante , pois ela nos ajuda a encontrar rapidamente o que precisamos, mas também nem sempre tem informações confiáveis.
- Se usada corretamente é uma ferramenta ótima para aprimorar os conhecimentos .

Quadro 4 - O uso da internet para buscar informações diversas

As sentenças acima retratam a realidade do entendimento dos estudantes em relação ao uso da internet como fonte de busca por informação e é considerada pela maioria dos respondentes como ferramenta indispensável nos dias de hoje, uma vez que praticamente todos aprovam e utilizam a rede para efetuarem leituras. Como ferramenta de busca é tida como útil, inteligente, rápida, ótima maneira de pesquisar e muitos reconhecem sua importância para aprimorar os conhecimentos. A questão da confiabilidade nos conteúdos dos textos encontrados aparece nas respostas, revelando a preocupação com os conteúdos serem verídicos e apontando para a necessidade de utilizá-la com cuidado, desconfiando do que se lê. Outra preocupação sinalizada pelos graduandos é a de lidar com a quantidade de informações que encontram.

Sem dúvida a internet é um meio de comunicação muito atrativo entre os sujeitos, que a utilizam na grande maioria dos trabalhos, por várias razões: para muitos é a fonte de informação mais rápida, comparada com a biblioteca, possibilitando também encontrar assuntos mais atualizados e permitindo lidar melhor com a falta de tempo que a busca dos livros na biblioteca demandaria.

Na sequência, com a pergunta **9. Que tipo de informações você tem o hábito de ler?**, feita nas entrevistas, busquei entender o gosto, a preferência e o interesse dos estudantes para leituras de forma mais abrangente, para entender as características comportamentais dos sujeitos em final de formação acadêmica.

Na entrevista, o aluno JK explica que gosta de ler muitas coisas, tem preferência por notícias e informações que envolvem o meio ambiente, como catástrofes, novidades no desenvolvimento tecnológico e na área de formação, questões relacionadas à sua formação, a área de alimentos, assuntos que concentram pesquisas de novos produtos ou de investigações de processos industriais com bons resultados.

Aluno JK

Assim, tipo, de tempo, gosto muito de vê, se da alguma catástrofe em algum lugar, ou alguma novidade na área de tecnologia, ou até na minha área de alimentos novidade nossa que legal, estão estudando isso a tempo, e só conseguiram um resultado final só esse ano.

O aluno EPZ dá preferência para as leituras na área de formação em tecnologia em alimentos, mas no momento, por ter graduação em tecnologia ambiental, seus interesses se diluem entre as duas áreas. Pude perceber na sua fala o interesse por assuntos diversos como: ambiental, políticas sociais, e os ligados a assuntos relacionados ao seu trabalho na secretaria de meio ambiente, temas de que gosta e sobre os quais precisa estar informado.

Aluno EPZ

Bom, como eu estou empenhado com o curso de graduação que estou cursando, é..., eu leio assuntos relacionados ao curso, no caso de tecnologia de alimentos. Também sou formado em Tecnologia Ambiental, então eu tenho interesse nos conteúdos da área ambiental, e também nos conteúdos de área política, e sociais, e também, relativas ao meu trabalho.

A aluna MM, quando questionada, sorriu e fez uma expressão de quem não tem lido muito nos últimos tempos. Pelo que pude compreender ela refere-se às leituras de literatura, aquelas sem o comprometimento de resultados ou por necessidades específicas de trabalho, ou seja, uma leitura mais prazerosa, como ler um romance literário. Na realidade a estudante lê muito questões relacionadas ao trabalho, o tempo todo conectada ao computador, por exigência das atividades de trabalho, conseqüentemente ela lê assuntos do expediente profissional. Mas não considera as leituras que tem feito para a faculdade e para o trabalho como leituras, por serem de caráter obrigatório. Percebi na sua fala que ler por necessidade é cansativo. Quando diz: *Ai! Ai!* , justifica não estar lendo assuntos diversos, ou literatura, entendendo que podem estar relacionados à falta de tempo. Cada leitura tem sua função, estes casos as leituras tem caráter profissional. Quando questiono o tempo que dedica à leitura diariamente, a aluna comentou que provavelmente lê uma hora por dia, entendendo às leituras de jornal ou literárias.

Aluna MM

Ai! Ai! Assim, quando estou no meu trabalho eu leio só as partes no caso as relacionadas ao meu trabalho, em casa eu costumo ler artigos, o que me interessa para faculdade.

A aluna NTP diz gostar de pesquisar de tudo um pouco, é curiosa e lê o que lhe interessa, sem muito planejamento. Percebi nesta estudante a vontade grande

de ler, e assuntos variados, não se preocupando muito com o assunto em si, mas em satisfazer as suas curiosidades momentâneas, executando uma leitura mais de vaguear pela rede, em busca de curiosidades.

Aluna NTP

Na internet, leitura, eu gosto de pesquisar de tudo um pouco, sou muito curiosa, o que vejo às vezes eu pesquiso a fundo, às vezes não tanto. Eu sou muito curiosa, eu gosto de saber de tudo um pouco.

O aluno OF é um aluno empreendedor, gosta de ler assuntos relacionados às pequenas empresas que deram certo, sonha em ter sua própria empresa e seu maior interesse está direcionado para saber como elas funcionam; neste sentido, sua leitura tem um objetivo e é despertada por um desejo de um projeto futuro, que o encaminha a buscar por assuntos que lhe tragam ideias e maneiras de se tornar um empresário.

Aluno OF

Gosto muito de procurar, tipo coisas tipo assim, como eu vou explicar uma coisa que eu possa desenvolver que eu possa criar uma empresa, criar um negócio. Eu olho lá vejo que uma pessoa fez uma fábrica de doce e deu certo, eu vejo a metodologia, o que ela usou, pois eu tenho um sonho de um dia ter a minha própria empresa, independente do ramo.

As leituras para o aluno AGC não tem um assunto específico, ele busca por assuntos e informações que lhe interessam na hora da navegação, gosta de vaguear pela rede e se encontrar algum assunto que lhe chame a atenção na hora ele lê. O comportamento deste aluno é difícil de ser identificado, uma vez que as expressões dele na hora da entrevista são de desinteresse por assuntos direcionados por objetivos de busca. Lê mais sobre esportes, mas não sabe dizer quais seriam outras áreas de seu interesse.

Aluno AGC

Na verdade mais variado, não tem uma coisa específica, assim que eu vá atrás, o que eu achar interessante na hora assim, esporte é uma coisa que eu leio bastante.

Conforme os dados analisados acima, sobre o tipo de informações que os estudantes costumam buscar para ler, alguns comentam que gostam de ler de tudo um pouco, o que aparecer de interessante no momento da navegação, motivados pela curiosidade. Com a facilidade e a rapidez da internet buscam vários tipos de conteúdos, iniciando pela pesquisa de um determinado assunto, que os leva a outros e mais outros. De *hiperlink* em *hiperlink* esses leitores chegam aos hipertextos, que se complementam entre si, o que para Xavier (2010) pode também levar a alguns riscos como o de serem levados a percorrer outros *links* atrás de outras informações complementares, num caminho sem fim, e acabarem por se descuidar, perdendo o objetivo inicial da busca.

Tanto as respostas apresentadas no quadro 4 quanto as falas dos alunos nas entrevistas, acima, referem-se a questões sobre o ato de ler e como esse ato é entendido. Tanto na primeira pergunta ***Qual sua opinião em relação ao uso da internet para buscar informações?*** quanto na segunda questão, mais afunilada, ***Que tipo de informações você tem o hábito de ler?*** busquei compreender o comportamento e a conduta leitora dos estudantes, entendendo que tipo de leituras eles costumam ler na rede e perceber como eles a veem enquanto fonte de informação para o desenvolvimento pessoal, e profissional.

No grupo entrevistado surgiram as mais variadas visões de leitura, porém constatei uma diferenciação entre os tipos. Quando os entrevistados dizem ler assuntos variados, os conteúdos buscados se referem às leituras superficiais despertadas pelas curiosidades momentâneas, como notícias de jornais, reportagens. Quando, porém, relacionam as leituras dos conteúdos de trabalho ou da faculdade, consideram o caráter de obrigatoriedade, de maior responsabilidade e de comprometimento.

Expressões observadas na fisionomia, nos gestos dos sujeitos da pesquisa, no momento da pergunta direcionada aos alunos JK, EPZ e OF, revelam mudança no olhar, alteração no tom de voz quando nomeiam os tipos leituras que efetuam: as de entretenimento (jornais, reportagens) quando estão navegando pela rede e as de trabalho. Suas atitudes se alteram face aos tipos de leituras escolhidas: quando falam das práticas efetuadas por entretenimento a expressão é de descontração; no entanto, ao falarem das leituras de conteúdos de trabalho ou acadêmicos

apresentam um comportamento mais sério, assumindo um tom de maior responsabilidade, até a postura corporal se alterava.

Partindo das análises de como o graduando, com acesso aos suportes digitais, sob as influências das constantes mudanças tecnológicas, vem se adaptando ao novo formato de mundo e considerando o fato de que a informação chega por todos os meios, em números nunca imaginados, é fundamental a reflexão de como o sujeito, por sua vez, está encarando essas transformações, e de como se efetiva esse processo da prática de leitura nos suportes emergentes. Neste sentido, ao iniciar um projeto de leitura pela busca de informação nos meios tecnológicos, o sujeito deve ter em mente a necessidade de apropriar-se dos significados do que lê, fazendo-o de forma reflexiva, crítica, em áreas distintas do conhecimento.

Na análise do quadro 4, acima, constatou-se que os acadêmicos utilizam algumas práticas diferentes para ter acesso às informações que desejam. Primeiramente quero relembrar que o ato de ler necessariamente se inicia pelo projeto do que se quer ler, como reforça o pesquisador Foucambert (2008). Nesse contexto, para iniciar uma busca na internet o acadêmico necessita ter escolhido a informação que deseja procurar na rede, para depois digitar no buscador. Com a escolha definida, a pesquisa se inicia pela leitura, que o aluno executa logo após ter decidido navegar, partindo então para os *links* listados pelo buscador *Google*, o mais utilizado pelos sujeitos deste estudo. A partir desse momento inicia uma leitura superficial sobre os *links*, a *leitura de escaneio*, escolhendo ler os enunciados que mais se aproximam do conhecimento prévio que possuem do assunto.

Na questão **7. *Em que lugar você costuma efetuar suas leituras ?*** os respondentes expressaram-se com grande preferência em realizar a prática em casa, à noite, conforme as respostas abaixo. Os sujeitos leitores, tanto no questionário como na entrevista, em sua maioria, preferem efetuar leituras em casa, no quarto, ou em lugar tranquilo. Como as leituras acontecem normalmente à noite no quarto, ambiente pessoal, mais silencioso da casa, passa a ser convidativa a prática da leitura, uma vez que, como diz Chartier (1994) ela é individual e silenciosa.

Aluno JK

No meu quarto, mas assim... na área da minha casa, domingo a tarde, já fiz umas três a cinco vezes, pego vou numa praça, se estive muito quente levo uma água, um tererê e fico lendo.

Aluno MM

No meu quarto, na sala

Aluno OF

Então na hora do almoço, quando eu tô sozinho aí não tem bagunça, daí aí é mais sossegado, e a noite em casa, no quarto.

Aluno AGC

Na verdade no meu quarto mesmo.

A questão seguinte **6. Qual momento do dia você dedica à leitura?** é complemento da questão anterior, juntas tem o sentido desejado e para muitos estudantes a resposta foi semelhante. Resumidamente o local de preferência é o quarto e o momento de leitura é à noite, como já citado nas discussões anteriores. As afirmações dos alunos EPZ, NTP, OF e AGC revelam sua preferência por ler à noite.

Aluno EPZ

Normalmente durante a noite.

Aluna NTP

Mais a noite, eu gosto de ler

Aluno OF

Então eu tenho a parte da noite, e a parte logo após o almoço.

Aluno AGC

Bom...na verdade é mais a noite mesmo, quando não tem aula, mais a noite quando eu estou em casa mesmo. Apesar do trabalho, dou uma pesquisada, ou até mesmo na faculdade durante o intervalo.

A leitura é realizada no *notebook*, à noite, no silêncio do quarto e é esse o comportamento dos leitores, jovens, em sintonia com o fato de que o ato de ler requer espaço de privacidade, de sossego. Conforme o historiador Chartier (2009)

os hábitos de leitura vão sendo alterados ao longo da história da humanidade, vão sendo adaptados às novas necessidades do indivíduo. Criam-se novos espaços, e da leitura no rolo aos dias de hoje, as maneiras de ler foram sendo reinventadas a cada época, para atender a necessidade de cada público leitor.

Aluno JK

Olha!! Vou te falar bem a verdade, enquanto eu posso estar lendo estou lendo. Tipo tanto é que leio muitos livros, tanto é que hoje eu já li um. Eu gosto muito de ler. Não, sim eu gosto de ler. Na estante do meu quarto está cheio, eu tenho ainda listas e listas de livros que eu quero comprar.

Aluna MM

Nos Horários em que eu não estou atendendo, eu procuro ler o que é direcionado ao meu trabalho, quando eu tenho aula, direcionado a faculdade, ou outros assuntos de interesse.

A formação do sujeito leitor, no entanto, é complexa e se inicia muito antes dele embrenhar-se nos labirintos da rede. Todo esse processo enfrentado pelo leitor ao se deparar com as possibilidades que a internet oferece no momento de efetuar a pesquisa reflete-se diretamente na leitura, uma vez que é no ato de ler, com compreensão, que o sujeito se apropria das informações encontradas na web.

A formação do ser humano acontece em um meio permeado de variáveis que interferem diretamente nessa formação, conforme apontamos no capítulo 2. Nesse sentido destaca-se a necessidade de reconhecer o processo de aprendizagem e de ensino, assim como o processo de construção do comportamento leitor, a maneira pela qual o ato de ler se torna propriedade do indivíduo. A maneira de ler é característica de cada momento, de cada época, e é assimilada e modificada conforme as necessidades do sujeito leitor.

Ao final dos questionamentos queríamos entender como os acadêmicos do ensino superior se relacionam com a internet para buscar e ler informações, tanto gerais quanto de qualquer área de interesse, ou de qualquer assunto, para o seu desenvolvimento acadêmico, profissional e cultural. Compreender o potencial de suas capacidades para a realização de *downloads*, salvando, arquivando e organizando os conteúdos *off-line*, comunicando-se com pessoas pela rede através

de *e-mail* e mensagens instantâneas foi assunto instigante durante todas as discussões realizadas.

Grande parte dos dados analisados converge para a facilidade e a rapidez que a internet proporciona num processo de pesquisa por qualquer assunto, porém percebe-se a preocupação dos acadêmicos em relação à confiabilidade das informações que a rede disponibiliza, assim como ao fato de estarem utilizando apenas a rede como fonte de informação no desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos em detrimento da utilização de livros e material impresso como fonte de informação segura, também.

Ao percorrer nossos estudos nesses meses, temos nos deparado com inúmeras teorias, com diversos caminhos, e embora muito tenha sido estudado sobre o tema novas tecnologias e o ato de ler, ainda há muito para estudar. Percebemos que a prática da leitura e o leitor estão de fato se adaptando ao espaço digital, em um aprendizado que se desenvolve todos os dias, evidenciando que a temática TIC tem alterado os meios convencionais de informação e comunicação, como os conhecemos.

Nos comentários feitos pelos acadêmicos, ao longo das análises, muitos têm a preocupação com o uso correto da rede, com a necessidade de avaliar a procedência das fontes de informações, o que é pertinente e fundamental. Em que pesem esses cuidados, a internet é considerada como ferramenta indispensável nos dias atuais, características atribuídas à praticidade, rapidez, quantidade de informações, substituindo em vários momentos a biblioteca na hora da pesquisa, possibilitando conhecimento, enfim.

Os acadêmicos ao longo da aplicação dos instrumentos de coleta de dados demonstraram preocupação em confiar nas informações encontradas e com o excesso de conteúdo disponível na rede. Nesse sentido, o surgimento e o uso da *Web* semântica trarão novas possibilidades de pesquisa e novas formas de efetuar buscas, fazendo com que, com o tempo, as práticas se tornem mais naturais.

Observa-se que os respondentes têm noção dos perigos e das dificuldades que encontram ao pesquisarem na internet, mas não a dispensam, continuam a utilizar seus recursos e, aos poucos, vão amadurecer e conseguir intuitivamente

aplicar critérios apontados pelos pesquisadores como corretos para avaliar as fontes de informação. Muitos se utilizam de critérios, mas desconhecem a sua metodologia.

Outros reforçam os cuidados com a avaliação dos *sites* e das informações e continuam usando a rede. Todo esse emaranhado de situações pode ser entendido como reflexo de comportamentos de leitura crítica e responsável, mais madura, mais consciente sobre a utilidade desse meio informacional. As mudanças vêm causando nos usuários, de modo geral, uma reviravolta nos procedimentos e nas condutas, mas essa é uma realidade sem volta e não se consegue mais imaginar a possibilidade de um viver distanciado das tecnologias.

Nas palavras de Domingues (2002), apud Santaella (2007, p 79)

...a interatividade permite: acessar informações à distância em caminhos não lineares de hipertextos e ambientes hipermídia; enviar mensagens que ficam disponíveis sem valores hierárquicos; realizar ações colaborativas na rede; experimentar a telepresença; visualizar espaços distantes; agir em espaços remotos; coexistir em espaços reais e virtuais; circular em ambientes inteligentes através de sistemas de agentes; interagir em ambientes que simulam vida e se auto-organizam; pertencer a comunidades virtuais com interação e, por imersão, em ambientes virtuais de múltiplos usuários.

A interatividade abre inúmeras possibilidades que não são apenas de ordem técnica e funcional, uma vez que acaba tendo implicações também de ordem psicológica, intervindo sensivelmente no usuário da rede. (SANTAELLA, 2007, p. 80).

Não se vive na rede, mas se vive com a internet (CASTELLS, 2003), norteados pelas novas maneiras de se desenvolver atividades no mundo globalizado e em rede. Porém essas atividades têm sofrido alterações, por conta das conexões, da rapidez com que se consegue entrar em contato com qualquer pessoa do planeta, em tempo real, das facilidades do acesso à informação, e percebe-se, cada vez mais, que novos desafios vão sendo colocados a cada momento por este novo meio de comunicação e interação, com possibilidades cada vez maiores.

A reflexão que fica, como questionamento de muitos estudiosos e também ponto de reflexão desta pesquisa, está relacionada à qualidade da leitura efetuada pelos acadêmicos, questão que precisa ser amplamente discutida e avaliada. Nas entrevistas constatee que os estudantes foram unânimes em afirmar que leem mais com o acesso à internet. Mas a preocupação dos leitores sujeitos da pesquisa, bem

como de muitos estudiosos, refere-se à qualidade das fontes de informação, dos conteúdos importantes e necessários, e se estas leituras estão contribuindo para o desenvolvimento do sujeito em todos os aspectos levantados anteriormente neste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, a inquietação que me levou a desenvolver a investigação foi a percepção das dificuldades dos estudantes em utilizar a internet para buscar informações de interesse acadêmico, profissional e cultural. A linha central que norteou a pesquisa foi o interesse em compreender como os estudantes do ensino superior buscam e leem informações encontradas na rede para a produção de trabalhos acadêmicos.

A atenção inicial foi dedicada a identificar os sujeitos, buscando reconhecer as características do grupo investigado. A grande maioria dos estudantes tem idade entre 20 e 28 anos; são predominantemente mulheres, que desenvolvem suas pesquisas geralmente à noite, em suas casas. Costumam ler no silêncio do quarto, utilizando para isso o computador pessoal ou *notebook*. O acesso à internet se concentra mais à noite, depois das atividades laborais e acadêmicas, que é o tempo de que eles dispõem para efetuar estudos, trabalhos acadêmicos e leituras. Esporadicamente conseguem ler outros assuntos que não estejam relacionados ao trabalho ou ao meio acadêmico.

O uso das tecnologias para os sujeitos da pesquisa passa pelo domínio de algumas habilidades, tendo constatado que eles conseguem se relacionar com outras pessoas através de aplicativos ou ferramentas mais simples. Nesse sentido, todos os alunos conseguem utilizar o *e-mail* para trocar informações com professores, colegas e familiares, mas, mesmo assim, encontram dificuldades em manipular alguns aplicativos mais complexos como, por exemplo, o uso de fórum de discussões ou reuniões por videoconferências. De forma geral os acadêmicos conseguem interagir com outras pessoas em aplicativos *on-line* de uso simples como as mensagens instantâneas.

Entre as questões busquei verificar as capacidades dos acadêmicos em utilizar a internet para pesquisar. Constatei que eles têm habilidades em manusear recursos tecnológicos para salvar e buscar informações desejadas, porém em muitas ações eles revelaram ter limitações ou desconhecer os procedimentos, como por exemplo, de fazer *downloads* de aplicativos ou de efetuar buscas em sites científicos. Restringem-se muitas vezes aos *links* que o buscador *Google* lista, sem

muito empenho em buscar outras fontes, como repositórios de dissertações ou teses.

Os resultados das entrevistas e do questionário comprovaram que as ferramentas do *Office* são as únicas utilizadas pelos acadêmicos e pelos professores em sala de aula para ministrarem os conteúdos das disciplinas. As políticas de inserção de tecnologias nas instituições de ensino ainda é um “sonho mascarado”. Apesar de disporem de computadores e de acesso a internet para o auxílio no ensino e na aprendizagem, o que se constata é a falta de programas específicos para a formação dos alunos na área de alimentos, visto que, no setor industrial as tecnologias chegam antes, o que faz com que os formandos cheguem ao mercado de trabalho com deficiências no uso de programas específicos.

Ao longo das leituras e do envolvimento que tive com inúmeros estudos nessa área pude comprovar que em muitos níveis escolares as tecnologias presentes existem para editar textos, ou seja, escrever no computador, o que é bastante diferente de criar ou gerar conhecimentos a partir do uso intensivo, criativo das tecnologias, a ponto de manipular a mídia a favor do desenvolvimento pessoal e profissional.

A universidade, por sua vez, espera que o aluno saiba operar esses aplicativos, mesmo porque em níveis anteriores de ensino, as políticas públicas de educação preveem o uso e o domínio das tecnologias, porém os estudantes chegam ao 3º grau com o domínio exclusivo dos editores de texto. Comprova-se, com isso, que os estudantes têm conhecimentos básicos e capacidades simples para a utilização das tecnologias.

Ao desenvolverem leituras nos suportes digitais muitos dos acadêmicos apresentaram dificuldades em avaliar a confiabilidade e a veracidade das fontes de informações. Os dados analisados revelaram-se preocupantes, uma vez os acadêmicos afirmaram utilizar a internet como única fonte de informação para pesquisar e desenvolver trabalhos acadêmicos, contudo encontram problemas para identificar os sites e os conteúdos com segurança e confiabilidade. A busca ineficiente pode estar relacionada com a falta de experiência e a falta de tempo dos alunos em buscar as informações.

Por outro lado, apuramos nos dados analisados que muitos acadêmicos realizam pesquisas seguras, sabendo como buscar por informações confiáveis. Ao proceder a verificação de autoria, de data, de editora, de procedência da fonte da informação, entre outros procedimentos que executam, eles estão aplicando os critérios necessários para efetuar a avaliação de um site ou de uma informação com confiabilidade na internet. O que lhes falta é o conhecimento de que estão fazendo a verificação certa. Os estudantes vêm utilizando ações válidas para a avaliação dos sites e informações que encontram na internet, sendo que muitos ainda se valem da orientação dos professores para terem mais segurança na hora de pesquisar.

Ao final, queria saber como os estudantes se relacionam com os meios digitais para efetuarem leituras e se a prática da leitura nos meios digitais tem contribuído para melhorar o ato de ler. Muitos acadêmicos disseram que passaram a ler mais, com o acesso à internet, no entanto se preocupam com a quantidade de informação disponível na rede e, por consequência, sentem dificuldade em avaliar essas informações. Apesar de estarem lendo mais, eles admitem que as leituras estão sendo de qualidade inferior e apresentam preocupação com o uso exagerado da internet, advertindo que é preciso usá-la com cautela, uma vez que, ao se descuidarem acabam navegando pela rede sem um projeto definido de leitura, o que os leva a fazer leituras de assuntos mais superficiais e de cunho não científico.

Os estudos aqui iniciados estão longe de serem finalizados e espero que outros pesquisadores possam usufruir das inquietações pertinentes para prosseguir estudando a temática da leitura nos dias atuais, frente aos desafios que estão presentes e os que ainda virão. Portanto, tentar fazer qualquer afirmação é, no mínimo, audacioso, mas não fazer é ficar esperando que as coisas se resolvam por si só; arriscar um entendimento é o caminho a ser desbravado, mesmo que surjam novas rotas no percurso. Acredito que as discussões aqui apresentadas não cessaram, muito pelo contrário abriram novas possibilidades de pesquisa. Temos muito a estudar e a refletir sobre as possibilidades do meio digital para o crescimento pessoal, social, e cultural do ser humano, cabendo a outros percorrerem novos caminhos, lidarem com novas inquietações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT NBR. 14724. *Norma Brasileira. Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação*. ISBN. 978-85-07-02680-8. 2011. 3ª ed. 17.03.2011, válida 17.04.2011. disponível em: <http://pt.slideshare.net/LazinhaSantos/nbr-14724-2011-nova-norma-da-abnt-para-trabalhos-academicos-11337543>, acesso em 20/10/2014.

ABNT NBR. 6027. *Norma Brasileira. Informação e documentação – Sumário - Apresentação*. ISBN. 978-85-07-03955-6. 2012. 2ª ed. 11.12.2012, válida 11.01.2013. Disponível em: file:///C:/Users/Windows%207/Downloads/1407031329wpdm_NBR%206027.pdf, acesso em 20/10/2014.

ALMEIDA, V. A. F. Org. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil* [livro eletrônico]: TIC Educação 2012. *Survey on the use of information and communication technologies in Brazil: ICT Education 2012* [coordenação executiva e editorial, executive and editorial coordination, Alexandre F. Barbosa; Tradução translation DB Comunicação (org.)]. – São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013, disponível em: digital em www.cetic.br, acesso em 20/01/2014

ARENA, D.B. *Alunos, professores e bibliotecários: uma rede a ser construída*. LTP, Dez 2011, vol.29, nº.57, p.10-17. ISSN 2317-0972 http://educa.fcc.org.br/scielo.hp?script=sc_pdf&pid=S231709722011000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt, acesso em 20/06/2014.

_____. *A leitura no início da escolaridade: ouvir ou ver*. Universidade Estadual Paulista – UNESP - Tese (Doutorado em Educação), Marília, 1996.

_____. *Função e estrutura em atos de leitura*. Caxambu. 32ª Reunião Anual da Anped, out / 2009. <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT10-5111-Int.pdf>, Acesso em, 20/08/2013.

_____. *Situações de leitura em classe de 3ª. série*. Congresso de Leitura do Brasil, 17º. 2009, Campinas. Anais do 17º COLE. http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoesanteriores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE_203.pdf, acesso em 20/08/2013.

BAJARD, E. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. (prefácio de José Juvêncio Barbosa). Coleção questões de nossa época. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Da escuta de textos à leitura*. Coleção questões de nossa época. São Paulo: Cortez, 2007.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *M. Marxismo e filosofia da linguagem*. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. *M. Questões de Literatura e de Estética. A teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni et al. 5ª ed. São Paulo: Hucitec Annablue, 2002.

BRASIL, Congresso Nacional. *Lei Federal nº 9.394*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares nacionais: ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias*/Secretaria de Educação Média – Brasília: Ministério de Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnologia, 1999.

BURGOS, T. L. *O hipertexto eletrônico de meio ambiente: estratégias de leitura e navegação*. Dissertação de mestrado, UFRN, Centro de Ciências humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras, Natal, 2006.

CABERO, J. A. e CEJUDO, M.C. L. *Capacidade Tecnológica de las TICs por los Estudiantes*. Enseñanza, 2006, vol. 24, 159-175 (ISSN: 0212-5574), Sevilla, EU. [http://e-pacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:20171&dsID=capacidades tecnologicas.pdf](http://e-pacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:20171&dsID=capacidades_tecnologicas.pdf), acesso em 18/07/2013.

CABERO, J. A.; CEJUDO, M. D. C. L.; TORNERO, J. M. P. (Coord). Alfabetización mediática y culturas digitales. Ed. Universidad Sevilla, 2010, Artigo: *Desarrollo de un instrumento sobre Competencias tic en alumnos universitarios*, [http://www.abinetecomunicacionyeducacion.com/files/adjuntos/Desarrollo%20de%20un%20instrumento%20sobre%20Competencias%20TIC%20en%20alumnos%20Univ ersitarios.pdf](http://www.abinetecomunicacionyeducacion.com/files/adjuntos/Desarrollo%20de%20un%20instrumento%20sobre%20Competencias%20TIC%20en%20alumnos%20Universitarios.pdf), acesso em 24/05/2013.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges, revisão técnica Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. M. *A Sociedade em Rede* V1 8 ed. Tradução Roneide Venancio Majer. , São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS. M. CARDOSO. G. Orgs. *A Sociedade em Rede: Do conhecimento à Acção Política*. Conferência promovida pelo presidente da República, 4 a 5 de março/ 2005. Centro cultural de Belém.Imprensa Nacional Casa de Moeda disponível:[http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/Sociedade em Rede CC.p df](http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/Sociedade em Rede CC.pdf), acesso em 20/06/2013.

CERTEAU, M. *L'invention du quotidien*, 1 Arts de faire, 1980, nova edição revista e apresentada por Luce Giard, Paris: Gallimard, 1990, p. 250.

CHARTIER, R. *A aventura do Livro do Leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. 1ª reimpressão. São Paulo: UNESP, 2009.

_____. R. *A ordem dos Livros: leitores, autores e biblioteca na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary del Priore, Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

_____. R. *Os desafios da escrita*. Tradução Fulvia M. L. Moretto, 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UNESP.2002.

_____. R. *Práticas de leitura*. Sob a direção de Roger Chartier. Tradução Cristiane Nascimento, 5ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

FOUCAMBERT, J. *Modos de ser leitor*. Tradução de Lúcia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Ed, UFPR. 2008

GHAZIRI, S. M. *Da leitura no impresso à leitura na tela: novas veredas para a formação do leitor na escola*. Marília, 2008. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/#!/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/educacao/dissertacoes/>, acessado em: 05/06/2013

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. 12ª. Reimpressão. São Paulo: Atlas, 2009.

GIROTTI, G. G. S, Reflexões sobre a formação do leitor mirim: leitura, literatura infantil e bibliotecal escolar. *Ensino Em Re-Vista*, v. 20, p. 341-356, jul./dez. 2013

HARTMANN, S.H. G.; SANTAROSA, S.D. *Práticas de leitura para o letramento no ensino superior*. 1ª ed. Curitiba- PR: Ibpex, 2010.

KELLNER, D.; SHARE, J. *Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação*. Trad. BARROSO, M. Revisão Técnica de ZUIN. A. Campinas, vol. 29 n. 104 – Especial, p. 687-715, out. 2008 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0429104.pdf>, acesso em: 08/10/2012.

KLEIMAN. A. B, *Abordagens de Leitura*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 13-22, 1º sem. 2004. http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta14/Conteudo/N14_Parte01_art01.pdf, acesso em 08/06/2013

LÉVY, P. *A revolução contemporânea em matéria de comunicação*. Trad. SILVA, J. M. Revista FAMECOS. Porto Alegre no. 9 Dez. 1998, semestral. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3009>, acesso em: 08/11/2012.

_____. P. *As tecnologias da inteligência o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2ª Ed. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: 34, 2011b.

_____. P. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa, São Paulo: 34 Ltda, 1999. p. 264

_____. P. *O que é virtual?!* Pierre Lévy; tradução de Paulo Nunes. 2ª Ed. 9ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2011a.

LIMA, J. C.; CARVALHO, C. L. *Uma visão da web semântica*. Technical Report - RT-INF_001-04 - Relatório Técnico, Mar. 2004. http://www.inf.ufg.br/sites/default/files/uploads/relatorios-tecnicos/RT-INF_001-04.pdf, , em 05/11/2014

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. 2ª ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. A. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. *Hipertexto: novas formas de construção de sentido*. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MCALLEESE, R. Navigation and browsing in hypertext. In MCALLEESE, R. *Hypertext: Theory into Practice*, Oxford: Intellect, 1993.

NEVES, M. A. C. M. e DUARTE, R. *O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 769-789, out. 2008. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>, acesso em 27/05/2013

NIELSEN, J. *How users read on the web*. 1997. Disponível em <http://www.useit.com/alertbox/9710a.html>. acesso em 10 de julho. 2007

PAIVA, V. L. M. O. E-mail: um novo Gênero Textual. In: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. (orgs). *Hipertexto: novas formas de construção de sentido*. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PRENSKY. *Digital Natives, Digital Immigrants*. By Marc Prensky. From On the Horizon (MCB University Press, Vol. 9 N° 5, Outubro 2001) <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>

PROENÇA FILHO, D. *A linguagem literária*. Série Princípios. 6ª ed. São Paulo: Atica, 1997.

PROJETO DE ABERTURA DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM ALIMENTOS, Medianeira out. 2006, Reitor, EDEN JANUÁRIO NETTO, <http://www.utfpr.edu.br/medianeira/cursos/tecnologias/Ofertados-neste-Campus/alimentos/legislacao-e-documentos>, acesso em 25/03/2013

ROMANÍ, C. C. *Explorando Tendências para a Educação no Século XXI*. Tradução Tina Amado. Caderno de Pesquisa, V 42. N° 147, p.848-867 – set/dez, 2012. <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n147/11.pdf>, acesso em 29/05/2013.

SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. L. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SOARES, S. P. M. *Comunicação, linguagem e tecnologias no cotidiano escolar*. 2006. <http://132.248.9.34/hevila/PerCursosFlorianopolis/2006/vol7/no1/4.pdf>, acesso

TERUYA, T. K. Sobre mídia, educação e estudos culturais. In MACIEL, Lizete Shizue Bonura; MORI, Nonato Ribeiro (Org.) *Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares*. Maringá: Eduem, 2009. P. 151-165. Disponível em: <http://www.nt5.net.br/publicacoes/Culturais.pdf>, acesso em: 25/10/2012

_____. T.K. *Trabalho e educação na era midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação*. Maringá-PR: Eduem, 2006.

TOMAÉL, M. I.; CATARINO, M. E.; VALENTIM, M. L. P.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; SILVA, T. E. da; ALCARÁ, A. R.; SELMINI, D.; MONTANARI, F. R.; YAMAMOTO, S.; ALMEIDA, C. C.; CURTY, R. G.; GODOY, P. A. de. Avaliação de fontes de informação na Internet: critérios de qualidade. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.11, n.2, p.1-14, 2001. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/293/216>>.Qualis Capes: A1

VIEIRA, I. L. *A busca de informação na web: dos problemas do leitor às práticas de ensino*. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 489-517, set./dez. 2009

VYGOTSKI, L. S. *Estudio de los conceptos científicos en la edad infantil*. In: VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. 2.ed. Madrid: Visor, 2001, v.2, p. 181-285.

XAVIER, A. C. S. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modelo de enunciação digital*. Instituto as línguas, Campinas, SP. Tese UNICAMP, 2002 <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=vtls000287629>.

XAVIER, A. C. S. *Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet*. Lucerna, 2005. <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Reflex%F5es%20em%20torno%20da%20escrita%20nos%20novos%20g%EAneros%20digitais.pdf>, acesso em 25/05/2013.

ZILBERMAN, R. *Fim do livro, fim dos leitores*. São Paulo: Senac, 2001.

APÊNDICES
APÊNDICE (A)

Questionário construído no aplicativo *Google Docs*, anexo

APÊNDICE (B)

Entrevista semiestruturada alunos - Explorar como as práticas de leitura ocorrem com alunos dos Cursos Superiores de Tecnologia, nos ambientes digitais.

A entrevista semiestruturada tem o caráter exploratório de investigar como a prática da leitura está ocorrendo entre o aluno e a internet. Nesta pesquisa, pretendemos compreender como os estudantes do ensino superior buscam e leem informações encontradas nos suportes digitais, especificamente as localizadas na internet, para a produção de trabalhos acadêmicos. O questionário será respondido em entrevista entre o pesquisador e os alunos selecionados para a pesquisa. As informações procedentes das entrevistas serão utilizadas como parte integrante da coleta de dados da pesquisa. Os resultados da entrevista só serão úteis se as questões forem respondidas com honestidade.

1. Nome?
2. Idade?
3. Trabalha?
4. Em que lugar você mais acessa a internet?
5. Para efetuar leituras em suportes digitais qual suporte você prefere? Por quê?
6. Qual momento do dia você dedica à leitura?
7. Em que lugar você costuma efetuar suas leituras?
8. Quanto tempo você dedica à leitura diariamente?
9. Que tipo de informações você tem o hábito de ler?
10. Você passou a ler mais com o acesso à internet?
11. Quais sites você acessa para fazer leituras?
12. Quais sites de busca você costuma utilizar para pesquisas acadêmicas?
13. Como você inicia a pesquisa na internet?

14. Quando você encontra a informação desejada na internet o que você faz?
15. Você costuma usar algum tipo de critério para salvar as informações?
16. Em pesquisas científicas como você identifica a relevância e importância da informação?
17. Como você identifica a importância do autor no meio científico?
18. Como você sabe se uma informação é confiável ou verídica na internet?
19. Para desenvolver trabalhos acadêmicos você prefere pesquisar em livros ou na internet os assuntos? Por quê?
20. Como você vê o uso da internet para o desenvolvimento acadêmico, social e profissional?

APÊNDICE (C)

Respostas dos sujeitos da pesquisa na entrevista semiestruturada, realizada com seis integrantes do Curso Superior de Tecnologia em Alimentos. Algumas questões utilizadas no texto dissertativo.

1. Nome?

JK

2. Idade?

21 anos

3. Trabalha?

Loja da vivo

4. Em que lugar você mais acessa a internet?

Acessa no trabalho

5. Para efetuar leituras em suportes digitais, qual suporte você prefere? Por quê?

Assim. Notebook, porque é mais prático. O tablet eu não gosto muito porque às vezes tem que ficar aumentando diminuindo. No celular também tem que ficar aumentando e diminuindo.

6. Qual momento do dia você dedica à leitura?

Olha!! Vou te falar bem a verdade, enquanto eu posso estar lendo estou lendo. Tipo tanto é que leio muitos livros, tanto é que hoje eu já li um. Eu gosto muito de ler. Não, sim eu gosto de ler. Na estante do meu quarto está cheio, eu tenho ainda listas e listas de livros que eu quero comprar.

7. Em que lugar você costuma efetuar suas leituras?

No meu quarto, mas assim... na área da minha casa, domingo a tarde, já fiz umas três a cinco vezes, pego vou numa praça, pó, se estive muito quente levou uma água um tererê.

8. Quanto tempo você dedica à leitura diariamente?

Olha!!, eu leio muito, rsrs... se eu não estou lendo um livro estou lendo algum site, minha mae fala isso também.

9. Que tipo de informações você tem o hábito de ler?

Assim, tipo, de tempo, gosto muito de vê, se da alguma catástrofe em algum lugar, ou alguma novidade na área de tecnologia, ou até na minha área de alimentos novidade nossa que legal, estão estudando isso a tempo, e só conseguiram um resultado final só esse ano.

10. Você passou a ler mais com o acesso à internet?

Eu já lia muito, continuo lendo, acho que mais agora.

11. Quais sites você acessa para fazer leituras?

Na verdade eu busco no google, sabe, eu dou uma lidinha rapidinho, isso vai ser legal, ai eu coloco nas abas. E vou lendo.

12. Quais sites de busca você costuma utilizar para pesquisas acadêmicas?

Eu acabo digitando no Google Acadêmico, ou o que a UTFPR passa (indica) pelo site, eu sempre esqueço o nome, mas tenho salvo no “meus favoritos”, mas eu sempre esqueço o que a UTFPR tem na página.

13. Como você inicia a pesquisa na internet?

Pelo buscador, coloco o assunto, ou algumas palavras chaves, tipo assim, por exemplo, se for nomenclatura, “nomenclatura de tal coisa” acabo selecionando, fazendo um critério.

14. Quando você encontra a informação desejada na internet o que você faz?

Eu abro, tipo, muitas abas, as vezes preciso abrir até duas vezes os Google chrome. Ai tipo eu vou lendo, ai isso não vai ter nada, então eu já fecho então dai, ou vou deixando lá, pego um documento do word ou um bloco de notas e salvo o link, se começa abrir demais, né, assim, esse aqui tem tal coisa, boto o link, se tem arquivo em pdf eu sempre salvo em pastas.

15. Você costuma usar algum tipo de critério para salvar as informações?

Eu vou lendo as informações, se não diz vai ter nada do que procuro então eu já fecho. Se me interessa, dai, ou vou deixando lá, pego um documento do word ou

um bloco de notas e salvo o link, se começa abrir demais, né, assim, esse aqui tem tal coisa, boto o link, se tem arquivo em pdf eu sempre salvo em pastas.

16. Em pesquisas científicas como você identifica a relevância e importância da informação?

Olha!!...eu olho o site, se eu vejo se o site é de confiança, é um site que você pode pesquisar alguma coisa acadêmica, alguma coisa que vai suprir a necessidade acadêmica, científica, então ai eu pego, senão, tipo algum site tipo Wikipédia sabe a gente sempre acaba lendo para ter uma noção, mas nunca pego nada do Wikipédia.

17. Como você identifica a importância do autor no meio científico?

É uma necessidade básica, porque, eu vou pelo assunto, encontro o autor, ai vejo, se tal autor tem mais alguma coisa relacionada em cima disso, ou parecida, ai eu busco pelo nome (autor), ou palavras chaves, também, né.

18. Como você sabe se uma informação é confiável ou verídica na internet?

A primeira coisa é o site, segunda é a formatação do site, se o site é bagunçado, cheio de anuncio eu já...não olho, esquece...

19. Para desenvolver trabalhos acadêmicos você prefere pesquisar em livros ou na internet os assuntos? Por quê?

Olha, se é algum, assim, eu procuro primeiro na internet, ai se eu vejo que não achei muita coisa, ai eu venho na biblioteca, pego um livro né, mais assim, tipo, muito, eu sempre pego livro na verdade, mas as vezes eu busco na internet, a internet é assim mais rápida na verdade, no livro você tem que ficar folhando lendo o sumário, na internet se você buscar pela palavras chave, como uma biblioteca que é só clicar.

20. Como você vê o uso da internet para o desenvolvimento acadêmico, social e profissional?

Indispensável, porque o que você quiser, se você quiser baixar um livro, você faz um cadastro, paga por mês ou por ano, e, você vai conseguir baixar quantos livros você quiser. O computador antigamente sem a internet era ótimo, hoje o computador sem internet vai fazer o que?

1. Nome?

E P Z

2. Idade?

52 anos

3. Trabalha?

Trabalho, secretaria da agricultura, do município de São Miguel do Iguaçu,

4. Em que lugar você mais acessa à internet?

O meu trabalho exige, é...acesso a internet, então eu posso, éhh eu divido um tanto no meu trabalho, outro nas folgas a noite, antes do trabalho ou no período do almoço.

5. Para efetuar leituras em suportes digitais em qual suporte você prefere? Por quê?

Computador de mesa

6. Qual momento do dia você dedica à leitura?

Normalmente durante a noite.

7. Em que lugar você costuma efetuar suas leituras?

Numa sala, numa sala de informática, na biblioteca,

8. Quanto tempo você dedica à leitura diariamente?

de três a quadro horas.

9. Que tipo de informações você tem o hábito de ler?

Bom, quando eu estou empenhado com o curso de graduação que estou cursando, é..., eu leio assuntos relacionados ao curso, no caso de tecnologia de alimentos, também sou formado em Tecnologia Ambiental, então eu tenho interesse nos conteúdos da área ambiental, e também nos conteúdos de área política, e sociais, e também, relativas ao meu trabalho.

10. Você passou a ler mais com o acesso à internet?

Acredito que a mesma quantia, não mudou, hábito de leitura é, pra quem costa vai ler, pra quem não gosta jamais vai ler.

11. *Quais sites você acessa para fazer leituras?*

Depende do tipo de leitura, se for uma leitura científica, eu busco... o o scielo é um site?? Scielo ou os sites mais comuns, tipo assim, o Google acadêmico, ou as redes sociais, de repente, os sites de informação como G1, o MSN, esses de notícias, aonde eu encontrar leitura eu to buscando.

12. *Quais sites de busca você costuma utilizar para pesquisas acadêmicas?*

Google, MSN, G1 Scielo

13. *Como você inicia a pesquisa na internet?*

O primeiro passo à saber: é tentar saber que tipo de site que a leitura que eu procuro está situada. Segundo passo dependendo do tipo de leitura, se é ou não um site confiável, tipo, uma leitura de um conhecimento superficial, apenas para satisfação momentânea até o Wikipédia me satisfaz, porque vai acabar respondendo aquilo que a gente já tem uma noção, se for um conteúdo interessante um conteúdo científico que eu vou buscar, busco em um site confiável.

O que você chama de sites confiáveis?

eu chamo de sites confiáveis aqueles que não me traíram ainda, aqueles que são referenciados, aqueles que tem referência, enfim que...inspiram confiança.

Geralmente quando o conteúdo tem o autor o livro, a, a, a, editora, quando você tem isso bem definido, normalmente, o site passa a ser confiável.

14. *Quando você encontra a informação desejada na internet o que você faz?*

15. *Você costuma usar algum tipo de critério para salvar as informações?*

Pra salvar? ...com certeza, primeiro critério é buscar a informação com confiabilidade, aquilo que eu acabei de citar, o segundo critério eu procuro, sempre que eu busco uma informação é fazer o fichamento do conteúdo, esse fichamento vai o autor, editora, a faculdade ou universidade que é responsável, enfim algumas informações que vão creditando essa minha pesquisa, o principal critério que eu tenho é esse

16. *Em pesquisas científicas como você identifica a relevância e importância da informação?*

onde foi feita a pesquisa, se traz um grupo responsável, grupo técnico responsável, se é um artigo tipo publicidade ou artigo científico, são os critérios básicos.

17. *Como você identifica a importância do autor no meio científico?*

Tipo de publicação, primeiro se é uma publicação científica, onde foi feita a pesquisa, qual a metodologia utilizada na pesquisa, se traz um grupo responsável, grupo técnico responsável, se é um artigo tipo publicidade ou artigo científico, são os critérios básicos.

18. *Como você sabe se uma informação é confiável ou verídica na internet?*

Os mesmos critérios anteriores

19. *Para desenvolver trabalhos acadêmicos você prefere pesquisar em livros ou na internet os assuntos? Por quê?*

Indiferente, aonde estiver uma informação confiável eu estarei buscando

20. *Como você vê o uso da internet para o desenvolvimento acadêmico, social e profissional?*

Sensacional.

1. Nome?

MM

2. Idade?

25

3. Trabalha?

Sindicato Rural de Medianeira

4. Em que lugar você mais acessa a internet?

No trabalho mesmo

5. Para efetuar leituras em suportes digitais qual suporte você prefere? Por quê?

Eu costumo acessar no computador do sindicato de mesa, e a noite eu leio outros assuntos no notebook,

6. Qual momento do dia você dedica à leitura?

Nos Horários em que eu não estou atendendo, eu procuro ler o que é direcionado ao meu trabalho, quando eu tenho aula, direcionado a faculdade, ou outros assuntos de interesse.

7. Em que lugar você costuma efetuar suas leituras?

No meu quarto, ou na sala

8. Quanto tempo você dedica à leitura diariamente?

Em horas, nossa senhora, não tenho assim, noção. Mais ou menos, trabalho sete horas e meia por dia, umas três horas, não é tanto, menos, menos, uma hora. É que a gente não para todo dia pra ficar lendo, todo esse tempo, não é tanto, no trabalho tem épocas fica mais tempo sem atendimento ao público, aí a gente lê uma coisa ou outra. E o tempo voa.

9. Que tipo de informações você tem o hábito de ler?

Ai! Ai! Assim, quando estou no meu trabalho eu leio só as partes no caso as relacionadas ao meu trabalho, em casa eu costumo ler artigos, o que me interessa para faculdade

10. Você passou a ler mais com o acesso à internet?

Sim, com certeza.

11. Quais sites você acessa para fazer leituras?

Os sites de artigos, que a gente baixa os artigos na faculdade, e no trabalho eu costumo acessar os sites da federação da agricultura, lá tem todas as informações e atualizações de do que vai mudando, do que a gente precisa fazer.

12. Quais sites de busca você costuma utilizar para pesquisas acadêmicas?

Eu vou sempre no Google acadêmico

13. Como você inicia a pesquisa na internet?

Pelo Google

14. Quando você encontra a informação desejada na internet o que você faz?

Eu, se é alguma coisa que vai me interessar depois, eu salvo o arquivo se é em pdf, ou eu coloco lá em favoritos, se é uma página que não dá pra salvar o arquivo, depois eu excluo.

15. Você costuma usar algum tipo de critério para salvar as informações?

Eu crio pastas, no meu trabalho quando estou lendo alguma coisa que não é relacionada ao trabalho, eu crio pastas minhas: faculdade, pessoal;

16. Em pesquisas científicas como você identifica a relevância e importância da informação?

Se é??? Pelo conteúdo daí, daí abre todas as faculdades,

(entrevistador) Precisei completar o entendimento da questão: Se você consegue identificar a importância, a relevância, pelo nome do autor, você prefere buscar em sites acadêmicos. Se precisa realizar um trabalho científico.

Ou por indicação dos professores, geralmente tem os autores.

17. Como você identifica a importância do autor no meio científico? Quando você encontra aquele conteúdo, como saber dentre dez qual deles tem relevância científica?

Ai! Ai! Como vo te responde, rsrs, ou assim, sites que eu vejo que muita gente pesquisa, que tem comentários, pouca vezes na verdade. Ou por indicação dos professores, geralmente tem os autores...

18. Como você sabe se uma informação é confiável ou verídica na internet?

É Difícil de saber, porém às vezes você precisa, fazer uma seleção, selecionar alguns textos, alguns conteúdos. Eu procuro selecionar os que os professores indicam. tem alguns sites que não tem como confiar, qualquer um pode modificar o conteúdo, então eu procuro acessar os sites indicados.

19. Para desenvolver trabalhos acadêmicos você prefere pesquisar em livros ou na internet os assuntos? Por quê?

Eu pesquiso primeiro na internet, se não acho muito assunto, daí eu pesquiso se tem livros nas bibliotecas, vejo se tem bastante tempo para desenvolver este trabalho eu pego de outros Câmpus. Eu faço isso bastante.

20. Como você vê o uso da internet para o desenvolvimento acadêmico, social e profissional?

Olha!! a internet é importante, porque é comunicação tem todo mundo conectado, pra desenvolvimento de trabalho, assim, tem muita cópia, apesar de ter muitos meios de verificar se é cópia.

Pessoal - Cada um tem o seu jeito, tem gente que se expõe toda a vida na internet, a exposição atrapalha, tem aquela parte que fala da opinião pessoal sobre determinado assunto eu acho que interessante aquela discussão, tem os prós e os contra.

Profissional tem trabalho em relação a internet – há muito principalmente a custos com ligações, com correspondências, muito mais rápido, muito mais fácil e econômica.

1. Nome?

N T P

2. Idade?

39

3. Trabalha?

sim,

Qual área, de primeira a quarta série?

eu trabalho na educação, pedagoga meio período pelo estado e professora meio período pela prefeitura, Semea

4. Em que lugar você mais acessa a internet?

Em casa, mais em casa eu uso ela.

5. Para efetuar leituras em suportes digitais qual suporte você prefere? Por quê?

Uso notebook

6. Qual momento do dia você dedica à leitura?

Mais a noite, eu gosto de ler

7. Em que lugar você costuma efetuar suas leituras?

Em casa, no meu quarto.

8. Quanto tempo você dedica à leitura diariamente?

No máximo uma ou duas horas, eu não tenho muito tempo

9. Que tipo de informações você tem o hábito de ler?

Na internet, leitura, eu gosto de pesquisar de tudo um pouco, eu sou muito curiosa, o que eu vejo eu às vezes eu pesquiso a fundo, as vezes não tanto, eu sou muito curiosa, eu gosto de saber de tudo um pouco.

10. Você passou a ler mais com o acesso à internet?

Sim, bem mais. Agora né, quando eu era mais menina eu adorava ler romance, aí, a gente cresce, trabalha, estuda tudo muda, mas agora eu leio bem mais.

11. Quais sites você acessa para fazer leituras?

O Google, eu procuro por assuntos, as vezes eu entro pelo scielo, mas é mais pelo Google.

12. Quais sites de busca você costuma utilizar para pesquisas acadêmicas?

Google e Scielo

13. Como você inicia a pesquisa na internet?

Inicio pelo Google, o que eu acho interessante. Como eu já disse, sou muito curiosa, aí eu vou no Google se acho alguma coisa interessante eu pesquiso a fundo, as vezes vou até em outros sites para saber um pouco mais

14. Quando você encontra a informação desejada na internet o que você faz?

Geralmente eu guardo, eu salvo, salvo em pastas

15. Você costuma usar algum tipo de critério para salvar as informações?

Eu sempre salvo em pastas separadas, cada conteúdo eu coloco um nome, por assunto, coloco um nome em tal assunto, pra mim depois eu poder achar mais fácil.

16. Em pesquisas científicas como você identifica a relevância e importância da informação?

Eu acho muito importante, é uma coisa assim, tem que estar sempre por dentro, e não sei te explicar direito...

(entrevistador) Interferi explicando: como assim!!?? você procura um assunto, por exemplo para você saber de ele é verídico, se ele é relevante, se ele é verdadeiro, você usa algum tipo de critério?

Não, às vezes eu leio artigos também, de repente eu vejo o assunto lá, aí eu vejo se tem artigos também, nem sempre, mas às vezes eu vou em outros sites. Quando me interessa bastante o assunto eu vou pesquisar mais.

17. Como você identifica a importância do autor no meio científico? Você encontrou um assunto com determinado autor, a relevância dele em relação ao que você vem estudando, como você consegue definir isso nas pesquisas acadêmicas?

Tipo de publicação, primeiro se é uma publicação científica, onde foi feita a pesquisa, qual a metodologia utilizada na pesquisa, se traz um grupo responsável, grupo técnico responsável, se é um artigo tipo publicidade ou artigo científico, são os critérios básicos.

18. Como você sabe se uma informação é confiável ou verídica na internet? Como você tem certeza, se não é um fato sensacionalista?

Difícil de saber, porém às vezes você precisa, fazer uma seleção, selecionar alguns textos, alguns conteúdos. Eu procuro selecionar os que os professores indicam. tem alguns sites que não tem como confiar, qualquer um pode modificar o conteúdo, então eu procuro acessar os sites indicado

19. Para desenvolver trabalhos acadêmicos você prefere pesquisar em livros ou na internet os assuntos? Por quê?

Sinceridade na internet, não pela facilidade, talvez seja facilidade, eu encontro com mais facilidade na internet, eu entendo melhor na internet, do que eu pegar um livro, a linguagem é mais fácil na internet.

20. Como você vê o uso da internet para o desenvolvimento acadêmico, social e profissional?

Eu acho muito importante, super importante, mas também a pessoa tem que saber usa, como eu disse a recém pra você, eu acho com mais facilidade na internet, mas de repente tem pessoas ou acadêmicos, que acham melhor no livro, mais fácil, mas

também no livro tem que folhar e Le i Le, o mais rápido é na internet, aí acaba prejudicando, né, eu acho assim, tem os seus prós e os contra, mas no meu ver, particularmente eu acho muito interessante.

Até eu acho muito interessante, não sei se faz parte, até alunos iniciantes, eu tenho o meu filho de 10 anos, ele tem uma facilidade pra pesquisar na internet, ele lê bem mais na internet, então assim, tem os prós e contras, mas eu acho, que temos que ensinar a ele ler em livros também.

1. Nome?

OF

2. Idade?

21 anos

3. Trabalha?

Sim, Laticínios Costa, 5 anos

4. Em que lugar você mais acessa a internet?

Acesso bastante no serviço, e, em casa a noite, quando não to na faculdade, geralmente to pesquisando alguma coisa

5. Para efetuar leituras em suportes digitais, qual suporte você prefere? Por quê?

Notebook

6. Qual momento do dia você dedica à leitura?

Então eu tenho a parte da noite, e a parte logo após o almoço

7. Em que lugar você costuma efetuar suas leituras?

Então na hora do almoço, quando eu estou sozinho aí não tem bagunça, daí aí é mais sossegado, e a noite em casa, no quarto.

8. Quanto tempo você dedica à leitura diariamente?

Umas duas horas por dia

9. Que tipo de informações você tem o hábito de ler?

Gosto muito de procurar, tipo coisas tipo assim, como eu vou explicar uma coisa que eu possa desenvolver, que eu possa criar uma empresa, criar um negócio. Eu olho lá vejo que uma pessoa fez uma fábrica de doce e deu certo, eu vejo a metodologia, o que ela usou, pois eu tenho um sonho de um dia ter a minha própria empresa, independente do ramo.

10. Você passou a ler mais com o acesso à internet?

Sim, eu lia quase nada, agora eu leio bastante,

11. Quais sites você acessa para fazer leituras?

Site que eu mais utilizo pra fazer leituras, então...tem o... nomes de sites eu não lembro muito...assuntos de empreendedorismo assim, e pequenas empresas grandes negócios costumo ler bastante também, mais nessa área de empresas mesmo.

12. Quais sites de busca você costuma utilizar para pesquisas acadêmicas?

Eu costumo usar infescola, cola da web

13. Como você inicia a pesquisa na internet?

Então eu geralmente busco mais, assim artigos em pdf, eu digito o assunto .pdf, por exemplo eu quero pesquisar vinagre eu digito vinagre. pdf, daí tipo, eu cliço em pesquisas que as pessoas já realizaram.

14. Quando você encontra a informação desejada na internet o que você faz?

Eu salvo em pastas e como favoritos,

15. Você costuma usar algum tipo de critério para salvar as informações?

Sim, tem um artigo, quando é da faculdade eu tenho uma pasta só da faculdade, e daí cada matéria que nem, digamos sexto período, pego coloco lá, se quero fazer um trabalho eu guardo lá as informações quando eu preciso sei que está dentro daquela matéria, prefiro me organizar assim.

16. Em pesquisas científicas como você identifica a relevância e importância da informação?

Então eu busco vê em mais, se nos sites, tipo, busco através da repetição na internet, não que só um site lançou, a gente lê a informação, e usando dados daquela informação para procuro em outros sites.

17. Como você identifica a importância do autor no meio científico?

Como eu costumo ler bastante artigo, geralmente eu busco os autores mais citados, tipo, eu procuro geralmente por quem é citado. Por exemplo, num trabalho sobre análise de gordura que a gente buscava por certificação e como o assunto era um pouco restrito, daí a gente buscava e via que muitos citavam aquele determinado autor, então a gente fez o trabalho em cima daquele autor, então a gente buscou a metodologia dele no original.

18. Como você sabe se uma informação é confiável ou verídica na internet?

Como eu disse busco em mais de um site, não só um site, a gente lê a informação, usando dados daquela informação para procuro em outros sites.

19. Para desenvolver trabalhos acadêmicos você prefere pesquisar em livros ou na internet os assuntos? Por quê?

Então se for um trabalho rápido, busco no internet, e quando é um trabalho digamos assim que precisa uma bibliografia mais qualificada digamos assim, eu busco na biblioteca, mais confiabilidade no caso.

20. Como você vê o uso da internet para o desenvolvimento acadêmico, social e profissional?

Costumo dizer pra quem sabe usar a ferramenta que tem é um ótimo recurso.

1. Nome?

A G C

2. Idade?

21 anos

3. Trabalha?

Trabalha em um supermercado, em um cargo administrativo.

4. Em que lugar você mais acessa a internet?

Como eu passa a maior parte do meu dia no trabalho, e também meu trabalho depende 100% da internet, tudo em torno da internet, seria mais no trabalho mesmo, em casa também, a noite, quando...em horas vagas.

5. Para efetuar leituras em suportes digitais, qual suporte você prefere? Por quê?

Bom...na verdade é mais a noite mesmo, quando não tem aula, mais a noite quando eu estou em casa mesmo. Apesar do trabalho, dou uma pesquisada, ou até mesmo na faculdade durante o intervalo.

6. Qual momento do dia você dedica à leitura?

Bom...na verdade é mais a noite mesmo, quando não tem aula, mais a noite quando eu estou em casa mesmo.

7. Em que lugar você costuma efetuar suas leituras?

Bom...na verdade é mais a noite mesmo, quando não tem aula, mais a noite quando eu estou em casa mesmo. Apesar do trabalho, dou uma pesquisada, ou até mesmo na faculdade durante o intervalo.

8. Quanto tempo você dedica à leitura diariamente?

Faz um certo tempo que eu não to lendo nada, as vezes eu entro em algum site de notícias, nas redes sociais, por exemplo, o facebook, quando alguém posta alguma coisa, você entra lá e lê.

9. Que tipo de informações você tem o hábito de ler?

Na verdade mais variado, não tem uma coisa específica, assim que eu vá atrás, o que eu achar interessante na hora assim, esporte é uma coisa que eu leio bastante.

10. Você passou a ler mais com o acesso à internet?

Na verdade antes lia mais, antes, por exemplo, sem internet sempre tinha que ler um jornal um livro, alguma coisa assim, na verdade, na internet você se "interte" mais faz outras coisas, acaba parando...

11. Quais sites você acessa para fazer leituras?

No caso, assim, a maioria das vezes o próprio scielo, que tem os artigos acadêmicos, algumas vezes o Capes também, eu já tentei buscar periódicos lá, mais basicamente é o scielo. Pouco mais confiável do que os outros.

12. Quais sites de busca você costuma utilizar para pesquisas acadêmicas?

Scielo, Google

13. Como você inicia a pesquisa na internet?

Acho que como todo mundo, pega joga, vai no Google e procura o assunto, primeiro, em qualquer site que tenha uma informação você lê, da para você ter uma base, quando for usar uma informação mesmo aí você vai procura em sites mais específicos. Mais o Google... começo por ali para ter uma ideia do que procurar.

14. Quando você encontra a informação desejada na internet o que você faz?

Bom, primeiro eu leio toda, aí eu vou dando uma resumida nela, pra ver as informações mais importantes, com esse resumo você já pega mais o assunto, consegue escrever com as suas palavras, aí fica mais fácil.

15. Você costuma usar algum tipo de critério para salvar as informações?

Bom na verdade, bom eu até comecei a dar uma organizada, por matéria, por pasta, só que eu fui meio que relaxando, aí, fui jogando tudo na mesma pasta. ou quando é importante joga na área de trabalho, fica mais fácil de achar depois.

16. Em pesquisas científicas como você identifica a relevância e importância da informação?

É que, geralmente peço conselho para os professores, sempre peço indicação de algum autor, alguma coisa que seja mais confiável, sempre peço indicação dos professores.

17. Como você identifica a importância do autor no meio científico?

Ver com os professores, se for conhecido, os professores indicam alguns autores, e se os trabalhos deles foram referência para outros.

18. Como você sabe se uma informação é confiável ou verídica na internet?

Tem que ver a confiabilidade dela, onde foi publicado, vê se os artigos condizem com o que eles pretendem falar, explicar.

19. Para desenvolver trabalhos acadêmicos você prefere pesquisar em livros ou na internet os assuntos? Por quê?

Hoje em dia pela facilidade eu pesquiso na internet, mas eu sei também que é importante, tem que ter uma pesquisa em livros, mas só que...hummm... primeiro na internet, alguma coisa que eu não ache, que tem que complementar, daí eu pego em livros, daí eu peço ajuda para os professores em que livro posso encontrar.

20. Como você vê o uso da internet para o desenvolvimento acadêmico, social e profissional?

Isso eu vejo como ferramenta importante, né como a gente tava dizendo antes, saber de informações, hoje em dia a gente tem contato com todo mundo, por exemplo eu faço faculdade aqui em Medianeira e moro em foz, é meio longe, mais mesmo com a internet você tá em contato com tudo aqui, tenho conhecidos aqui, converso com professores mando e-mail, pros professores, até mesmo pelo facebook converso tiro dúvidas, pra isso é bom.